## PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Amigo Mendonça.—Annunciaste n'um teu folhetim da *Revolução de Setembro* a proxima publicação das minhas poesias. Já que foste indiscreto, tem paciencia, e resigna-te ás consequencias legitimas da tua indiscrição. Para que as más linguas não apertem comnosco, sempre será bom consignar aqui de passagem, que, fallando em consequencias legitimas, nem sequer me passou pela cabeça exigir de ti as *legitimas consequencias* de amigo, que no mundo politico se traduzem em viscondados, e cá n'este das lettras, não menos aristocratico, em elogios bombasticos, que nem me competem, nem tu por certo me darás, porque a missão do critico é muito differente da de thuribulario officioso d'alheias composições litterarias.

O nosso caso é differente. Quando annunciaste o meu livro estava elle embargado na imprensa pela maior de todas as miserias. Faltava-me um prologo, e o que mais é, a pachorra de me pôr a dar satisfações ao publico pelo mal que estava feito, e que já não tinha remedio.

Quando eu assim me achava, na expressão vulgar entre a *cruz e a caldeirinha*, vejo o teu annuncio, e delibero-me á vingança impondo-te a contribuição forçada do que quer que fosse que se podesse imprimir no começo de um livro, ainda que tivesse tanta affinidade com um prologo, como um barão moderno com a nobreza, ou o progresso da humanidade com a projectada reforma da carta constitucional.

Nós, os poetas, somos como as mulheres bonitas: o capricho é a primeira das nossas necessidades mo-

raes. E é talvez por capricho que aborreço os prologos escriptos pelos proprios autores, e detesto cordealmente as theorias poeticas feitas de caso pensado pelos conscienciosos Aristoteles, que as inventam para as amoldarem catonicamente depois aos engoiados fructos das suas lucubrações litterarias.

Quem lê um prologo, está habilitado a devorar impassivel o artigo de fundo d'um jornal politico, ou, pelo menos, a descer bondosamente á apreciação da differença entre o *j* e o *i* romano.

Ahi vae o livro: se entenderes que não é tempo perdido baptisa-o, e apresenta-o aos teus leitores. Senão não fallemos mais n'isso.

Nas obras d'arte, como na politica, sou partidario do suffragio universal; o que o publico decidir é o que eu resignadamente acceito como sentença de que me não é licito appellar depois. Tenho mesmo minhas duvidas de que um volume de poesias possa valer alguma coisa n'esta Babel de interesses mesquinhos e oppostos, em que todos nós andamos mettidos.

Meu amigo — Já que annunciaste o meu volume de poesias, vê se quanto antes o habilitas a correr mundo. Peço-te que sejas severo. As minhas susceptibilidades litterarias já lá vão. Como critico não deves querer, mesmo a troco da amizade, perder os teus creditos de censor imparcial, dando-me aliás na severidade das tuas observações mais uma prova do que és, como eu sou teu verdadeiro amigo —*L. A. Palmeirim.*

Como deixaria eu de cumprir a commissão do poeta e do amigo?

Serei, todavia, breve. Eu creio nas vocações individuaes, nas raras excepções que protestam contra

a corrupção e a mediocridade: já perdi de todo a crença na evolução social operada em nome d'uma philosophia, creada e desinvolvida pelas superioridades naturaes d'um paiz.

Este Portugal, mantido e conservado pelas classes omnipotentes, não é um cadaver illustre, é apenas um moribundo, aterrado pela idéa da morte, mas sem coragem para se abraçar com a vida: tres seculos de monarchia absoluta esgotaram-lhe a gloria: dezesete annos de realeza representativa desbotaram-lhe a fé: estas revoluções parciaes, sem elevados intuitos, nem idéas definidas, definharam-lhe a esperança, e entregaram o seu destino á mais horrivel das fatalidades — aos acasos tremendos da insurreição popular, cega nas suas coleras, implacavel nos seus desejos, atroz, quasi sempre, nas explosões omnipotentes da sua vontade.

Quem levou o problema politico até estes fataes extremos? Quem é que podendo encaminhar a sociedade, pausada e progressivamente, a colloca no fim de tantos annos perto das calamidades d'uma dissolução imminente?

Não somos nós, de certo, os homens da geração nova, que protestamos todos os dias contra as torpezas e desvarios d'essa raça espolidora e inepta, que ou no poder ou na opposição, apenas se agita no prurido de vaidades turbulentas, e de interesses perversos, que havemos de carregar com essa responsabilidade.

Inuteis Cassandras, temos bradado debalde: somos innocentes de toda a intervenção n'esta situação vergonhosa, que nos aponta ao escarneo da Europa e ao stygma da posteridade.

Quando chegar o dia, em que, segundo a phrase de Thiers, *la marée monte, monte*, não nos peçam contas

dos cadaveres afogados e arrojados á praia, depois de abonançada a tormenta.

Todos sois complices; progressistas medrosos, conservadores corruptos, absolutistas scepticos, devoristas insaciaveis.

O que fizestes, durante dezesete annos?

O silencio da ignominia, é a vossa sentença final.

II

E todavia, meu caro poeta, se ha alguma coisa que possa sobreviver no meio d'esse cataclismo, que eu prevejo, e que não olho sem terror, é a arte, é a poesia, são esses cantos, que a tua musa (perdôa a trivialidade da expressão) *fiou* descuidosa e tranquilla, ao canto da lareira, nas noites de inverno, e que o nosso povo repete desde os pantanos do Riba-Tejo até ás formosas varzeas do Minho e Traz-os-Montes.

E' já banal o fallar d'estas coisas; mas as cabeças rudes, e as invejas teimosas, necessitam que lhes repita, muitas vezes, a phrase de Chateaubriand: «Na sua desesperança de subir mais alto elles desterram com compaixão Virgilio e Racine para os seus versos. Mas para onde vos havemos de enviar, pobres senhores? ao esquecimento: espera-vos a vinte passos de vossa casa, em quanto vinte versos d'esses poetas os levarão á extrema posteridade.»

O que resta da Grecia antiga? Algumas famosas ruinas, alguns grandes monumentos litterarios: a arte, immortal e eternamente bella, eis o magestoso epitaphio d'esse grande povo.

Não basta ver o Colyseu, allumiado melancolicamente pela lua e com as arcadas imponentes meio desfeitas pela acção do tempo, e pelo vandalismo dos homens, para imaginar a grandeza romana?

Admiravel destino é o dos artistas: eternamente invejavel a coròa, que se é de espinhos na vida, é, depois da morte, o brazão de todo um povo, a admiração de todo um seculo.

Muitos d'aquelles pintores italianos do seculo XVI, mortos uns de desespero, outros pungidos da ingratidão, ou da inveja, não sabes como se vingaram das affrontas?

Quando Bonaparte ameaçava as cidades, foram alguns dos seus quadros que as resgataram dos horrores da guerra! As obras primas do seu engenho conservaram a honra, a vida e a fazenda a milhares de familias desoladas, e alguns traços de pincel n'um pedaço de lona foram mais poderosos para a salvação commum, do que o esforço dos seus filhos, o heroismo dos seus soldados, e os canhões das suas fortalezas!

Bonaparte havia dominado a victoria, mas curvou-se submisso perante o esplendor do genio.

E quando os alliados entraram em Paris, o que mais pungiu no coração dos francezes foi que os tropheos das suas glorias, esses magnificos monumentos que se admiravam no Louvre, fossem outra vez restituidos, como justa reparação, ás cidades orphãs das suas esplendidas recordações.

## III

A arte, n'este seculo, e é este um dos mais poderosos symptomas da emancipação social, vive e alenta-se pelo influxo da democracia.

Quem não descobre nos monumentos do Egypto o culto barbaro de um pantheismo grosseiro? Os capiteis assimilham-se ao desabrochar lento e magestoso das palmeiras: os obeliscos reproduzem as eleva-

ções caprichosas de granito que coroam as alturas do alto-Egypto. E' a servidão do homem representada na ausencia completa da sua individualidade moral: os monumentos são um capricho do despotismo: os seus cimentos são amassados com o suor e com o sangue de milhares de operarios obscuros: a humanidade parece que desappareceu d'aquellas monstruosas creações: é a imitação servil da natureza: nem um nome de artista vem protestar, em nome da intelligencia e da liberdade humana, contra esses caprichos gigantescos, collectivamente concluidos pelas differentes castas de uma organisação oppressivamente hierarchia.

Já não é assim na Grecia. Essa terra bem fadada, que adora o esplendor de seus proprios destinos, que sósinha e isolada, rodeada de montanhas, conserva o germen d'uma admiravel civilisação, contra as brutaes tentativas da barbaridade armada, idealisa o culto do homem nas concepções da estatuaria. E' a apotheose da humanidade, é a deificação das paixões humanas, construida na imaginosa religião da mythologia: os seus personagens heroicos são, pelo menos, semideuses: as suas creações plasticas tomam por thema o homem, por assim dizer, glorificado pelo nectar e pela ambrosia do Olympo.

Morta, retalhada, perdida a sua lingua e as suas tradições, ainda a podeis admirar na sua Niobe inconsolavel, que se admira nos museus, sublime no seu desespero, typo immortal da affeição mais augusta que pode inflammar a alma d'uma mulher. E' ainda acatada pelo prestigio das suas immorredouras glorias, que, muitos seculos depois, se emancipa do jugo musulmano, e que renasce nação independente, assignalando o seu novo berço com esse heroismo sobrehumano que lhe conquista a protecção da Eu-

ropa, e lhe faz merecer os cantos e o sacrificio da existencia do maior poeta moderno—de lord Byron.

Roma, concentrada dentro dos muros, organisada e robustecida nas discussões do *forum*, sem abandonar a religião do paganismo, reproduz nos seus monumentos o seu culto social — o da cidade politica. São columnas, são amphitheatros, são aqueductos, são templos, que resumem essa existencia tempestuosa, essas luctas entre o povo e o patriciado, que engrandecem e glorificam a individualidade humana. Podeis condemnar, em nome da quietação e da paz moderna, esses seculos ensanguentados; haveis de curvar a cabeça perante a legenda immortal que manifesta á posteridade os prodigios da actividade social e politica: *Senatus Populus que Romanus.*

Muito se tem dito sobre a revolução religiosa, que, nascida nos confins da Asia, transformou o mundo e modificou o existir das sociedades modernas.

O christianismo é d'origem democratica; os seus principios moraes são o ideal de todo o governo livre: se elle se afasta do seu berço, nas successivas usurpações do papado e da realeza, nem por isso perde o respeito e a veneração que lhe consagram todos os espiritos que aspiram para a egualdade, e desejam completa a victoria do dogma democratico.

Em relação á arte, o christianismo quasi que produz duas novas manifestações: a pintura e a musica. Uma, que torna o homem individual em todas as agitações da vida terrena; que o apêa do pedestal olympiano, e o representa martyr das paixões: a outra, que nas combinações as mais phantasticas exprime triumphantemente esse presentimento da immortalidade, que é a um tempo o supplicio e a consolação dos que penam e soffrem nas contrariedades pungentes da vida.

Architectura, esculptura, pintura, musica, essas artes que imperam mais ou menos distinctamente nas differentes evoluções da civilisação universal, fundem-se, completam-se, resumem-se todas na poesia.

IV

Qual é a voz sinistra que annuncia, pela ascensão politica das classes desherdadas, a morte, ou, pelo menos, o enfraquecimento da poesia e da arte?

Qual é o hypocrita que, ajoelhado sobre o tumulo de Goethe e de Byron, exclama: «A poesia expirou?»

Digam antes que a arte não se accommoda com a avidez do ganho, com as lucubrações exclusivas da riqueza, com a enthronisação da burguezia, com o despotismo inglorio de uma oligarchia sensitica: digam antes que a substituição das idéas pelo interesse, das paixões politicas pelos calculos commerciaes, e tudo em beneficio de uma classe, estacionam o espirito publico, e desfloram a imaginação das nações.

Tres grandes poetas conta hoje a França: Béranger, Lamartine, e Victor Hugo.

Um traduz a alma do povo em cantos immortaes: o segundo, poeta das tradições ao principio, alistou-se, em nome dos severos e austeros principios do christianismo, nas filas da democracia: o ultimo acaba de revolver a monarchia no lodo da ignominia, e de cobrir de ridiculo as vaidades de pretendentes lilliputianos, achatados debaixo do peso das glorias, que cada um d'elles deveria representar.

A corôa de S. Luiz esmagaria a cabeça de Henrique de Chambord: a aguia omnipotente de Napoleão *pequeno*, que tenta conseguir por trapaças igno-

beis, o que Bonaparte alcançou por esplendidas victorias.

E' que os grandes homens morreram: hoje o culto publico dirige-se todo aos grandes principios.

E pode acaso, ó meu poeta, ser esteril para a imaginação, para a poesia, esse tremendo problema que tem de resolver-se n'este seculo? E de instincto, ou de sciencia certa não resurge elle, a cada passo, nos cantos contemporaneos?

Tu és talvez de todos o que te aproximas mais das recordações nacionaes: mas quantas vezes, como no *Masanielo*, no *Guerrilheiro*, no *Portugal*, não se encontra a aspiração para o futuro, esta alliança da saudade com todo o viçoso florir da esperança?

Não dizes tu:

> Sou um poeta, soldado
> Não sei á missão mentir,
> N'este canto maguado
> Disse tudo sem fingir.
> Poeta da liberdade,
> Fiz d'esta nova deidade
> A dama do meu pensar,
> Prostrei-me aos pés da donzella,
> Heide com ella, e por ella,
> A minha terra cantar!

Pois então, esse sentimento generoso pode acaso tornar esteril a lyra do poeta? Pois a arte, que é a escada mysteriosa que nos aproxima da eterna belleza, emmudeceria despeitada, porque a imaginação humana se engrandece com os sonhos delirantes de uma revolução social?

Poeta, eu rio-me d'esses criticos sem fé, inter-

pretes do egoismo das classes poderosas e abastadas; a arte, como o Antêo antigo, pede forças á terra, que é a sua mãe: inspirada pelo genio do povo, engrandecida pelo fervor das suas esperanças, pelos sacrificios heroicos da sua longa lucta, ella hade brilhar n'este seculo, como contraste d'essas paixões devoradoras, que devastam a intelligencia humana, submettendo-a á adoração exclusiva de um grosseiro materialismo.

O teu livro é um ecco magestoso das agonias, dos desejos, das ferventes e generosas affeições que abrazam o povo: hade viver com elle, e por elle: é um protesto e uma desculpa: protesto contra estas vergonhosas especulações, e esta descarada corrupção, que se ostenta sem pudor, e sem compensação; desculpa d'esta tibieza, d'esta ignavia, d'esta resignação bondosa, com que temos supportado os vicios e a infamia de um regimen tão immoral, como absurdo.

Venha elle pois alentar a fé dos indifferentes, e preparar a transformação da sociedade actual.

Se as revoluções amadurecem os destinos de um povo, é a imprensa, são as fadigas do pensamento que apressam e aproximam essas grandiosas manifestações do espirito humano.—Lopes de Mendonça.

---

Confesso sinceramente que tenho saudades de abandonar o meu livro, não pelo que elle valha em si, mas pelo que me recorda de grato ao coração.

Não me cega a vaidade. Sei que o meu livro é acceito pelo povo, mas conheço de mais as razões que lhe tem grangeado esse favor não merecido. Inspirado, e escripto quasi sempre em circumstancias difficeis e excepcionaes, d'estas que deixam doloro-

sas recordações no animo do povo; por pouco, ou nenhum merito que tenham estes cantos, valêram então como um conforto em momento de dôr, ou foram applaudidos como um brado de enthusiasmo quando era muita a esperança, ou grande o desalento popular.

A voga que tiveram algumas das minhas poesias nasceu d'aqui. Não e preciso ser O' Connell para despertar o enthusiasmo do povo, nem Béranger para revolucionar cantando a França inteira. As circumstancias e o momento influem poderosamente na imaginação do povo.

O que aos olhos da critica talvez mereça ser fulminado, quem sabe se já terá sido acceito pelo povo, que decora e repete o que muitas vezes a critica despedaça e rasga?

O escriptor não pode nem deve rejeitar a competencia de nenhum tribunal. A appellação da critica para o juizo publico, e do juizo publico para a critica, é uma covardia litteraria que detesto e rejeito, ainda quando o meu livro houvesse de ser sentenceado e proscripto por esse outro tribunal mais severo, e que tambem reconheço, que afere um livro pelas regras d'arte, em quanto que o povo sentenceia ou applaude pelos impulsos, mais generosos do coração.

Confesso que me arreceio de apresentar ao publico uma collecção completa das minhas poesias. O que talvez tenha até hoje merecido desculpa, como um som fugitivo que fere o ouvido e passa, não alcance agora da critica nem protecção nem applauso.

Se algum orgulho tenho, é em não declinar a responsabilidade do que escrevi, bom ou mau; nem de me esquivar com desculpas banaes às censuras

que a critica tem por dever, e que o escriptor deve acceitar até aonde alcance a delicadeza e urbanidade do censor.

Victor Hugo escreveu no prologo das suas Orientaes as linhas que seguem: «L'auteur de ce recueil n'est pas de ceux qui reconnaissent à la critique le droit de questionner le poète sur sa fantaisie, et de lui demander pourquoi il a choisi tal sujet, broyé telle couleur, cueilli à tal arbre, puisé à telle source. L'ouvrage est-il bon ou est-il mauvais? Voilà tout le domaine de la critique. Du reste, ni louanges ni reproches pour les couleurs employées, mais seulement pour la façon dont elles sont employées.»

Pensamos exactamente como o illustre poeta. Se formos mal recebidos pela imprensa, contentar-nos-hemos, na derrota, em saber que algumas das nossas pobres poesias, traduzidas no canto, alentam nas horas do trabalho o animo cançado e abatido do povo, que algumas d'ellas tem sido decoradas como symbolo da esperança no futuro, e outras acceitas como gratas recordações do passado.

Lisboa, 30 de Outubro de 1851.

L. A. PALMEIRIM.

## A POESIA

Je fus poete alors! Sur mon âme embrasée
L'imagination secoua sa rosée,
Et je reçus d'en haut le don intérieur
D'exprimer par des chants ce que j'ai dans le cœur!

A. Brizeux.

Vou cantar, foi minha sina
Cantando levar a dôr:
Heide cumpril-a. E' divina
A missão do trovador.
Quiz-me Deus por seu propheta,
Fadou-me, fez-me poeta,
Deu-me este mago condão;
Não heide mentir á lyra,
Nem involver na mentira
As vozes do coração.

Não heide; que a poesia
Dentro d'alma me nasceu,
Tão casta como a sentia
O namorado Dircêo.
Tão pura como deslisa
Das palavras d'Heloisa
A descrever Abeilard;
Tão robusta, tão provada,
Como contam da espáda
Do Camões—a guerrear!

Brotou-me puro e singelo
O meu singelo trovar,
Como nasce o lyrio bello
Sem cultura á beira-mar.
Nunca teve outro cimento,
Que não fosse o sentimento
D'este mundo desleal;
Nunca teve outra alegria,
Senão em sonhar um dia
Venturas a Portugal.

Cantei, em trovas sentidas,
Como cantou Bernardim,
Todas as juras mentidas
Que me fizeram a mim!
Fui poeta dos amores;
Como os demais trovadores
Uns lindos olhos cántei;
Como a Tasso desprezado,
Ainda não sei, coitado!
Como á vida me voltei!

Mas voltei; tinha saudades
Da minha terra infeliz,
Esqueceram-me as maldades
D'esta nova Beatriz.
Tinha prisões mais doiradas:
Eram as crenças herdadas
Da minha terra natal;
Eram os contos viçosos,
N'outros tempos mais ditosos,
Contados de Portugal.

Era tudo o que no peito
Sente quem tem coração;
Era temporal desfeito
De saudades e paixão;
Ao amor faziam guerra,
As lembranças d'esta terra
Em que vi, gozei a luz;
Em que, pela vez primeira,
Tive crença verdadeira
Na santa lei de Jesus.

Nascera-me dentro d'alma
Um mais forte e puro amor,
Que a todos levava a palma,
Que tinha maior valor.

Eram cantos decorados,
Dos altos feitos marcados
Com o cunho portuguez;
Eram as Quinas erguidas,
Nas arestas denegridas
De Ceylão, Ormuz e Fez!

De novo voltei á vida,
Saudei o luso pendão,
N'uma lagrima nascida
Do fundo do coração!
Chorei o tempo perdido
N'esse amor estremecido,
Que me fôra tão cruel;
Chorei antigos delictos,
Como outr'ora esses proscriptos
Sobre a terra d'Israel!

Chorei o ter-me esquecido
Do tudo o que Deus mandou
Que fosse no mundo tido
Como Elle o ensinou!
Chorei sobre a liberdade,
Que nos braços da beldade
Por pouco que não morreu;
Chorei tudo, chorei tanto,
Que pude com o meu pranto
Lavar o delicto meu.

Desde então a minha terrra
Foi só tudo para mim;
As crenças que o peito encerra,
Depôr-lh'as aos pés eu vim.
Nunca mais a minha lyra
Se adornou de vã mentira
D'um falso mentido amor;
Ergui-me de pé—altivo,
Depuz ferros de captivo
Por honra do trovador.

Sou um poeta-soldado,
Não sei á missão mentir;
N'este canto maguado,
Disse tudo sem fingir.
Poeta da liberdade.
Fiz d'esta nova deidade
A dama do meu pensar:
Prostrei-me aos pés da donzella,
Heide com ella, e por ella,
A minha terra cantar.

Heide, sim, que as rudes fallas
De soldado as puz aqui;
Mentiras que são das salas,
Nunca eu as traduzi.
Não as sei—nem que soubera,
N'estes versos as puzera,
Que todos verdade são;
Nem tem logar a mentira,
Traduzindo aqui na lyra
As vozes do coração!

---

## O GUERRILHEIRO

Efface, efface, en ta course nouvelle,
Temples, palais, mœurs, souvenirs et lois!
Hennis d'orgueil, ô mon coursier fidèle,
Et foule aux pieds les peuples et les rois!

BERANGER

I

Eil-o erguido no topo da serra,
Recostado no seu arcabuz:
De pequeno creado na guerra,
Não conhece—não vê outra luz.

Viu a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar:
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Era noite, sem lua, sem nada,
E debaixo do negro docel,
Reluzia-lhe a fronte crestada,
Relinchava-lhe o negro corsel.
Fóra noite talhada á sortida:
Fora d'horas quem hade velar?
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Eia, sus, ó meus bons camaradas
D'esse somno por fim despertae:
Além tendes as vossas espadas,
Eia, sus, bem depressa afiae.
Vae a terra da patria vencida,
Quem da lucta se pode escusar?
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Que me siga quem tem a vaidade
«De ouvir balas sem nunca tremer;
«Que me siga quem quer liberdade,
«Quem não teme na lucta morrer.
A estranhos a patria vendida
Pede braços que a vão libertar.
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Já povoam os eccos da serra
Os sons rudes de altivo clarim;
E d'involta com os gritos de guerra
Vão em roda cantando-lhe assim:

«Eia, ávante, que á patria aggredida
«Quer seus filhos na lucta encontrar.»
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Sopra o vento; desfralda a bandeira,
A que os livres á guerra chamou;
A que nunca na guerra estrangeira,
De vendida ninguem aleunhou:
Por um santo varão foi benzida,
Não na podem estranhos prostrar;
—Pula o sangue, referve-lhe a vida:
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Era noite; mas noite calada.
Sem estrellas no ceo a luzir;
Fôra noite dos santos fadada
Para a terra da patria remir.
«Se esta lucta por nós fôr vencida,
«Pode a terra da patria folgar.»
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Adeus serra calada, gigante,
«Erma filha do meu Portugal;
«Adeus terra que inspiras distante,
«Este canto sentido e leal!
«A estranhos a patria vendida,
«Pede braços que a vão libertar.»
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

II

Não faltava ninguem no combate,
Não faltava na lucta ninguem;
Só depois—já depois do embate,
Rareava nas filas alguem.

Foi acção por acção decidida;
Vinde os mortos no campo contar!
—Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Era dia: nas armas luzentes
Vinha em chapa batendo-lhe o sol;
Mas nem todos dos lá combatentes,
Viram brilho do immenso pharol.
Pela terra, de sangue tingida,
Mais de um bravo se via rojar.
—Pula o sangue, referve-me a vida;
Vtnde ouvir-me meu triste cantar!

Vencedoras as Quinas ficaram,
Vencedoras ainda uma vez;
Mas de pranto depois as regaram,
Quem lhes dera valor portuguez.
Lá ficara uma espada esquecida,
Sem que o dono a pudesse zelar.
—Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Desabando do topo da serra,
Lá deixara o fiel arcabuz:
De pequeno creado na guerra,
Viu na guerra extinguir-se-lhe a luz.
Vira a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar:
—Pára o sangue, desaba-lhe a vida:
Já não lhe ouço seu rude cantar!

---

## RECORDAÇÃO DA INFANCIA

### AO MEU AMIGO MACEDO

No more, ó never more!!
SHELLEY

Este som harmonioso
Foi-m'outr'ora conhecido;
Inda me resta a lembrança
Que me traz tão commovido.

Alegre tangia o sino
Em dias de baptisado:
Carpia triste e solemne
Apregoando um finado.

Estes sons, oh! não me enganam!
São sinos da minha terra:
Ouvi-lhe as *Ave-Marias*
Nos tristes eccos da serra.

Quando eu era pequeno,
Da pobre casa fugia;
Indo sentar-me sósinho
No adro da freguezia.

Todas as tardes, sol posto,
Repicava o bom do sino:
Pelo que já me não lembro,
Era ainda pequenino.

Oh! que invejas que eu não tinha
De não ser quem o tocasse!
Quem fizesse os casamentos.
Quem os eccos afinasse.

Se morria alguem na aldêa,
Eram os eccos sentidos
Que choravam pelo morto
Da desgraça commovidos.

O sino grande da torre
Que dobra pelo Natal,
Era tão bello e suave,
Que não tinha outro egual.

As velhas da minha terra,
Diziam todas á uma:
«Que sino tão afinado»
Não havia em parte alguma.

Que saudades que me ralam
De lhe ouvir os sons distante,
De não poder mais de perto
Ouvil-os a todo o instante.

Cada som que vem da serra
Me traz distincta saudade,
Ora falla em «Magdalena»
Ora diz pura amizade.

Recordo-me então de tudo
Que passei na meninice,
N'aquelles felizes tempos
De candura e de ledice.

Se por fresca madrugada,
Acordadas pelo sino,
As avesinhas do campo
Entoavam sacro hymno;

Despertava toda a aldêa,
Começavam os trabalhos;
Os rouxinoes se acoitavam
Nos velhissimos carvalhos..

Eu então era creança,
A furto a meus paes fugia;
Indo sentar-me sósinho
No adro da freguezia.

Já lá vae tão bello tempo;
Magdalena já não vive!
D'esses amigos da infancia,
Nunca máis noticias tive!

Só d'espaço, muito a espaço,
Os eccos vindos da serra,
Me trazem na viração,
Saudades da minha terra.

Quem me dera vêl-a ainda
Das olayas enfeitada;
Similhando alegre virgem
D'inda ha pouco desposada.

Mas que iria eu lá fazer?
Ninguem me conheceria,
E a mim, que choro por elles,
Pousada ninguem daria!

Morra pois distante d'ella,
Mas não ouça eccos da serra,
Trazer-me na viração
Saudades da minha terra.

---

## NO ALBUM

DE

MADEMOISELLE C. DE CHARDONNAY

Era la donzella ornata di sembianze
mirabili, di leggiadro contegno, di voce
molle, d'insinuante loquela.

A. Verri.

Assim como o sol as plantas
Aviva com seu calor,
Assim como as mansas brisas
Trazem da tarde o frescor;
Tu trouxeste estro divino
A' lyra do trovador.

Melancolicas saudades
N'outro tempo já cantei,
Largas horas meditando
Por uns olhos já passei;
Mas hoje, quem tal dissera!
Nem mesmo chorar já sei.

Horas mortas assentado
Eu sósinho á beira-mar,
Procurava n'este mundo
Ter alguem a quem amar;
Ter alguem a quem sentido
Dedicasse o meu trovar.

As do ceo, lindas estrellas,
Buliçosas a luzir,
Alvas rosas da campina
Em botão prestes a abrir;
Não me inspiravam poeta,
Não me faziam sentir.

Lindo sol, por entre nuvens,
Rei dos astros a passar,
Pallida lua d'agosto
No meu Tejo a namorar;
Não me davam sentimento
Não me faziam cantar!

Tinha de todo perdido
A divina inspiração;
Era cantor de tristezas
Poeta não era, não;
Para o ser como devia
Faltava-me o coração.

Mas hoje volto de novo
A ser devéras cantor:
Tenho fé na minha lyra,
Tenho n'alma mais vigor;
Tu trouxeste estro divino
A' lyra do trovador.

Disseste ao poeta «canta
Que o teu estro serei eu»
O poeta teve crença
Que a teus olhos só deveu;
Ahi vae senhora o canto,
Este canto é todo teu.

---

## A ESTRELLA D'ALVA

Comvosco eu sou maior; mais longe a mente
Pelos seios dos ceos se immerge livre.

A. Herculano.

Estrella brilhante, que apontas o dia,
Que passas alegre brincando no ceo;
Os anjos te fadem com hymnos saudosos,
Te cantem victoria, estrella sem veu.

Que novos alentos nas trevas perdidos,
Ao peito do triste teu brilho não traz!
A pobre donzella, que morre de amores,
Co' a luz matutina vistosa se apraz.

O rei no seu throno, que verga c'o peso
Do sceptro doirado que dos reis herdou,
Ao ver-te brincando dos ceos na campina
Do leito custoso risonho accordou.

As aves que dormem involtas nas ramas
De agudo cypreste que mortes prediz;
Ao ver-te orgulhosa toucada d'encentos
Saudades derrama no peito infeliz.

Avultas constante brincando innocente,
Aos hymnos do mundo, dos anjos á luz;
E's virgem bemquista dos homens, da terra,
Que a todos vistosa teu brilho seduz.

O velho cançado da vida árrastada
Que á campa sem lettras o tem de levar,
A fronte pendida no chão dos finados
Ao ver-te levanta, contricto a rezar.

Fadada tu sejas rainha do mundo,
Que alegres, de tristes, nos tornas assim;
E nutres n'est'alma, que chora pezares,
Encantos da vida, eternos, sem fim.

A candida rosa, que a noite tem murcha,
Mal vê despontar-te sorri de prazer;
E folga contente nos ramos que dobram
Com peso tão bello, a mais não poder.

Ao ver-te brilhante trazer descuidada,
Apoz da borrasca bonança a sorrir;
Nas trovas que a lyra me deu susurrando
Teu nome enlaçado busquei reunir.

E junta comigo, nos cantos saudosos,
Formosa donzella teu nome sagrou;
Belleza que encerras com mil attractivos
Cantada por ella mais linda ficou.

E o pobre poeta, fadado a cantar-te,
Humilde e contricto se arroja no chão;
E tu lhe respondes, passando orgulhosa
Com brilho divino de mór galardão.

Estrella brilhante, que apontas o dia,
Que passas alegre brincando no ceo;
Os anjos te fadem com hymnos saudosos,
Te cantem victoria, estrella sem veo.

---

## ADORMECIDA

Elle dort... elle dort... larmes de ma douleur,
Ne la réveillez pas en tombant sur son coeur!
Vous qui la connaissez, venez, anges fidéles,
Couvrir son pur sommeil du calme de vos ailes.

ALEXANDRE SOUMET.

Como é bella adormecida!
Parece-me estatua caida
Do pedestal!
Como a dormir é formosa!
Parece fragrante rosa
No seu rosal!

Deixa-m'a ver bem de perto,
N'aquelle sorriso incerto
Que tanto diz.
D'este mundo deslembrada,
A dormir tão socegada
Como é feliz!

Silencio.—Deixae-me vêl-a,
Como ella é gentil e bella
No seu dormir!
Parece, mesmo dormindo,
Que nos labios vae fugindo
Um seu sorrir!

Arfa-lhe o peito saudoso,
Como ao cysne mavioso
N'um mar d'anil.
Tem no rosto desenhadas,
Como tem tambem as fadas
Bellezas mil.

Parece um anjo, parece,
Se entre nuvens do ceo desce
Sorrindo assim!
Oh! não tem maior belleza,
Essa magica lindeza,
D'um serafim!

Minhas lagrimas cautela!
Deixae-a dormir, que é bella,
Meu coração!
Seus olhos não desvendados,
Inda mesmo assim cerrados
Que lindos são!

N'esta languida postura,
Mais se exalta a formosura
A realçar.
Que meiguice desenhada,
N'essa fronte namorada
Vejo raiar!

Ai! quem soletrar soubera!
Ai! quem nos olhos pudera
Seu fado ler!

Talvez que se fôra amado,
Fosse menos maguado
O seu viver.

Como é bella adormecida!
Parece estatua caida
Do pedestal!
Como a dormir é formosa!
Parece fragrante rosa
No seu rosal!

---

## CREDO

Sur mon isolement je me trompe moi même!
LAMARTINE

Tenho fé n'um rosto triste
Que não revela a paixão;
Tenho fé n'esses sorrisos
Que não dizem sim, nem não;
Tenho fé n'uns olhos pretos
Sempre pregados no chão.

Tenho fé nas avesinhas
Pelos bosques a trinar;
Tenho fé nas mansas ondas
Que nos seixos vem quebrar,
Como um protesto de virgem,
Que jura não mais amar.

Mas a minha fé mais viva,
A que tem mais duração,
A que tenho por segura
N'este mundo d'illusão:
E' n'um rosto que nos olhos,
Deixa ler o coração!

---

# IGNEZ DE CASTRO

> As filhas do Mondego a morte escura
> Longo tempo chorando memoraram,
> E, por memoria eterna, em fonte pura,
> As lagrimas choradas transformaram.
>
> CAMÕES—«Lusiadas.»

I

Meiga filha de amor, terna saudade,
Vem pousar-me na lyra; vem sentida
Maga filha do ceo, dar vida ao canto
Do pobre trovador. Alento novo
Só espera de ti meu alaúde.
Costumado a cantar da patria as glorias
Em lyra portugueza, hoje de lncto
Mal pudera sem ti cantar tristezas;
Bem bastam as que vão por esta terra,
Outr'ora tão temida! bem me bastam,
As que o peito em segredo me devoram.
Inspira-me, saudade. Vem na campa,
Da triste e bella Ignez, chorar comigo.
Ás margens do Mondego, vae, escuta
As queixas que ella solta; ás mansas brisas,
Aos eccos da montanha, ao triste choupo,
Ao correr saudosissimo das fontes,
Interroga de amor as confidencias.
Depois, meiga saudade, vem na lyra,
Saudosa suspirar. E' tua, dou-t'a,
A lyra onde hei cantado a patria, a gloria.
Só te peço de amor sentidas queixas
Maga filha do ceo. Só peço um canto,
Aonde gemas triste; aonde a morte,
Pranteada por ti, encantos tenha.
Vem; pousa-me na lyra. Inspira o canto,
Meiga filha de amor—terna saudade!

II

Se ha quem tenha no peito sentido,
As tormentas que nascem de amor;
Ao sentir-se de Ignez condoido
Pelos prantos—será trovador!

Se ha quem tenha uma vez suspirado
Por ver morta a esperança em botão,
Venha aqui suspirar magoado,
Abra ás queixas o seu coração.

Se ha quem tenha corado de pejo
Ao ouvir esta terra ultrajar;
N'estes cantos, unido o desejo,
Bem unido, podemos chorar.

Se ha quem tenha maldito mil vezes,
A deshonra da terra natal;
N'estes versos, que são portuguezes,
Vindiquemos o bom Portugal.

E' dever de seus filhos. Mal haja
Quem da patria uma vez se esqueceu;
Quem descrendo de tudo a ultraja,
Quem as chagas lhe não escondeu!

Eu, seu filho, talvez não devera
Suas manchas moldar em canções...
Mas o caso, qual foi, não morrera,
Deu-lhe vida o cantor do Camões!

Deu-lhe vida essa fonte que dura
Desde então pela triste a chorar!
Deu-lhe vida esse rio que murmura;
Deu-lhe vida o seu longo penar!

Se ha quem tenha no peito sentido
As tormentas que nascem de amor ;
Ao sentir-se de Ignez condoido
Pelos prantos—será trovador!

III

«Estavas linda Ignez posta em socego»
Só curando de amor. Pelo teu Pedro,
Pelos filhos gentis, tu só vivias.
A's margens do Mondego em tom sentido
Repetias de amor saudosas queixas
«Aos montes ensinando, e ás hervinhas»
Do seu Pedro—do teu—ardentes juras.
«De dia em pensamentos que voavam»
Ao teu regio amador, ao longe, ao longe,
Mil sentidas endeixas enviavas;
Que as brisas da manhã repercutiam.
«De noite, em doces sonhos mentirosos»
Julgavas tel-o perto. E de contente,
E de louca de amor o estreitavas
Ao peito mal soffrido. Oh! que de beijos,
Que de abraços, em vão, não foram dados
Em sonho deleitoso! Que protestos,
Trocados entre os dois, foram acceitos
Pela mudez da noite! Tu, Mondego,
Que lh'os ouviste todos bem puderas,
Prolongar-lhe o sentir, fazer que o sonho
Enleiada a trouxesse por mais tempo
«N'aquelle engano da alma ledo e cego
«Que a fortuna não deixa durar muito.»
Que amor que lhe ella teve! Oh! quem lograra
N'estes tempos que vão amor tão puro!...
Formosa, linda Ignez, mal tu pensavas,
Que o premio do sentir fosse o cutelo
De algozes deshumanos! mal previas,
Que as rosas da campina, as companheiras
Dos teus sonhos de amor, fossem regadas

Por teu sangue innocente! Vem, saudade,
De luctuoso crepe, orna-me a lyra.
E depois, a chorar, rediz-me a sorte,
«Da mimosa bonina, que cortada
«Antes de tempo foi, candida e bella.»

IV

Por este canto sentido
Minhas lagrimas correi.
De Ignez o pranto vertido
Minhas lagrimas dizei!
Selae-me os versos; que importa,
Que quem tem a fé já morta
Vos não queira acreditar?
De Ignez os tristes amores,
Heide aqui de verdes flores
Nos cantos engrinaldar.

Heide sim; heide colhel-as
No fundo do coração.
Heide depois off'recel-as
N'esta singela canção.
E' pobre, mesquinha a offerta:
Mas se a vontade vae certa,
Que mais heide dar aqui?
A chorar de ha muito afeito,
Nem por isso hoje o meu peito
Desdirá do que senti!

Linda Ignez! que triste sorte
Teve o teu sentido amor!
Só gelada mão da morte
Te póde roubar valor.
Mansas aguas do Mondego,
Que lhe ouvistes, em socego,

Os seus fundos, tristes ais;
Dizei-me, saudosos aguas,
Se jámais tamanhas maguas
Tiveram de si rivaes?

Dizei-m'o prados e fontes;
Dizei-m'o rosas do val;
Dizei-m'o selvas e montes;
Dizei, aguas de cristal!
Oh! não houve, que na terra
Tamanho amor não encerra
Um peito que Deus creou!
Houve aquelle, mas segundo,
Tão sentido, tão profundo,
Deus á terra não mandou!

Não mandou, que não podia
Fazel-o, qual ella o fez!
Nem o mundo entenderia
O amor d'uma outra Ignez!
Em troca do sentimento,
Soffreu na terra o tormento,
Teve o mundo por algoz;
O avô dos proprios filhos,
Esquecendo antigos brilhos,
Foi avô... foi rei feroz!

Oh! quem não sente de vêl-a
Tão moça morrer assim?
Quem a não chora, tão bella,
Ter aquelle triste fim?!
De illusões, de tudo cede;
Para os filhos é que pede
Do seu rei a protecção.
«Só te peço, rei, que leias,
Que o sangue que tem nas veias
E' da tua geração!»

Por este canto sentido
Minhas lagrimas correi.
De Ignez o pranto vertido
Minhas lagrimas dizei.
Selae-me os versos; que importa,
Que quem tem a fé já morta,
Vos não queira acreditar?
De Ignez os tristes amores,
Heide aqui de verdes flores
N'este canto engrinaldar.

V

E mataram-te; Ignez! teu Pedro ausente,
Não pôde desviar de ti o golpe,
Que o vendido punhal dos assassinos
No peito te cravou! Mal hajam elles!
Mal haja quem te pôde ver as rosas
Do rosto desbotadas. Oh! mal haja,
Quem de sangue tingiu as mãos cruentas
«No collo de alabastro, que sustinha
«As obras com que amor matou de amores»
Aquelle que depois se vinga altivo
C'roando-te rainha! Oh! mal haja,
Quem de Pedro, o Cruel, excita a sanha
Para a morte vingar da cara esposa!
«Bem puderas, ó sol, da vista d'estes»
Tristissimos successos afastar-te!
As filhas do Mondego, em triste pranto,
Tua morte sentida memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
Para que eterno fosse o caso triste,
Transformaram as lagrimas choradas.
Ignez, formosa Ignez, hoje o meu canto
Escuta-me se podes. E na lyra,
Aonde o teu cantor cantei a medo,
Inspira, linda Ignez, sentida endeixa!

VI

Eu quizera ter lyra afinada,
Pelas harpas dos anjos do ceo;
Que na corda de amor màguada,
Descantara de Ignez o tropheo.

Que tão triste não foi! que sentido,
Foi de Pedro e de Ignez o sentir!
Inda agora de manso ao ouvido
Cuido as queixas de Ignez distinguir.

Inda agora—tão longe—! parece
Ver-lhe as sombras nas selvas errar.
E nas selvas, que o cedro escurece,
Ouvir beijos de nunca fartar!

Inda agora, nas noites caladas,
Quando tudo é socego e mudez;
Cuida a gente escutar as passadas,
As ligeiras passadas de Ignez!

Quando tudo na terra é socego;
Quando brilha na selva o luar;
No saudoso correr do Mondego
Cuidam todos ouvir suspirar!

Inda agora, nas tardes saudosas
Que só duram no meu Portugal,
Cuida o povo, das aguas formosas,
Ver o rosto de Ignez no cristal!

Eu quizera ter lyra afinada,
Pelas harpas dos anjos do ceo;
Que na corda de amor maguada,
Descantara de Ignez o tropheo.

VII

Oh! descança-te em paz, lyra sentida;
Mais lagrimas não tens. Verteste todas
Pela terra que foi outr'ora grande,
E do mundo ás nações hoje só lembra
Nos cantos de um poeta. E que poeta!
O teu nome, Camões, salva da affronta
A honra portugueza. Perdoa-me
Se este feudo de amor juntei aos cantos,
Aonde a linda Ignez vivera eterna,
Se, para eterna ser, lhe não bastara
Aquelle fino amor, que, exemplo a amores,
Consagrado ficou. Lagrimas tristes
Não sabem escolher olhos felizes,
Por onde, manso e manso borbulhando,
Gravem fundo nas faces um só nome,
E tão fundo! e tão triste!—o da saudade!
Formosa linda Ignez, se o canto é pobre,
Se inexperto cantor, ousei sem medo
De teu sentido amor cantar extremos;
«Vós, ó concavos valles que podestes
«A voz extrema ouvir da bocca fria»
Da mãe que se finava. Vós, ó valles,
Repetindo-lhe as queixas, os suspiros,
Eternisaes sem qu'rer sua memoria.
Morreste, linda Ignez, mas foi-te a morte
Como a do cysne a gorgear ternuras;
Como a da pomba que em sentido arrulho
A vida perde; roxeando em sangue
Do casto peito as nevadas plumas!
O teu cantor o disse: Foi-te a morte,
«Assim como a bonina que cortada
«Antes de tempo foi.» Ignez formosa,
Hoje o meu canto escuta-me se podes.
E do pallido rosto as seccas rosas
Do rubor da modestia accende a ouvil-o!

VIII

Amor que aos outros dá vida,
A ti, Ignez, o que deu?
Uma lagrima vertida
N'essa hora em que nasceu;
Uma fonte fresca e pura,
Que nas queixas que murmura,
Diz a tua sem ventura,
Diz o fim que amor te deu!

Das lagrimas, se chama a fonte,
Onde os teus olhos, Ignez,
Para que a bocca o não conte
Dizem de amor o revez!
Até no pranto amorosa,
Com elle dás vida á rosa,
Que na campina orgulhosa,
Bebe os teus prantos, Ignez!

Na selvas vagos queixumes
Traduzem o teu amor;
Nas veigas arde em ciumes
Da selva o gentil cantor!
E os ciumes e as queixas
São variadas endeixas,
Que ao morrer á terra deixas,
Festejando o teu amor!

De tristezas e saudades,
Este meu canto compuz:
Acabam aqui vaidades,
De amor o fogo reluz;
As lyras dos trovadores
Se inspiram dos teus amores!
Foi d'elles, colhendo as flores,
Que este meu canto compuz.

Pedi um canto á minh'alma,
Que fosse teu, e só teu;
Das trovas nasce esta palma
Que a lyra chorando deu!
Pela saudade pedida,
Foi em lagrimas nascida;
Se vae do peito sentida,
É que o canto é todo teu!

---

## O SEU TUMULO

Deux jours n'attendant plus, mais appelant encore,
Il redira sa plainte · et la troisième aurore,
Laissant tomber son aile, il mourra de douleur.

MILLEVOYE.

O seu tumulo singelo,
Não tem pedra nem lettreiro;
Só tem uma cruz erguida
Debaixo d'aquelle olmeiro.

Mas aquella cruz erguida
Diz mais que tudo na terra:
Diz que Julia alli repousa,
Que as cinzas alli lhe encerra.

Os ventos que á noite zunem
Nas comas dos arvoredos,
Sabem sim, mas não revelam
D'aquella campa os segredos!

Como a rosa desfolhada
Sobre a relva da campina;
A ter a sorte da rosa
Foi na terra a sua sina.

Seus olhos, que me inspiravam,
Fallavam meigos amores;
Como as aves a trinarem,
Dos bosques entre os verdores.

Mas pouco gozou a triste
D'essa vida de donzella;
Tão pura, tão socegada,
Tão meiga, sentida e bella.

Aos anjos que andam na terra
Dá-lhes Deus bem curta vida;
Que não quiz Deus que a virtude
Aos crimes andasse unida.

Os ventos que á noite zunem
Nas comas dos arvoredos,
Sabem sim, mas não revelam,
D'aquella campa os segredos!

---

## O BANDIDO

Et de ses assassins ce grand homme entouré
Semblait un roi puissant par son peuple adoré.

VOLTAIRE.

D'estes bosques, d'estas selvas
Quem dirá que não sou rei?
Tenho valentes soldados,
E tantos que nem eu sei!
Tenho riquezas occultas
Que o valor lhes não direi:
  Ha quem negue, ha quem duvide
Que das selvas sou o rei?

Tenho o sceptro, tenho a c'rôa
Na ponta d'este punhal;
Não invejo aos reis da terra
Seu diadema real;
São pesadas essas c'rôas
De refulgente metal;
  Isso tudo, ha quem o negue?
Cifro-o eu n'este punhal!

Coitados dos reis da terra!
Ao pé de mim nada são:
Tem vassallos que lhes mentem,
Tem damas sem coração.
Em cada rosto um sorriso,
No sorriso uma traição.
  Essas vaidades da côrte,
Ao pé de mim nada são!

Tenho formosas sem conto,
Só minhas, de mais ninguem;
Tenho soldados tão firmes,
Como o rei por lá não tem;
Tenho o sol que a festejar-me
Por detraz dos montes vem;
  Tenho meiguices só minhas,
Só minhas! de mais ninguem!

Se quiz ser rei orgulhoso
Fui no campo a batalhar;
Se quiz ser feliz amante
Fiz meu nome respeitar;
Se quiz riquezas comprei-as
Nas selvas a pelejar:
  Sceptro, c'rôa, ganhei tudo,
Nos montes a batalhar!

Estas trinta cicatrizes
Com mais trinta recebi,
Quando estes bravos soldados
N'um só troço reuni;
Se quiz vaidades comprei-as,
Comprei-as todas assi:
  As cicatrizes que vêdes
Com mais trinta recebi!

Mas agora n'estes montes,
Só aqui governo eu!
O rei que governa em tudo,
Nada aqui possue de seu!
Que desminta... mas não pode,
N'estas selvas tudo é meu;
  Lá que mande não m'importa,
Mas aqui governo eu!

Toque a bosina a combate,
Toque já que manda o rei:
Se fôr feliz na contenda,
Mil banquetes vos darei.
Toque «alarma» vamos prestes
Nos montes dictar a lei:
  Haja agora quem duvide,
Que das selvas sou o rei!

---

## A IRMÃ DA CARIDADE

Come pray with me, my saraph-love!
My angel-lord, come pray with me.

THOMAZ-MOORE.

Quem é esta mulher tão linda e joven,
Tão triste, e tão severa em tal edade?
Porque de lucto e dó vestidos traja?
Cumpre um voto:—E' Irmã da Caridade.

Um joven adorava tal qual ella,
Mui formoso, gentil, terno e constante:
Mas seus dias emfim eram contados,
P'r'o Creador partiu, deixou 'a amante.

E n'este mundo, só, abandonada,
Sem ter nem protector nem alegria,
Sem desvelada mãe, que a consolasse,
As tristezas da terra a sós carpia.

Pelo amante a Deus pedia a triste;
Pela mãe, pelo pae, que já não tinha:
E depois de rezar rezas tão santas,
Carpir na sepultura a triste vinha,

Um dia que ella assim a Deus orava,
Recostada na campa da mãe qu'rida;
Cançada de chorar, na sepultura
Recostada, ficou adormecida!

Julgou então ouvir da mãe as vozes,
Que a seguir vida santa a aconselhava;
Soccorrer infelizes, dar consolo
Ao mortal indigente a mãe mandava.

E a filha obedeceu; seguiu taes ordens:
E d'então para cá com anciedade,
Soccorre o infeliz, dá pão ao pobre,
Cumpre um voto:—E' Irmã da Caridade.

---

## RECORDAÇÃO

A' MEMORIA DE ELISA

Helas! que j'en ai vu mourir de jeunes filles.

VICTOR-HUGO-«Fantômes».

Ai! quantas, quantas noites nós sentados,
Fallavamos de amores!
Sem pensar em mais nada; sem temermos
Do mundo os mil rigores.

Para nós o futuro inda era um sonho,
Más sonho sem temores:
Recostado em seu collo alvo de neve
Sonhavamos amores!

Que palavras então ella dizia
Que meigas confissões!
Ninguem pudera alı vir decifrar-nos
Os nossos corações.

Eu com ella, ali junto, só curava
Manter as illusões;
Que mais tarde, ai de mim! só resta um ecco
De tantas confissões!

Era Elisa gentil: nos olhos pretos
A mente se revia:
N'aquelle rosto de anjo, sem maldade,
A alma lhe sorria.

Era bella e gentil, era formosa,
Que mais ser não podia.
Não quiz Deus conserval-a n'este mundo
De falsa poesia!

Morreu... mas cá na terra inda lhe resta
Um pobre coração.
Quantas vezes, na pedra do sepulchro,
Lhe mando uma oração!

Quantas vezes, gemendo entre saudades,
Mantenho uma illusão...
De que Elisa ouvirá, por entre prantos,
Meus hymnos de christão!

---

## CLEOPATRA

C'est alors que passa le nuage noirci,
Et que la voix d'en hant lui cria—C'est-ici!

VICTOR-HUGO.

Dom funesto de belleza
Foi o dom que o ceo te deu;
A teus pés curva a fereza
O vencedor de Pompeu.
Nas campinas da Pharsalia,
O heroe de toda a Italia
Briga, lucta, é vencedor;
Mas depois, preso em teus braços,
Em vis folguedos devassos
Esquece de Roma a dor!

Ó Cleopatra! teu nome,
Vem mil nomes resumir!
É baldão que não se some
Em quanto Roma existir.
Na patria ingente dos Graccos,
A teus pés, tornados fracos,
Que de heroes covardes são!
Embora á virtude extincta,
Brade em Roma a voz distincta
De Cassio, Bruto, e Catão.

Que teu poder é finado,
Que Roma já tem algoz,
Dil-o o corrupto senado,
Oppresso, morto, sem voz;
Dil-o o povo, e o capitolio,
Out'ora tremendo solio
De teu distincto orador;
Dil-o Augusto que se arroga
A rubra tremenda toga,
A toga de Dictador!

O'·Cleopatra! nos braços
Tens de Roma os capitães!
Perdidos seguem os passos
De Cesar, que preso tens.
Que tristes sentidos prantos,
Deu Cornelia aos teus encantos
Que o esposo lhe perdeu!
Comtigo morre sepulto;
O reino temido, adulto,
Do grande Petolomeu!

Em Roma captiva, escrava,
Lograras c'rôa real,
Se a mão de Bruto não crava
No teu amante o punhal.
Belleza mais que funesta,
Que loiros teu riso cresta,
Que triumphos faz murchar!
Apenas Cesar se pende,
Marco Antonio vem, e rende
Novo culto ao teu altar.

Que tão vistosa galera
As ondas sulcando vem!
Oh! quem por lograI-a dera
Riquezas que Roma tem!
É a rainha do Egypto,
Por bella sonhada um mytho

N'aquelles tempos d'então :
É Cleopatra, a formosa,
Que na galera vistosa
Vem prender um capitão !

Cautela, Roma, cautela !
Se a Gallia treme de ti,
Uma rainha, que é bella,
De teus soldados sorri :
E sorri-lhe com despreso,
Que em breve conta ter preso
Da Italia o general :
Conta, sim, que o crocodilo
Das frescas margens do Nilo,
Não teme do Quirinal.

Não teme : lá vem á pôpa
Da galera, que a vogar,
Se a riquezas se não poupa,
Não teme tambem do mar.
Pelas ondas embalada,
Vem á pôpa recostada
A rainha com desdem :
Afastar, gente de Roma,
Que aonde a rainha assoma
Não governa mais ninguem !

Marco Antonio alli se fica,
Mais que vencido de amor ;
Patria e gloria sacrifica
Aos seus sonhos d'amador !
Ao poder da formosura
Cede de Roma a bravura,
De Cesar o brio cedeu ;
Mas depois lá vem o dia,
Em que á velha Alexandria
Octavio chega e venceu !

N'uma só, n'uma batalha
Dada nas ondas do mar,
Topa Antonio c'o a mortalha,
Vae Cleopatra acabar.
Nas bravas ondas do Accio,
Vencem as frotas do Lacio,
Fica Octavio vencedor!
Do vencido as hostes rotas
Pasmam de si absortas
Ao chorar tamanha dôr!

De Roma as represas furias
Se expandem livres então;
De Cleopatra as centurias,
Vencidas, prostradas são.
Ó Roma, nota que é erro,
Em gente vencida o ferro
Ir mais tempo mergulhar:
Ó Roma, nota que ainda
Não está de todo finda
A honra no proprio lar!...

Que tão funestos amores,
Rainha, foram os teus!
De quem te gosou favores
Que fados foram os seus!
Dentro mesmo do senado,
Cesar morre assassinado,
De Bruto pelo punhal;
Para lavar-se da affronta,
Marco Antonio só encontra
Na morte termo ao seu mal!

Ao pé da amante que morre,
Quiz ao menos ir morrer;
Anda, parte, vôa, corre,
Ainda a chegou a ver.
Abraçados como d'antes,
N'esses felizes instantes

De ternura e de paixão;
Preferem ao ser captivos,
Morrerem juntos, altivos,
Morrerem sem contricção!

De Marco Antonio a memoria
Hade no mundo durar,
Embora de Roma a gloria
Se esquecesse de presar,
Embora! que alembra a sina,
Que ao prendel-o á concubina
Do seu tão devasso amor,
O prende tambem aos fastos
D'aquelles tempos, tão gastos
Em coisas tão sem valor!

Da Cleopatra, a formosa,
São cem mil as tradições;
Ora soberba, orgulhosa,
Ora a prender corações.
Faustosa Sardanapalo,
Teve a Cesar por vassallo.
Teve reis escravos seus!
Ao morrer, morre com ella,
A monarchia a mais bella
Dos grandes Petolomeus!

---

## A CONFESSADA

E'coata le pretre et lui laissa tout dire.

VICTOR-HUGO.

Que diria a confessada,
Sendo tão envergonhada
Ao confessor?
Se lhe diria sem pejo,
Segredos d'aquelle beijo
De tanto amor?

Se lh'o diria? Não disse,
Olha p'ra mim e sorri-se,
Não disse, não.
Nem sei se devem donzellas
Contarem coisas d'aquellas
Em confissão.

Um beijo não é peccado,
Se foi acceito e foi dado
Sem mau pensar.
Peccado talvez seria;
Negar-se com tyrannia
De um beijo dar.

Talvez agora sem tino,
Contasse o beijo divino
Que hontem me deu:
O padre ralha com ella!
Não contes meiga donzella
O beijo teu.

Não contes. Não vale a pena,
Por culpa leve e pequena
Trahir amor.

Nem um beijo recatado,
Deve ser por ti contado
Ao confessor.

Tambem as rosas vicejam,
As rolas tambem se beijam
Sem o dizer.
Tambem livres nas campinas,
Se entrelaçam as boninas
Sem se temer.

Tambem as brisas dão beijos,
Tambem ardem em desejos
Sem se occultar.
Tambem na praia distante,
Expira a vaga espumante
Sem se queixar.

Tambem tu... Ella não disse,
Olha p'ra mim e sorri-se,
Não disse, não.
Não devem nunca donzellas,
Contarem coisas d'aquellas
Em confissão.

---

## AS ROSAS

La vioginella é simile a la rosa
Che'n bel giardin su la nativa spina
Mentre sola, e secura, si riposa.

Ariosto—«Orlando».

Gosto das rosas sem cheiro
Debruçadas na roseira;
Em botão... e todas brancas,
Que é a côr mais verdadeira.

Mas nunca pude apanhal-a
A rosa dos meus amores;
No jardim em que ella vive.
Tambem vivem outras flores.

Andou-me a rosa escondida
Em quanto em botão vivia,
Quando eu quiz ir lá colhel-a,
Foi tarde, murchado havia.

Pois era bem linda a rosa!
Até foi mesmo peccado,
Ir colher antes de tempo
O que andava tão guardado.

Ali posta na roseira,
Cubiça fazia ella;
Mas ir colhel-a é malfeito,
Deviam ter pena d'ella.

Eu por mim bastante tive,
Era melhor que ella abrisse:
E' verdade que em crescendo,
Perdia tanta meiguice!

Tudo assim anda no mundo;
Rosa em botão apanhada,
Não gosto, que melhor fôra
Vêl-a já desabrochada.

Mas tambem quem fica á espera
De ver a rosa já feita
Perde o trabalho; crescida
Nunca a rosa mais se ageita.

Chegam depois os invernos,
Murcham todas; ou se vivem,
Nem mesmo rosas parecem;
Vegetam, mas não revivem.

Não quiz apanhar a rosa,
Em botão; como era bella!
Depois de rosa já feita,
Nunca mais eu sube d'ella.

Agora ja as não tenho
Por de fé mui verdadeira:
Apanho todas que posso,
Em botão, e na roseira!

---

## SONHEI-A!

Comme une feuille morte echappée aux bouléaux
Qui sur une onde en pente erre de flots en flots,
Mes jours s'en vont de rêve em rêve.

VICTOR-HUGO.

Sonhei-a! tenho na mente
O seu retrato innocente
A fallar-me ao coração.
Sonhei-a como uma fada,
Que tem vivido encantada
Sósinha na solidão.

Sonhei-a d'olhos pisados,
Porque os prantos maguados
Lh'os tinham pisado assim:
Era triste, mas serena,
Como a gentil açucena,
Rainha do seu jardim.

Sonhei-a triste:—a tristeza
Tem nos olhos da belleza
Encantos qu'eu não direi.
Sonhei–a linda—trigueira,
Como se pinta a ceifeira,
Como eu pintal-a não sei.

Sonhei-a no fim do dia,
Quando tudo é melodia,
Quando tudo falla em Deus.
Vi-a sósinha pensando,
Talvez com prantos regando
Alguns pobres versos meus.

Sonhei-a como eu pequeno,
N'aquelle sonhar ameno,
Sonhava tudo o que é bom.
Cuidei vêl-a que me olhava,
Tão triste que não fallava,
Nem da voz lh'ouvia um som.

Sonhei-a vindo do guerra,
A fallar da minha terra
Como falla o trovaüor;
Mas então já se sorria,
Já de mansinho dizia
Algumas fallas d'amor.

Dizia-as como quem sente,
Não altas, mas como a gente
As diz em coisas assim:
Dizia-as como as diria
Beatriz, quando as sentia
Fallando de Bernardim.

Dizia-as sempre córando,
Repetia-as soluçando
D'olhos pregados no chão;
Dizia-as como eu jurara,
Que ninguem ainda amara
No mundo com tal paixão.

E depois envergonhada,
De não ser mais recatada,
Córava ainda outra vez!

Córava. . . corava ainda
Cada vez era mais linda,
Mais linda, que Deus a fez!

Qu'ria fallar não podia,
Que a vergonha lh'impedia
De poder usar da voz.
Era então que se lembrava
De que o mundo a censurava
De nos ver fallar a sós.

Sonhei-a depois rezando,
Talvez em segredo orando
Pela terra em que nasceu;
Rezava que quem a visse,
Pode ser que a confundisse
Com algum anjo do ceo.

Tinha as tranças desprendidas,
Levemente sacudidas
Por ligeira viração.
Dos labios lhe baloiçáva
Uma oração que rezava
Do fundo do coração.

Vista assim, em tal postura,
Crescia-lhe a formosura,
Se ella podesse crescer.
Não podia, nem n'um canto
Se pode tamanho encanto
Com verdade descrever.

Sonhei em sonho fagueiro
Que era um amor verdadeiro
Aquelle tão casto amor;
Costumado á desventura,
Só em sonhos a ventura
Visitou o trovador!

Fallei-lhe tão meigas fallas,
Que nunca as damas das salas
M'as podem ouvir assim:
Ella era linda, innocente,
Fallei-lhe como quem sente,
Fallei-lhe pouco de mim.

Beijei-lhe a mão com respeito;
Arfava-lhe o lindo peito,
Batia-lhe o coração.
Jurei-lhe... não digo a jura;
Tenho medo que a ventura
Me não deixe a discrição!

Sonhei-a então pensativa,
Como fica a sensitiva
Se lhe vão no pé tocar:
Era tão linda a donzella,
Que eu ficaria ao pé d'ella
A minha vida.., a sonhar!

Era triste como eu gosto;
Era linda como aposto
Que não havia outra egual;
Sendo tantas como as rosas,
As filhas bellas, mimosas,
Das terras de Portugal!

Sonhei-a: se foi mentira
Cantei-a de mais na lyra,
Morri por ella de mais.
Se o sonho foi verdadeiro,
Nem o canto é lisonjeiro,
Nem as trovas desleaes.

Sonhei-a! tenho na mente
O seu retrato innocente
A fallar-me ao coração!

Sonhei-a como uma fada,
Que tem vivido encantada
Sósinha—na solidão!

---

## D. SEBASTIÃO

E D. Sebastião virá montado no seu cavallo branco de batalha, n'um dia de nevoa cerrada.

Tradição popular.

Nos campos d'Alcacer batalha famosa
De crentes e moiros tremenda se deu;
De setta raivada, na lucta afanosa,
O rei lusitano na plaga morreu.

Quem pode no peito dizer á saudade,
Esquece dos bravos façanhas leaes!
Talvez que não tenha sequer piedade,
De ver abatidas as quinas reaes.

Monarcha mancebo, ousado e valente,
Lembrou-se d'Arzilla, de Ceuta, de Fez:
Soldado de Christo, lembrou-lhe na mente
Vencer resoluto, morrer portuguez.

Que rija contenda nos campos se ateia!
Tornou-se a batalha matança geral.
Vencido na lucta, prostrado na areia,
Perderam-se as joias do sceptro real.

Do Deus das batalhas decretos divinos,
Quem inda até hoje mostrou sabedor!
Palavras dos homens não são mais qu'os hymnos
Que a terra levanta p'r'o seu Creador.

Partiram-se todos; a crença os inspira
Na lucta travada por si—pela fé;
Glorias de Ourique luctando as aspira
Quem menos que Affonso por certo não é.

As quinas prostradas lá rojàm por terra,
Lá fica abatido do reino o pendão:
E tantas antigas glorias que encerra
Lá ficam sepultas n'um arido chão.

O povo singelo, nas crenças herdadas,
Do rei a memoria nos peitos sagrou:
E crê que d'Alcacer, nas trevas cerradas,
O rei lusitano da morte escapou.

Espera inda vêl-o com rija armadura,
Escapo por graça d'amor divinal,
Trazer ao seu reino da paz a ventura,
Entrar em triumphante no seu Portugal.

Em dia de nevoa escura e cerrada,
Montado com garbo virá o bom rei:
Que tem n'uma ilha, com vida encantada,
Isempto affrontado dos mortos a lei.

Mas quando elle venha salvar-nos sem medo,
Ninguem sem mentira talvez o dirá;
Não só por ser grande, mui grande segredo,
Mas por não saber-se de aonde elle virá.

---

## NAPOLEÃO

**NO ALBUM DA EXCELLENTISSIMA SENHORA CONDESSA DAS ANTAS.**

> Ei si nomò, due secoli,
> L'un contra l'altro armato
> Sommessi a lui si volsero
> Como aspettando il fato
> Ei fé silensio, et arbitro
> S'assise in mezzo a lor.
>
> MANZONI.

N'aquella fronte elevada,
Por captivos reis saudada,
A mão de Deus estampada,
Cem batalhas lhe prediz:
Entre balas que choviam,
Entre espadas que luziam,
Os seus fados lhe sorriam
Em Marengo—e Austerlitz!

Entre os fortes, o mais forte,
Em cem combates de morte,
Sempre por si teve a sorte,
Teve sempre o seu condão:
A França tinha por fito,
Mas heroe, colosso, mytho,
Té nas moles do Egypto
Fez ouvir—Napoleão!

Das côrtes deixá o regalo;
E sem temor nem abalo,
Calca aos pés do seu cavallo
Phantasmas, que chamam reis!
Ai! que d'elles desthronados,
Na guerra por seus soldados,
A seus pés já humilhados
Escutam—recebem leis!

D'essas phalanges guerreiras,
São mil prostradas bandeiras,
São mil dispersas fileiras
De rojo varrendo o pó!
A força cedendo á arte,
Na guerra, por toda a parte,
Seu vencedor estandarte,
No mundo tremúla só!

Que de sceptros se partiram!
Que de c'rôas se fundiram!
Que de reis tristes se viram
Sem diadema real!
Tinham sceptros por herança;
Tinham povos por fiança;
Mas a morte deu-lh'a a França
No braço de um general!

Surge das margens do Sena
O heroe que vence em Jena;
Que destemido condemna
De falsos reis os brazões!
Já tem a c'rôa ganhada
Com a ponta da sua espada;
Para a fazer respeitada
Sobejam-lhe os mil canhões!

Mas elle que assim vencera,
Que toda a Europa temera,
Ainda não aprendera
Á custa do proprio mal!
Estrella que lhe luzira,
Brilhar no ceo elle vira;
Mas a queda não previra
Da sua c'rôa real!

Desterrado em Santa-Helena,
As aguas chora do Sena;
Lembram-lhe os campos de Jena,
Da França lembra o pendão:
Lá morre!... Mas os penedos,
De Santa-Helena os rochedos
Ainda hoje sentem medos,
Só de ouvir... Napoleão!

---

## O POETA

Je ne sais si je crois; je ne sais si je doute...
Entre croire et douter serait-il un milieu!
Non! donc je ne crois point. Pour le dire, il m'encoute
Mon cœur a tant besoin d'un Dieu!

FABIUS LE BLANC.

D'esses montes d'além o sol nascendo,
Vem nos campos do ceo verter risonho
Mil alegrias:
Mas na mente incendida do poeta,
Onde impera a tristeza, a custo afoga
As agonias.

É-lhe o peito um volcão d'onde rebentam
Ardentes lavas, que se escoam fervidas,
Nos olhos seus:
É-lhe a mente a ferver como a cratera,
Que os represos cachões de si remessa
Em densos veos.

Mandou-o Deus assim cumprir seu fado,
Sem lhe ao menos marcar cá n'este mundo
A méta, o fim.
Deu-lhe alma p'ra sentir, saudosa, ardente,
E quiz deixal-o só firme nas crenças,
Morrer assim.

Poz-lhe em face a mulher rica d'encantos,
Saudosa inspiração que lhe mitiga
As cruas dôres;
Mas ao mostrar-lhe em face a paga immensa,
Ao desvendar-lhe á luz os olhos d'alma
Negou-lhe amores.

Foi-lhe a vida, d'então, qual d'entre as mattas
A carpidora rola a lamentar-se
Da sua sina;
Alta a noite, nas rochas assentado,
Ao bramido das ondas seus pezares
Saudoso ensina.

Quando a lua vem pallida, sulcando
As campinas do ceo, verter tristezas
No coração:
Nos labios mudos nem sequer ao menos
Encontra o triste o que é dado à todos;
Uma oração!

Os canticos das aves que festejam
As brisas da manhã, folgando alegres
E descuidosas;
Avivam-lhe as saudades do passado,
D'essas horas de amor que já não voltam
Tão venturosas.

Na mente e coração renega o triste
As bellezas do ceo, da terra as scenas
Que mais amou:
Só da amiga fiel que inda lhe resta,
Da pobre lyra, que lhe entende as maguas,
Não renegou!

Nos alcantis das serras escabrosas
Onde os homens não vão, irei sósinho
A meditar;

D'esses olhos gentis que me enfeitiçam,
Nas solidões das rochas talvez possa
Não me lembrar.

N'essa lyra d'amor, na lyra antiga,
Novos cantos virão fartar-lhe a sêde
Do sentimento:
Que as mil recordações do meu passado,
Não virão a tolher-me com vaidades
O pensamento.

Serei todo de Deus; serei da patria,
Nas cem mil tradições que nos revela
Do seu passado.
Serão d'ella, e só d'ella os pobres cantos,
Nascidos d'este peito onde as tristezas
Só tem morado.

Então por ella, pela patria amada,
As meiguices d'amor que já vão longe
Esquecerei:
Nem olhos—nem sorrir—nem meigas fallas,
Na minha antiga lyra dos amores
Mais cantarei.

Qual phantasma nocturno, involto em trevas,
De pesadas visões acompanhado
Irei no mundo.
Como quem tem no peito a devorar-lh'o,
Sem conforto, sem paz, sem alegria,
Um mal profundo.

Que vida! se é viver passar os dias
Em derramados prantos que se fundem
No pó do nada:
Que vida! se é viver passar as noites
A revolver-se em dôr que a noite aspira
Só, e calada!

D'esses montes d'além o sol nascendo,
Vem nos campos do ceo verter, risonho
Mil alegrias;
Mas na mente incendida do poeta,
Onde impera a tristeza, a custo afoga
As agonias.

---

## LAMENTOS

Le chant naturel de l'homme est triste,
lors même qu'il exprime le bonheur.

CHATEAUBRIAND.

De que me serve o ter lyra
Onde os ais possa moldar;
Se não ha ninguem que queira
Os meus cantos escutar;
Se os pobres sons vão sumir-se,
Perder-se todos no ar?

Negou-me Deus n'este mundo
Ter um outro coração,
Onde tivessem um ecco
Os cantos da solidão,
Que nos serros da montanha
Partir-se, quebrar-se vão.

Entristeço-me se vejo
Da manhã puro arrebol;
Entristeço-me se ao longe
Nas ondas se morre o sol;
Entristeço-me se escuto
O trinar do rouxinol.

Afeito só ás tristezas,
Só ellas me quadram bem;
Amo ver as densas nuvens,
Se negras, pejadas vem;
Amo nos serros sósinho
Vaguear sem mais ninguem.

Se no prado a borboleta
Poisa n'uma e n'outro flor,
Tenho vontade de vêl-a
Perder-se n'aquelle ardor;
Como se perdem no mundo
As crenças d'um puro amor.

Se vejo a lua vaidosa
A namorar-se no mar,
Tenho ciumes de vêl-a
N'aquelle brilho sem par,
Que tudo que é bom promette,
Que a tudo vem a fallar!

É como uns olhos formosos
Sempre a dizerem que sim;
Sempre a fingirem ternuras
Que dizem que não tem fim;
Para enganarem a todos,
Como enganaram a mim!

A's formosuras da terra
A todas neguei a fé;
Das crenças que outr'ora tive
Nenhuma ficou em pé;
Morreram todas no peito,
Que o peito d'ellas não é.

Só nas tristezas encontro
Os eccos de tanto mal;
Só no bramido das ondas
Um confidente leal;
Só nos ermos e penascos
Uma ventura real.

Na lyra que foi d'amores
Que tristes as cordas são!
Sempre a carpirem seus males,
Sempre a dizerem «paixão,»
Sempre a contarem a todos
Segredos do coração

Mas que importa, não tem eccos
A lyra que me seduz;
Nem a bonança da terra
Para a triste lhe reluz.
N'este mundo só me resta
Morrer abraçado á Cruz!

---

## ILLUSÕES

Mais déjà ma lèvre alterée
A bu le vinaigre et le fiel;
La lumière s'est retirée
Quand mes yeux ont cherchè le ciel.

AMABLE TASTU.

Dizem que ha amor discreto,
Eu digo que não ha não:
Nunca vi quem mais fallasse
Do que falla o coração.

Dizer-lhe que não revele
Segredos d'uma paixão,
E' como dizer á rosa
Que resista ao furacão.

Quem tem amor tem cuidados,
Quem os tem perde a razão;
Quem a perde não se soffre,
Deixa de ser cortezão.

Quem tem amor não se cala,
Traz o peito n'um vulcão;
Por debaixo lá das cinzas
As chammas bem rubras são.

Inda quando os labios calem
Segredos do coração;
Os olhos são chocalheiros;
Se os olhos não fallarão!

Ha quem diga que é mentira
Ter amor sem discrição:
Quem tal diz está bem longe
De saber o que é paixão.

Quem na tem de que lhe serve
De appellar para a razão;
Se em tudo o que faz e pensa,
Pensa e faz uma traição.

Dizem que ha amor discreto,
Eu digo que não ha não:
Nunca vi quem mais fallasse
Do que falla o coração!

## O SUICIDIO

Oú vas-tu!—Je vais san s felic
Me débarrasser de la vie.
Comme on fait d'un mauvais manteau

A. Brizeux.

Onde vás com passo incerto,
Onde vás mancebo—diz?
Este mundo é um deserto
Para quem vive infeliz.
Vou em soccgo, em juizo
Affrontar um prejuizo
Dar a vida a quem m'a deu,
Avanço firme, seguro,
Em procura d'um futuro
Que só goza quem morreu.

Vou-me em procura da morte
Como em procura de um bem;
Pesou-me, venceu-me a sorte,
Não me lamenta ninguem.
Desprezo prantos fingidos;
Conselhos que são mentidos
Já me não fazem mudar:
Vou-me firme e resoluto
Despir idéas de lucto;
Vou esta vida acabar.

Que me importa a mim o mundo
Onde trahido vivi?
Onde sempre um mal profundo
Eterno, constante vi!
Embora o mundo maldoso
Me chame a mim criminoso,

Não lhe passa a voz de um som;
Nem dos homens a maldade,
Afastou a piedade
Da campa de Chatterton!

Chamae-lhe embora covarde,
Vinde-lhe as cinzas cuspir;
Quem da traição faz alarde,
Pode um morto vir ferir.
Pode nas trevas da noite
Ser o flagello, o açoite
De quem a vida soffreu:
Pode-lhe ir com mão vencida,
Lavrar sentença da vida
Do homem que não torceu.

Onde vou? Vou-me ao convite,
Onde os convivas que estão,
Me recebem lá por quite
De venal, terrea paixão.
Onde vou? vou-me sem medo
A despedir-me em segredo
Do brilho que a lua tem:
Vou banhar-me em melodias
Escutar as harmonias,
Que á noite nas brisas vem.

E depois, pobre captivo,
Heide á morte caminhar;
Mas soberbo, mas altivo,
Sem tremer nem vacillar.
Que me importa a mim a vida,
Prancha das aguas batida,
Brinco eterno do tufão?
De nada; que nem distante
Alveja p'r'o navegante
O porto da salvação!

Antes morrer que aviltado
Mendigar da terra o pão;
De porta em porta esmolado,
Cedido sem coração.
Os ricos dizem «trabalha;»
Mas esquecem a mortalha
Que involveu Tasso e Camões;
Por si medindo a pobreza,
Acham opprobrio e vileza
Em quem não conta brazões.

De um mundo que assim é feito
Quem saudades pode ter?
Onde a pobreza é defeito,
Quem sentirá de morrer!
Cahos informe, profundo,
É isto que chama mundo
Quem logra de rico o dom;
Inferno do pensamento,
Chamou-lhe no seu tormento
O pobre de Chatterton!

Maldizendo o Ser Eterno,
Que taes torpezas não quer,
Chamou-lhe tambem inferno
O desditoso Gilbert!
Por baixo do roto manto,
Entoa a pobreza um canto
De desalento e terror;
Renega o Deus da verdade,
E folgando em impiedade
Maldiz a crença e o amor.

Infame o pobre que beija
A mão torpe do senhor;
Infame que se não peja
De lhe faltar o valor!
Que me resta? tens a morte,
Que é preferivel á sorte

D'esse contínuo esmolar;
De esmolar esses Lucullos,
Homens banaes, entes nullos,
Que riem do teu penar!

Onde vou? Vou-me contente,
Para o banquete eternal;
Onde não ouça quem mente,
Onde não veja o venal.
Vou-me firme, sobranceiro,
Como um velho marinheiro
Sorrir ás ondas do mar;
Como um monge penitente,
Ajoelhar reverente,
Ante o Christo do altar,

A'vante redobra o passo,
Galga o caminho sem ver;
Que não é longo o espaço
Que vae da vida ao morrer.
A'vante, mancebo, ávante,
Que já não fica distante
O termo da tua cruz;
Se o destino assim te empraza,
Desce em paz á campa raza
Que nas trovas te reluz.

A quem disser «covardia»
Apontae-lhe p'ra Catão,
Alma que nunca tremia,
Romano no coração.
Ao ver em Roma extinguir-se
A liberdade, e sumir-se
Do povo a crença leal;
Só acha seguro abrigo,
Constante fiel amigo,
Na ponta do seu punhal!

Onde vou? Que vos responda
Do desprezo agro sorrir:
Orgulhoso espero a onda
Que em breve me hade afundir.
Onda de sangue que sabe
Lavar a affronta, que cabe
A quem os seus desprezar;
Onda de sangue que um dia
Hade remir da agonia
Quem vive de mendigar!

---

## O CÃO DO CEGO

Viens mon chien, viens ma pauvre bête:

BÉRANGER.

Oh! vem meu pobre cão; é mais um dia
Que a já trilhada senda ensinarás
A quem não tem no mundo outra alegria,
Que não seja a que tu meu cão lhe dás.

Se os meus dias, Senhor, foram contados
E de tanto soffrer cheguei ao fim;
Não queiraes dois amigos separados,
Não deixeis o meu cão longe de mim.

Na mesma sepultura, á mesma hora,
Nossos dias se vão por fim quebrar;
E na jazida extrema, estreita embora,
Para amigos assim sempre ha logar.

Se no chão do repoiso o não houvera,
Tambem no mundo não, Senhor meu Deus;
Mas sempre junto a mim o meu cão era,
Os males que soffreu foram os meus.

Se do coveiro a mão sem piedade
Lançar ao vento as cinzas d'um de nós;
Separados por elleinda a amizade
Nos eccos achará sentida voz!

Elle era o meu amigo; outro não tinha
Depois que o mundo em mim lançou seu fel.
Se me via chorar de rastos vinha,
E na mudez dizia:—Eu sou fiel!

Se desdenhosa mão, vendida ao ouro,
Me punha em almoeda o coração,
No sentido latir melhor thesouro
Me parecia apontar meu pobre cão.

E nunca se enganou! Se a vil mentira
Dava a protestos vãos nome d'amor,
Como se o pobre cão tudo já vira,
Olhava para mim com magua e dôr.

Se em torpes luctas de civis contendas
Me via o pobre cão com fé entrar,
Dizia-me chorando:—Oh! não attendas
A quem longe te afasta do teu lar.

Se um parente, um amigo, a crua morte
Me roubava, deixando-me mais só,
Sempre a meu lado o via. A mesma sorte
Partilhámos na dôr, na fé, no dó!

Até que um dia, de chorar cançado,
A luz dos olhos d'uma vez perdi.
A mão estendo pela fé guiado,
E n'ella um beijo murmurar senti!

Tenteio as trevas, e a meu lado eu vejo
C'os olhos d'alma, submerso em dôr,
Quem resumira n'um fervente beijo
Um só conselho—Precisaes valor!

Era um amigo! Recupero o tino,
De perto o afago, com a voz, co'a mão;
Em voz mais baixa soletrava o hymno,
Que aos dois amigos valerá de pão!

Desde esse dia, companheiro e amigo,
De mim a sorte o separou jámais;
O frio e a fome partilhou comigo,
Ouviu-me as queixas, recolheu meus ais.

Velho e mendigo, se é chegada a hora
Que o impio teme que offendeu a Deus;
Por mim quizera que chegasse agora,
Sendo cumpridos os desejos meus:

Na mesma valla mão robusta e forte
Pode d'um golpe profundar o chão;
E o somno eterno, a que chamam morte,
Dormirmos juntos—o mendigo e o cão.

E d'este mundo sem levar saudades,
Rirei na campa d'essas mil ficções,
Orgias torpes, pueris vaidades,
Que o mundo alcunha de leaes paixões.

Oh! vem meu pobre cão; e n'este pego
Onde ao termo final se encontra a dôr,
Conduz inda uma vez o pobre cego,
Cifra n'um teu latir mundos d'amor!

---

## SIM ?—NÃO.

Oh! n'achève pas car j'aime le vague.

Anonyme.

Elysa, escuta um momento,
Attende-me esta paixão:
Meia alegre, meia triste,
Ouvi-lhe murmurar—Não!

Nem ao menos tens piedade,
Nem se quer tens dó de mim?
Oh! falla que me dás morte,
Falla já, dize-me—Sim!

Olha que a vida que levo
E' por tua devoção:
E se fosse amar-me-hias?
Sorrindo respondeu—Não!

Elysa, por tua causa
Passo triste a vida assim;
Não m'escutas? oh! responde:
Nunca mais t'ouvirei—Sim?

A minha lyra é só tua,
E' só teu meu coração;
Nem assim tens dó dos tristes?
Chorando me disse—Não!

Ai choras! agora vejo
Qu'inda tens pena de mim!
Com as lagrimas nos olhos
Dar-me-has agora o—Sim?

Não responde; mas par'ceu-me
Que lh'ouvira o coração,
Procurando, mas debalde,
Repetir-me outra vez—Não!

---

## EXAME DE CONSCIENCIA

Arrête audacieuse, arrête!

E. Turquety.

I

No tempo dos trovadores,
Dizeis vós que havia amores
Sem terem fim.
Mas agora por desgraça,
Por muito que a dama faça.
Não é assim.

Dizeis que e de cavalleiro,
Como bom, leal guerreiro
Viver d'amor;
Que assim eram os mil cantos,
Que nasciam entre prantos
Do trovador.

Tambem creis que é falsidade,
Cantar mais d'uma beldade
Com devoção;
Que entre duas é mentira,
Ambas ellas terem lyra
E coração.

Que o cantar diversas côres,
Escolher diversas flores,
Não é leal;

Que dizer que os olhos puros,
Sejam sómente os escuros
Que não são tal.

Dizeis vós que o sentimento,
Quando nasce violento
Que dá pezar;
De certo nos tolhe a mente,
Nos não deixa livremente
Carpir, trovar.

Dizeis mais que hoje os poetas
Se riem d'antigas settas,
Que não tem fé;
Que nem mesmo a da belleza,
N'este tempo d'incerteza
Ficou de pé.

Que dura curto momento,
Do poeta o juramento
De ser fiel.
Que uma dama receiosa,
N'uma trova caprichosa
E' ser cruel.

Que temos pensar diverso,
Do que dizemos em verso
Só por dizer!
Que nenhum de nós cantores,
Pela fé dos seus amores
Sabe morrer.

II

Senhora, se os trovadores
Davam d'antes mil penhores
De devoção;

E' que as trovas que cantavam,
As damas lh'as escutavam
Do coração.

Accusaes, sem terdes provas,
De mentirosas as trovas
Que eu vos cantei:
Se não são hoje as primeiras,
Mal de mim são verdadeiras
As que trovei.

Já que fui tão indiscreto,
Tenho sim mais d'um affecto
Vivo sem paz.
De trahir a fé jurada,
Sem vós a terdes quebrada,
Sou incapaz.

Se diversas côres eu canto,
E' porque aos olhos o pranto
Vedou-me a luz:
Sei que a vossa é côr divina,
Ai pobre! foi minha sina
Não ver a cruz!

Accusaes o sentimento,
D'expressar o seu tormento
Em trovas mil!
Em vez de chorar—carpir-nos,
O cantor por distrahir-nos
E' mais gentil.

Não negueis ó formosura,
Dos poetas a ternura
Que é sem razão;
Sois rivaes da natureza;
Só dimana da grandeza
A inspiração!

Não mente quem amor jura;
Bem sabeis como o meu dura
    Sempre fiel;
E dura sem ter esp'rança!
Mas ainda se abalança
    Pobre baixel!

No tempo dos trovadores,
As damas tinham amores
    Leaes—sem fim.
Mas agora por desgraça,
Por mais que o poeta faça
    Não é assim!

---

## COMMEMORAÇAO

Je donnerais mes jours pour celle
Que ne m'a jamais donné rien.

MILLEVOYE:

D'um sonho que já é findo
Porque me volta a saudade?
Tive-o, gozei-o, foi lindo,
Mas revivel-o quem hade?
A crença que o crime apaga
Quem pode dizer revive?
O sonho bello que eu tive
Quem o matou não sentia;
Era mulher: não sabia
Que o coração do poeta
Ardendo na chamma viva
D'uma paixão que jurara,
Como morre a sensitiva
Morrera se lhe tocara!
E tocou... não teve medo;
Era mulher, entendia,

Não entendia, orgulhosa!
Que uma vez tombada a rosa
Nem o poeta podia,
Nem o mundo lhe deixara,
Que fosse oppor ao destino
Da rosa que se murchara
Um canto mais do seu hymno!
Pois então se o sonho é findo
Porque me volta a saudade?
Ai volta, porque foi lindo
E não sei que haja vaidade
Que em troca do que ha perdido
Não queira junto, bem perto
Do coração, que é deserto,
Deixar um padrão erguido;
Padrão de que? Da saudade,
Do tempo que um sonho lindo
Inda não tinha a maldade
Tornado n'um sonho findo!

---

## PORTUGAL

> Di sua mano nel libro dé fati
> Ei segnava la pace e la guerra:
> Qué tiranni che opprimon la terra
> Stavam tutti tremante al sue pié.
>
> G. Rosetti.

Houve um reino que ao mundo absorto,
Deu outr'ora costumes e leis.
Esse reino, coitado, está morto;
Mais com vida talvez não vereis.
  Era grande—pod'roso—gigante;
Hoje pobre mendiga a pedir.
  Dae-lhe a esmola de um braço possante,
Talvez possa da campa surgir!

Esse reino, que as ondas domava,
Que entre todos se erguia senhor;
Esse reino, que altivo encarava
Das procellas do mar o fragor;
  Jaz por terra, gigante abatido,
De seus filhos a sorte a carpir;
  Dae-lhe esmola de um peito sentido,
Talvez possa da campa surgir!

Esse reino, que em praias distantes
O estandarte da Cruz arvorou;
Que depois, n'essas luctas gigantes,
Nunca o rosto nas luctas voltou;
  Eil-o pobre, tão pobre, que o mundo
Nem se lembra do seu existir.
  Dae-lhe a esmola de um brado profundo,
Talvez passa da campa surgir!

Esse reino, que teve subidos,
Tão lustrosos eternos padrões;
Qu'inda falla nos cantos sentidos
Do seu vate—do grande Camões:
  Hoje fraco, sem vida, sem brilho,
Nem se lembra sequer do porvir.
  Dae-lhe a esmola que deve um bom filho,
Talvez possa da campa surgir!

Aqui foi capitolio das artes,
Das conquistas a sede tambem:
Este reino dos mil estandartes,
Hoje pobre não lembra a ninguem.
  Nem um braço dos seus já lhe vale!
É profundo o seu largo dormir;
  Dae-lhe a esmola que ao povo só cabe,
Talvez possa da campa surgir!

Minha patria; quem sabe se ainda
A ser grande outra vez voltarás!
A memoria de um povo não finda,
Os teus filhos ainda acharás.
Alva estrella, que ao longe desponta,
Hade em terras da patria luzir.
Dae-lhe a esmola que a lave da affronta,
Talvez possa da campa surgir!

Talvez possa da loisa quebrada,
Despertando, bradar—aqui estou!
Ao convite dos povos chamada,
Oh! mal haja a nação que faltou!
Hasteada, tremúla a bandeira
Que hade os povos do mundo remir.
Dae-lhe a esmola de entrar na fileira,
Talvez possa da campa surgir!

Emprazados os povos da terra,
Ao convite nenhum faltará;
Voltaremos c'roados da guerra
Que bem perto de nós soará.
Oh! desperta, nação abatida!
Vem o brado dos povos ouvir.
Dae-lhe a esmola de um sôpro de vida
Talvez possa da campa surgir!

---

## BOAS NOVAS.

Adieu les voix de notre enfance,
Adieu l'ombre de nos beaux jours;
La vie est un morne silence
Où le cœur appelle toujours!

LAMARTINE.

Borboleta toda branca,
Que vens junto a mim poisar,
Doidinha que tens por fado
Andar sempre a doidejar;
Vens hoje brincar comigo,
Boas-novas me vens dar?

Borboleta não te enganes
N'essa tua devoção;
Boas-novas que me trazes
Para mim talvez não são;
Que eu nunca tive venturas
Em coisas do coração.

Que eu nunca tive na terra
Quem me desse o seu amor;
Quem sentisse bem os cantos
Do mancebo trovador;
Quem me limpasse do rosto
Os prantos que gera a dôr.

Que eu nunca tive na terra
Quem me dissesse—folgae;
Quem apertando-me ao peito
Só por mim soltasse um ai;
Quem me dissesse com mimo
Deixae o pranto—trovae.

Que eu nunca alcancei uns olhos
Que chorassem só por mim;

Que sem eu lh'o ter pedido
Me dessem um brando sim;
Que fossem meus esses olhos,
Que eu sonhei d'um seraphim!

Que eu nunca tive na terra
Um peito meu e só meu:
Todo meiguice e ternura
Como a fonte em que nasceu;
Todo fogo e sentimento
Como a lyra em que morreu.

Que eu nunca encontrei um anjo
Como por vezes sonhei;
Que a gente pintar não sabe,
Ou por menos eu não sei:
Que m'inspirasse nas trovas,
Que me firmasse na lei.

Borboleta toda branca
Linda rival da cecem;
Côr do veo de desposada
Que a virgem no rosto tem;
Boas-novas não as creio,
Não m'as pode dar ninguem.

Que é meu fado e minha sina,
O não ter um coração,
Aonde brilhasse accesa
D'uns olhos a inspiração;
Aonde em vez dos sentidos
Me fallasse o coração.

Borboleta innocentinha
Que viestes sem pensar,
Julgando que boas-novas
Me vinhas ao peito dar;
Melhor fôra não viesses
Junto a mim leda poisar.

Que no peito me dormiam
As lembranças do meu mal;
Que na mente me sorria
Um arrobo divinal,
Que tu vieste, coitada!
Sepultar n'um vendaval.

Borboleta toda branca
Que vens junto a mim poisar,
Não creias que boas-novas
Me possas ao peito dar:
Que eu bem sei que a minha sina
Se não pode já mudar!

---

## ELLA.

Por te amar perdi a Deus,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

TROVA POPULAR.

Amei-te! tu bem no sabes,
Bem sabes se t'eu amei!
D'esse amor por ti quebrado,
D'esse amor nem eu já sei!

Vendido por ti o pobre,
Bem vistes se m'eu queixei;
Palavras leva-as o vento,
Nem uma palavra dei.

Disse só comigo mesmo:
«Escravo da sua lei,
P'ra poder cumpril-a á risca
Seus olhos esquecerei.»

Se via cerrada a noite,
Hoje a noite não verei;
Escura como os seus olhos,
Dos olhos me lembrarei.

Se via as rosas no prado,
As rosas não mirarei;
Seus labios da côr da rosa
Nas rosas recordarei.

Se no monte via as faias,
Das faias eu fugirei;
Como ellas quebradiças,
Meus protestos quebrarei.

Nos jasmins, que são tão lindos,
Nunca mais eu tocarei;
Similham as faces d'ella,
As faces lh'olvidarei.

Sósinho por esse mundo,
Nunca mais d'ella serei:
Nem á noite, nem ás rosas,
Nem ás bellas me darei.

Que as rosas tem seus caprichos
Qu'eu aqui lhes não direi;
A noite tem mil segredos,
Segredos que eu já amei!

Perdi-me por causa d'ella,
Perdi-me qu'eu bem no sei;
Que nem Deus, nem as estrellas,
Nem as rosas mais verei!

Saûdades, todo saudades,
Eis-ahi o que serei!
Que de saudades ralado,
Sabe Deus se morrerei!

---

## O CYPRESTE.

Tu espiritu infinito resbala ante mis ojos
Y aunque mi vista impura tu aparicion no vé
Mi alma se estremece, y ante tu faz de hinojos
Te adora en esas nubes mi solitaria fé.

ZORRILLA.

Negro cypreste, socio dos sepulchros,
P'ra que ostentas teus ramos enluctados,
Teu pont'agudo cimo funerario
Na extrema jazida dos finados?

Para que de soberbas te ergues rico
No pobre chão só rico de tristezas;
Onde a viuva, a mãe, o terno amigo
Da morte vem chorar cruas ferezas?

Abate orgulho vão, rei dos sepulchros,
Afasta tuas ramas agoireiras!
Não queiras perturbar a paz dos vivos,
Roubar-lhe d'alma idéas feiticeiras.

Mas que digo? És tu, negro cypreste,
Que dás sombra fiel á formosura:
Que d'Elisa gentil a campa guardas,
Que lhe velas cioso a sepultura.

Vivei gigante presumpçoso e triste;
E se da campa despertar a bella,
Dizei-lhe que o seu vate, o seu amante,
Saudoso suspirou, gemeu por ella!

---

## AS ONDAS

Sooner shall this ocean melt to air
Sooner shall earth resolve itself to sea,
Than I resigne thiñ image, oh! my fair!

LORD BYRON.

Como os meus desejos
As ondas ai são;
Se d'encontro ás rochas
A partir-se vão.
Refervem as ondas
Em negro cachão,
Como os mil desejos
Do meu coração.

Ao menos as ondas
Enganos não tem;
Se contra os rochedos
A partir-se vem.
Que as rochas a prumo
Nas praias d'além,
Meiguices não fingem
Q'enganem ninguem.

Elisa, nos olhos
Que fallam d'amor,
As ondas do peito
Repelle sem dôr.

Seus olhos são rochas
De rijo lavor,
Onde vão quebrar-se
Meus hymnos d'amor.

Ao menos, vós, ondas,
Nas rochas quebraes;
Que as rochas não ouvem
Das ondas os ais;
Nem vós por lá tristes,
Como eu suspiraes
Por olhos que encantam,
Mas são desleaes.

São negras as rochas
Erguidas no mar;
Nem ellas entendem
O teu suspirar;
Nem ellas convidam
As ondas a amar,
Nem podem ouvir-te
No teu murmurar.

Mas olhos que entendem
Humilde pedir,
Não devem calados
Meus prantos ouvir;
Que então são mais rochas
Que a rocha a luzir,
Nas trevas da noite
Do mar ao bramir.

As ondas, nas rochas,
Lá vão fenecer,
Fingindo rigores,
Rigores sem ter.

Mas eu nem ao menos
    Me é dado o morrer,
Por Deus fui fadado
    D'enganos viver!

Seus olhos são negros,
    D'um negro sem par;
São como os rochedos
    Erguidos no mar,
Por noites escuras
    Sempre a negrejar,
Assim os seus olhos
    Soubessem amar!

---

## MALMEQUER

L'oracle qui s'effeuille
Révèle son destin.
Dumas

Malmequer, que triste sorte,
Mal acceito á formosura!
Consultei, folha por folha,
Pobre flor da desventura;
Não me quer pouco nem muito,
Para mim foi-se a ventura!

Arranquei primeira folha
Vinha alegre e desdenhosa;
Não te cances em consultas,
Que a tua dama formosa
Inda tem n'alma esse «muito»
Que te dá vida gostosa.

Consultei segunda folha
Vinha triste e esmorecida;
Mensageira de más novas
Traz do rosto a côr perdida:
Quer-te pouco a tua dama!
E caiu no chão sem vida.

Terceira pallida folha,
Foi com susto consultada;
De minhas iras temendo
Hesitou, ficou calada:
A mudez fallou de sobra;
Percebi-lhe um triste «nada.»

Consultei outra vez inda
A florinha dos amantes;
E sempre de mau agoiro
Suas folhas inconstantes:
Desfolhou-se o malmequer
Em breves, curtos instantes.

A que falla é sempre a folha
Que no fim foi arrancada:
Essa folha, por desgraça,
Foi um triste e pobre—nada!

---

## A LIBERDADE.

> Had we never loved so kind'y,
> Had we never loved so blindly,
> Never met or never parted,
> We had ne'er been brok en-hearted.
>
> BURNS.

Cá na terra a liberdade
E' como o barco no mar;
E' como esquiva donzella
Que se não deixa tentar:
E' como a estrella que fulge,
Para depois nos deixar;
E' nas procellas da vida
A nossa estrella polar.

Cá na terra, a liberdade
Ninguem présa mais do qu'eu:
E'-me nos sonhos doirados
Imagem casta do ceo.
E' virgem pura, singela,
Que a luz do mundo accendeu:
E'-me nos cantos sentidos
O condão que Deus me deu.

Liberdade! mago nome
Que nas trevas me reluz!
Para mim és patria e vida,
E's pharol d'extrema luz;
E's sonho que a gente sonha;
E's amor que nos seduz;
E's idéa que não morre
Em quanto durar a cruz!

Liberdade! és o meu nume
Até em coisas de amor:
E's o modelo que estuda
O mancebo trovador.
E's modesta como as virgens
Do Sinay e do Thabor:
E's grande como a procella
Surgindo á voz do Senhor.

Liberdade! foste a deusa
Dos captivos de Sião;
Foste quem prestaste alentos
Ao moribundo Catão;
E' por ti que nós poetas
Hoje luctamos em vão:
Por ti, formosa deidade,
Deusa do meu coração.

Como poeta sou livre,
Como poeta sou rei;
Não conheço cá no mundo
Quem me possa dar a lei.
Tudo o que é nobre respeito,
Tudo o que é grande cantei,
Nobreza que nasce d'alma,
Grandeza como a sonhei.

Liberdade! és como a vara
Do prophetico Moysés;
Onde chegas illuminas,
Rainha logo alli és.
Mas inda no mundo ha cegos
Que negam cair-te aos pés;
Que dizem que és deusa falsa,
Como tu, virgem, não és.

Eu por mim, ó liberdade,
Sou poeta que mais não,
Das minhas trovas singelas
E's singela inspiração.
Nasci do povo. Renego
Finuras de cortezão;
Ergo a fronte, e não me curvo
Como se curva o villão.

Como poeta, na terra,
Eu para cantar nasci.
Para dizer nos meus cantos
O que de nobre senti;
O que na mente de chammas
Por largo tempo nutri:
Por amor—como Petrarcha;
Por meu Deus—como David.

E mais na lyra não quero
Outros affectos cantar;
Que pode o mundo accusar-me
Da minha lyra manchar;
Que pode alguem por desprezo
Ir-me na conta contar
Dos que á sombra de poetas
Só vivem para adular!

Poesia e liberdade,
São irmãs e são rivaes;
O condão da singeleza
Orna-lhe as frontes reaes;
Por onde passam as duas
Deixam os mesmos signaes;
Erguem aos ceos a virtude,
Prostram por terra os venaes.

Fadado por Deus poeta
Heide cumprir a missão:
Purifiquei-me nas aguas
D'este moderno Jordão:
Sou livre. Não curvo o collo
Ante um fingido brazão,
Só digo o que tenho dentro
Bem dentro do coração.

Para mim a liberdade
E' como a antiga vestal;
Em sonhos a vejo sempre
Com seu mimoso sendal,
Accendendo-me este fogo
Com sorriso divinal;
Fazendo de mim poeta
Da natureza-rival!

Da natureza. Que as aves
São livres a mais não ser.
Que as ondas tambem vão livres
Nas praias d'além morrer.
Que as flores andam á solta
Sem ninguem as ir prender.
Da natureza. Que as nuvens
São livres no seu correr!

Só p'ra nós a liberdade
Não é mais que um pobre som;
Para os que as leis precisam
De Lycurgo e de Solon;
Que s'esquecem por mesquinhos
D'aquelle sagrado dom;
Que vão lavar-se de sangue
Nas aguas do Rubicon!

Heide amar-te, ó liberdade,
Como não te amou ninguem,
Heide amar-te como a esposa
Ama o filhinho que tem.
Heide amar-te como o Christo
Na terra amou sua mãe:
Como o christão ama as coisas
Da santa Jerusalem.

Serás sempre nos meus cantos
A primeira inspiração;
No amor e na amizade,
Nas horas da solidão:
Ouvirei os teus conselhos,
Seguirei tua isenção:
Serão meus, teus dons divinos,
Será teu meu coração!

---

## A AUSENCIA

A. E***

De ces jours de ferveur, oh! vous pouvez m'en croire
L'éclat lointain rechauffe encore ma memoire.

A. Brizeux.

Aqui, n'este canto, teu nome não ponho;
Supponham que é sonho, deixal-o suppor:
Dos dons que se querem a voz da amizade
Transforme a saudade n'um canto d'amor.

Das maguas do amigo meu peito é sacrario;
Não creias que é vario, seu fundo sentir;
Enxugo-lhe o pranto, recebo-lhe as queixas,
Que n'estas endeixas bem podes ouvir.

Se juntos nos vamos ás margens do Tejo,
Em seu rosto vejo seu triste penar:
E digo-lhe as vezes: Bem sei que decoras
Os dias e as horas que devem voltar.

Calado me escuta, so'a voz não responde,
Mas vejo que esconde seus olhos de mim:
Então lhe conheço, então é que atino,
Que os prantos são hymno chorados assim!

Sentados á beira do rio que murmura,
Da sua doçura bem vês a imagem!
Attentos, calados, ficamos olhando
As ondas brincando ao sopro d'aragem,

Depois, resoluto, correndo a campina
Em cada bonina te chora, te vê.
Se busco dizer-lhe palavras do mundo
Seu mal é profundo—palavras não crê.

Então apontando p'ro cedro tombado,
Que foi açoitado de rijo tufão;
Me diz, enxugando dos olhos o pranto:
O cedro é um canto d'eterna lição.

Ind'hontem, vaidoso, de pé campeava,
Soberbo affrontava tremendo escarceo;
Agora pendido, tombado, desfeito,
E' como meu peito vasio mausoleo!

Só nutro saudades d'ausentes amores;
Da selva aos cantores seu nome ensinei;
Os eccos lhe escuto das meigas cantigas,
As maguas antigas de novo encontrei!

Soletro-as todas no rio que deslisa,
Ao sopro da brisa das margens d'além;
Nas folhas que correm, nas aguas boiando,
Que adeuses lhe mando—que adeuses me vem!

Se perto não posso dizer-lhe que é minha,
Se passa a andorinha lhe maudo um adeus.
Se unida ao peito não posso abraçal-a,
Na lua, estreital-a, que abraços vão meus!

Aos hymnos pomposos que entoam unidos
Da selva os gemidos, aos hymnos do sol,
Lhe mando casadas saudades ardentes,
Que entoa plangentes gentil rouxinol!

Assim me parecem mais breves as horas,
Que passam sonoras em cantos de dôr,
Que ao longe recebe, mas já transformados,
Depois d'enviados, em cantos d'amor!

Qu'os homens lhe chamem tormento ou loucura,
Do mundo não cura quem vive de amar:
A's vezes n'uns olhos se encerra um destino:
Fatal ou divino—deixal-o passar!

O nome d'aquella que choras na ausencia,
Talvez Providencia te seja, talvez;
Mulher que nos ame deveras na vida,
Depois de perdida não volta outra vez!

---

## A PROMESSA DO BARQUEIRO

In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum.

PSALMO DE DAVID.

I

Pelas aguas azuladas
Socegadas,

Correi barca aventureira
Bem ligeira,
Que as ondas serenas vão:
Boa feição
Mostra o vento socegado;
Vae pausado
Leve barco, não medroso
Do iroso
Furacão, que longe anda,
Em demanda
De outros nautas foragidos,
Que atrevidos
Sulcam ondas do mar alto;
Sobresalto
Da tormenta que tristonha
Vem medonha
Assaltar o mareante,
Navegante,
De outro mar onde a procellá
Quebra a vela
Da falua destemida,
Que fendida
Veloz corre á perdição.
A salvação
Anda longe das profundas
Iracundas
Do mar alto bravas ondas,
Que hediondas
O baixel levam ao fundo
No profundo
Vasto pelago, sanhudo,
Triste e mudo,
Oude só ha perdição,
Sem salvação.

II

Pelas aguas azuladas
Correi barca aventureira;
Essas ondas vão bem quedas
Não ha susto na carreira:
Pelas aguas azuladas
Correi barca aventureira.

Vela por nós carinhosa
A Senhora da Bonança;
Haja no pulso firmeza,
E no peito haja esperança,
Que por nós vela cuidosa
A Senhora da Bonança,

III

A dizer estas palavras
O barqueiro;
E a tornar-se o ceo escuro,
De lindo e puro
Que era d'antes do perdido
Tão subido
Mavioso encantamento.
Manso vento
Que sorria ao navegante,
Vem possante
Do baixel bater na prôa:
Rijo sôa
O trovão que já vem perto;
Jaz incerto
Em negros rolos de fumo,
O pobre baixel sem rumo.

IV

«Valha-me aqui n'este aperto,
N'este mal sem esperança,

A protectora dos nautas
A Senhora da Bonança.»

Amainou-se o rijo vento,
Tornou-se manso de agreste;
Que a Senhora lhe apparecia
Com seu manto azul celeste.

«Valha-me aqui n'este aperto,
N'este mal sem esperança,
A protectora dos nautas
A Senhora da Bonança.»

Foi-se de todo a procella!
Lindo ceo! faz gosto vêl-o!
Que a Senhora da Bonança
Lh'imprimiu da paz o sello.

V

Prometto agora á Senhora,
Protectora
Do meu barco a vela grande,
P'ra que mande
Sempre paz, sempre bonança
Que abalança
Pobre nauta a ir sem medo
Do penedo,
Que se eleva presumpçoso
E alteroso.
Faço jura de pregar
No seu altar
Roto leme, que por Ella
Da procella
Me livrou, por compaixão
Da sua mão.

VI

Eram passados dois mezes
Que a Senhora da Bonança
Soccorrera o naufragante
Sem já restos d'esperança;

Quando santa procissão
A vela grande levava,
A depôr no altarzinho
Onde a Virgem se adorava.

Um roto leme fendido
Aos pés da Virgem pendente,
Aos devotos da Senhora
Lembra o voto penitente.

Cumprida fica a promessa,
Ganho fica outro tropheo;
Que não ha maior poder
Que o poder que vem do ceo.

O destemido barqueiro
Pode de novo soltar
Seu canto de confiança
Nas aguas azues do mar.

«Haja no pulso firmeza,
E no peito haja esperança,
Que por nós vela cuidosa
A Senhora da Bonança.»

---

# ADEUS

> Déjà comme la colombe
> Qui tourne dans le malheur,
> Ma pensée et plane et tombe,
> S'abreuve aux fleurs d'une tombe;
> Puis, sentant qu'elle succombe,
> Revient mourir a mon cœur!
>
> DESBORDES VALMORE.

Adeus, eu volto ao mundo, e dentro em breve,
No turbilhão revolto das paixões,
Quem da paz no remanso ind'hoje escreve,
Ámanhã sondará tredos volcões!

Eu deixo a solidão hospitaleira,
Onde vim minhas lagrimas seccar,
Pela confusa grita traiçoeira
Que os bandos soltam no confuso mar!

Ás tão lindas manhãs d'um lindo outono,
Ao sol, á brisa, ao campo, e mais á flor,
Á quieta choupana do colono
Resumo n'este canto um adeus d'amor!

Aqui, na solidão, ai como é bello
Abrindo o coração fallar com Deus!
Pôr em nobre affeição nobre desvelo,
Na lyra modular segredos seus!

E eu vou deixar-te, solitaria estancia!
Ao mundo das paixões volto outra vez!
D'estes formosos campos a fragrancia
Não voltarei a ver, nunca, talvez!

Adeus, ó solidão, meu grato asylo:
Se a tormenta ámanhã me derrubar,
Não reveles, não digas o sigillo
De quanto, ó solidão, te vim contar.

Debaixo de meus pés vejo um abysmo!
Ao mundo volto!—Solidão, adeus!
Quanto mais em deixar-te eu penso e scismo
Mais préso, ó solidão, encantos teus!

---

## O SEBASTIANISTA.

Tal es la tradicion: asi la cuenta
El pueblo por do quier, y asi escribo,
Si como está.

ZORRILLA,

Que lindas barbas nevadas
Aquelle velho não tem!
Foram nascidas, creadas,
Como não pensa ninguem!
Cortal-as, não corta o velho!
São-lhe as barbas um espelho
Da sua crença leal:
Dias e noites á barra,
Consulta no seu Bandarra
A sorte de Portugal!

Consulta! tem fé n'aquillo,
Poz no livro o coração;
Interpreta-lhe o sigillo,
Lê n'elle—Sebastião!
Conhece, soletra o dia
Em que a velha monarchia
Do sepulchro surgirá.
E' propheta! até nos marca
As horas a que o monarcha
D'além mundo voltará!

D'além mundo! da batalha
Por milagre s'escapou,
Renegando da mortalha,
Da c'rôa não renegou!
Hade vir. Nas prophecias
Dos modernos Isaias,
Ha uma que diz assim:
«Se conservarem afinco,
No anno d'um tres e uns cinco,
Espere o povo por mim.»

«Quem se atreve a ler as sinas
D'este meu condão real,
Soletre nas cinco quinas
Os fados de Portugal.
Traduzidas, combinadas,
Trazem as eras marcadas,
As eras da redempção;
Não nas leiam os profanos,
Qu'inda tem de passar annos
Antes d'esta traducção!

«Portugal nunca vencido,
Antes sempre vencedor,
Pelo meu braço remido
Cobrará novo vigor.
Mais verá, quem tiver vista,
Seguirem do rei a pista
Estranhos novos pendões:
Das terras d'além do Ganges,
Avançarem as phalanges
Dos portuguezes leões!»

Ai quem me dera no peito
Ter a fé que muitos tem!
Ás prophecias afeito
Não nas cedera a ninguem!
Fôra-me o peito sacrario,

Onde como em relicario
Guardara fé ao meu rei:
Em propheta me elevara,
Como os mais interpretara
Altos segredos da lei!

Fôra-me á ilha-encoberta,
—Que muita gente já viu—
Deixara lá por offerta
O que o peito mais sentiu.
Aos que julgam o rei morto,
Dera-lhe novo conforto,
Dizendo como o lá vi;
D'olhos pregados na barra.
Buscara no meu Bandarra,
A crença que já perdi.

«Montado no seu cavallo
N'um dia de cerração,
Quem quizer pode ir esperal-o,
El-rei Dom Sebastião.
N'esta terra que é tão minha,
Haverá então rainha
Governando Portugal.
Mas quer Deus que haja em Lisboa
Quem do reino se condôa,
Dando-lhe a voz de real!»

Se alguem duvida do dia
Aqui lhe ponho os signaes;
Como reza a prophecia,
Como ella reza não mais.
«Como sagrada vedeta,
Verás no ceo um cometa
De grandeza colossal;
Verás tambem com espanto,
O corpo d'um grande santo
Em terras de Portugal!»

«Andarão todos em guerra
Por essas terras d'além;
Nem nas cabanas da serra
Viverá em paz ninguem.
Por tres noites, e tres dias,
Haverão mil agonias
Que eu aqui lhes não direi:
Andará tudo de lucto,
Sem os campos darem fructo,
Sem ninguem seguir a lei!»

As arv'res, pendendo curvas,
Seccarão pela raiz:
As fontes correrão turvas
Como o propheta nos diz.
Os peixes, fugindo á sorte
Acharão a mesma morte
Nas turvas ondas do mar;
Nem o sol será brilhante,
Nem nos serros, mais distante,
Brilhará luz do luar!

'Mas passados sete dias,
E sete noites tambem,
Lá dizem as prophecias
Não deve temer ninguem.
Não deve. Que do nascente,
Segundo crê muita gente,
Virá vindo a cerração:
E depois d'ella desfeita
Surgirá a velha seita
D'el-rei Dom Sebastião!

E depois por muitos annos,
Viverá o bom do rei;
Ensinando a nós profanos
A crermos na sua lei.
Tudo então será festejo;

Parece que já o vejo
Moço ainda a governar;
Sem d'Alcacer ter saudade,
Nem mesmo sequer vontade
De novo por lá voltar.

Até lá tem muita gente
De espreitar a occasião,
Em que volte diligente
El-rei Dom Sebastião.
Os signaes já tem chegado,
Em que o moço Desejado
Cumpra a palavra real;
Em que se apresse de novo
A festejar o seu povo
Em terras de Portugal!

---

## NÃO MORRI

AO MEU AMIGO E ANTIGO MESTRE
O SR. J. DA C. CASCAES

Lorsque l'ennui pénétre dans mon fort,
Priez pour moi: je suis mort, je suis mort!
Quand le plaisir á grands coups m'abreuvant,
Gaiment m'assiége et derriére et devant,
Je suis vivant, bien vivant, trés vivanté!

BÉRANGER.

Vivi outr'ora dos cantares sentidos
Que á patria dava, que eu cedia a amor;
Os cantos de hoje, de illusões despidos,
Do secco tronco não borbulham flor!
A fé que eu tinha, que nascia d'alma,
Em pó desfeita pelo mundo eu vi:
Erma—sósinha — do soffrer a palma,
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Cantei saudades, ensinando á musa
Como ellas nascem sem o peito o q'rer;
A' mente em chammas, no gozar illusa,
Oppuz saudades de um melhor viver.
  Hoje mendigo as affeições, que outr'ora
No peito virgem vigorar senti:
  Hoje so tenho, demorado embora,
Sonho que attesta qu'inda não morri!

E' sonho immenso... que me diz que o morto,
A' voz do Christo surgirá de pé!
E' sonho bello, que me traz conforto
Nas brancas azas com que adeja a fé.
  Por elle eu vivo, rastejando ao longe
A ardente çarça que nas trevas vi;
  Qual frouxa voz de penitente monge,
O canto attesta qu'inda não morri!

Por entre as sombras d'encantado brêjo
Tremula incerta vacillante a luz.
Será d'esp'rança, ou fugaz lampêjo
Que o viajante á perdição conduz?
  Embora! embora! reviveu-me n'alma
Tudo o que outr'ora mais feliz senti,
  Ardente fogo que ninguem acalma
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Brandas endeixas, suspirando amores,
Aos eccos tristes da soidão cantei;
Humilde ramo, de mesquinhas flores,
De amor nas aras baloiçar deixei!
  Depois a furto, mas com mão afoita,
Do ramo as rosas com afan colhi.
  Só restam goivos, que o tufão açoita,
Que as musas lembram qu'inda não morri!

Depois as luctas d'esta pobre terra
Chorei em cantos de crescido amor:
Musa do povo, caminhando á guerra,
Ouviu-lhe os eccos, pranteou-lhe a dôr!
  Ao longe... ao longe, no cerrar das filas,
Os ais sentidos de quem morre ouvi;
  Chorando as guerras d'estes novos Scylas,
Ao mundo attesto qu'inda não morri!

Vagar nos campos que a bonina enfeita;
Saudar a lua que se perde além ;
Brincar co'a brisa, que o rosal engeita,
E beija tremula a candida cecem;
  São gozos loucos, que um sonhar adulto
Ao peito nega: mas que eu ja senti!
  Ternas memorias, que em crescido vulto
Ao mundo attestam qu'inda não morri!

Por ellas vivo, recordando ancioso
Os castos brincos de infantil sentir.
Por ellas cresço, se atrevido ouso
Pairar nos campos que eu já vi florir.
  Santas memorias, que adejaes em volta
Ao berço pobre do cantor—surgi!
  Ecco sumido que o meu peito solta,
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Vivo—estou vivo—se é viver o elo,
Que o berço á campa n'um só nó prendeu;
Mudo phantasma sobre a campa velo,
De extinctas glorias que esta terra deu!
  Vivo—estou vivo—que no peito afago
Fundas saudades do que já senti:
  Sonhos mimosos d'esse tempo mago,
Ao mundo attestam qu'inda não morri!

Se as folhas verdes do chorão pendidas,
Lagrimas vertem quando o sol reluz:
E' que lh'as trazem as canções sentidas
Que ao longe e triste o rouxinol traduz.
Assim minh'alma vae ao longe e pede
Ao berço um ecco do que então senti:
Rica de sonhos que ninguem já cede,
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Embora ruja a tempestade, e avulte
Co'as azas negras a crescer, pairar;
Já me não temo que o baixel sepulte
Nas iras brutas de sanhudo mar.
Não temo, oh! não! porque a esp'rança salva
Tudo em que outr'ora com mais fé eu cri.
Bemdita sejas... pura estrella d'alva,
Que ao mundo attestas qu'inda não morri!

---

## MAZANIELLO.

Ma non basta a farmi invito
Ciel sereno e suol fiorito,
Ahi te opprime, Italia mia,
Tirannia—la più crudel:
A che val, se vivi in duolo,
Verde suolo—azzurro ciel?

G. Rossetti.

I

A's armas napolitanos
Contra o vil jugo hespanhol;
Quem proteger os tyrannos
Mais não veja a luz do sol:
A's armas napolitanos
Contra o vil jugo hespanhol!

«Derrubemos a nobreza
Reunida em Sedili,
Corramos lá com presteza,
Que morram todos alli;
Mostrarei por esta empresa
Ter nascido em Amalfi.

«Adeus monte Pausilippo;
Adeus Vesuvio titão:
Adeus Napoles que és typo
D'este ardente coração!
Como o Tibre particippo
Das lavas do teu vulcão!

«Mollemente recostada
Dormes nas ondas do mar:
Pobre Napoles! coitada!
Acorda do teu sonhar:
Acorda! senão prostrada
Tens de por terra ficar!

«Mais me não chame Aniello,
Mais não seja eu pescador:
Mais este ceo que é tão bello
Não amostre o seu fulgor;
Se eu vivo tornar a vêl-o
O duque d'Arcos, senhor.

«Dar-te-hei a liberdade
Minha Napoles gentil;
Minha formosa cidade
Afamada entre outras mil.
Terra de tanta saudade
Tão bella, tão senhoril!

«A's armas napolitanos
Contra o vil jugo hespanhol;
Quem proteger os tyrannos
Mais não veja a luz do sol:
A's armas napolitanos
Contra o vil jugo hespanhol!»

II

Era bello o ver o povo
A bradar em confusão;
Como o pélago revolto
A referver em cachão;
Allumiados á noite
Pelas lavas do vulcão!

«Haja em Napoles justiça
Para todos seja a lei;
Governe Mazaniello
Saido da nossa grey;
Napolitanos, ás armas!
Matemos o vice-rei!»

Sobre o Tibre debruçado
O Pausilippo a chorar;
Antes quizera a Veneza
Suas sombras emprestar:
Que as aguas azues do Tibre,
Vão rubras queixar-se ao mar!

Mazaniello já cinge
Ao collo cordão ducal;
Já em Napoles aspira
Possuir poder real!
Em má hora tal lembrança
Havida para seu mal!

Antes nas ondas tranquillo
Sem ser mais que pescador;
Que no throno sem amigos
A finar-se alli de dôr;
Sem ao menos ter as ondas
Com quem fallasse d'amor

«A's armas napolitanos
Unidos todos a mim!»
Ai pobre já te não lembras
Do que ha pouco ainda te ouvi;
Gritavas por liberdade
Não nos fallavas de ti!

III

Onde está Mazaniello,
Para onde se escapou?
Mais alto que então gritava
Nunca o povo alli gritou:
A's janellas do palacio
O novo rei se amostrou!
Trinta balas que zuniam
Mataram alli o rei.
Para que as rêdes deixaste,
Ai pobre de ti não sei!

Pelas ruas lhe arrastaram
A cabeça, em confusão
Praguejando contra o morto,
Com gritos de maldição;
Allumiados á noite
Pelas lavas do vulcão,
Que mais rubras se tornaram
Desde aquella occasião!

---

## O MEU ANJO.

> Sur ma lyre, l'autre fois,
> Dans un bois,
> Ma main préludait à peine ;
> Une colombe descend
> En passant,
> Blanche sur le luth d'ébène.
>
> SAINTE-BEUVE.

O anjo que me protege
Que lindas azas que tem!
São leves como as da pomba,
São brancas como a cecem;
São ligeiras como os sonhos
Que á noite no berço vem.
Por mais que diga, não pinto
As lindas azas que tem!

Os olhos são todos pretos,
De um preto que não tem par;
Como as trevas de uma noite
Em que não brilha o luar.
Como os olhos que me dizem
Que tem as filhas de Agar;
Que são pretos, mas d'um preto
Que dizem que não tem par!

Quando eu era inda creança,
Que de fé que eu tinha então!
Todas as noites rezava
Como deve um bom christão;
Ao meu anjo de joelhos
Off'recia uma oração.
Era feliz n'esse tempo;
Que de fé que eu tinha então!

Fui crescendo na maldade...
Até em ser mau cresci!
Tantas rezas que eu sabia...
Pois de todas me esqueci:
Dos santos a quem rezava
D'esses mesmos eu descri;
    Fui crescendo, e na maldade...
Até eu n'essa cresci!

Desde então, por muito tempo
Nunca o anjo me appar'ceu;
Que não mais voltasse á terra,
Como um impio julguei eu;
Mas elle por mim velava,
De vista me não perdeu:
    Se bem que por muito tempo,
Nunca o anjo me appar'ceu!

Mas agora é mais que um anjo;
Não lhe conheço rival;
Tem o rosto mais perfeito,
Tem a forma divinal;
Só não tem as niveas azas
Transparentes de crystal.
    Mas que importa, se o meu anjo
Na terra não tem rival?!

E' verdade que o meu anjo
Formosas azas não tem;
Tão leves como as da pomba,
Tão brancas como a cecem;
Tão ligeiras como os sonhos
Que á noite no berço vem.
    Mas em troca de taes prendas,
Que lindos olhos não tem!!

---

# O ARABE.

TRADUZIDO DO HESPANHOL.

> Ma dague d'un sang noir à mon côtè ruisselle
> Et ma hache est pendue à l'arçon de ma selle.
>
> VICTOR-HUGO.

I

Como é linda e formosa esta folhagem
Da palmeira deserta de El'-Keddi,
Quando o sol, penetrando-lhe a ramagem,
Vem ardendo em calor bater aqui!

O firmamento em purpura se inflamma,
Com raios que arrastra o furacão:
Os areiaes refervem como a flamma,
Que vomita a cratera de um vulcão.

Nas azas do simoun veloz se arroja,
Remoinho de areia abrasador.
Das nuvens atravez, nas praias roja
O refulgente sol denso calor.

Nas areias que banham resoando
De carcomida sphynge o pedestal;
Um arabe corsel vae galopando,
Que donoso não é! Como é leal!

II

Alça a fronte magestosa
Que de joias mil se arreia;
D'este deserto de areia
Olha bem a magestade!
Renova os brios perdidos
Accorda d'esse teu somno:
Respira como teu dono
Do deserto a liberdade.

Um palacio entre muralhas,
Não me off'rece independencia;
Eu prefiro á opulencia
Viver livre como aqui.
Era como quem trocasse
Pelo mar a fonte fria;
E os rosaes da Alexandria
Pelas palmas do Zeddi.

Não escuto aqui soprando
O manso correr da brisa;
Nem a fonte que deslisa
Por entre verdes ramaes.
Esbravejam sós os ventos
Por detraz d'aquelle monte,
Gozo aqui de um horisonte
De topasios e coraes.

Detem-se o sol na carreira,
Só por ver como navego;
Por este revolto pego
No meu formoso alasão.
Correndo, nem mesmo apaga
Vestigios de pé humano;
Eu aqui reino sob'rano,
Onde impera o furacão!

Deus aos filhos lá da Europa,
Deu jardins e deu cidades;
E com danças e vaidades,
Escravisou-os ali.
Ao christão disse «trabalha,»
Mas ao arabe indolente,
Fel-o Deus independente,
Deu-me o deserto p'ra mi.

Quando a luz da nova aurora
O horisonte illumina,
Atravesso a carabina
Sobre o dorso do corsel;
E á sombra d'alguma sphynge
Dos tumulos d'antigos reis,
Vou sob'rano dictar leis
Aos adeptos de Ismael!

Espaço sem fim immenso,
Oh! que belleza é a tua!
Se triste pallida lua
Vem triste bater aqui!
Que me importa das cidades
Um sonho de vida, incerto?
Quero habitar no deserto;
Morrerei onde nasci.

Onde o peito de uma joven,
Ao nazareno arrancado,
Palpite terno ao meu lado
Sem terror, e sem desdem.
Minhas formosas escravas,
Com afagos e caricias,
Lhe dirão quaes as delicias
Que se gozam n'um harem!

Sobre o camello indolente
Que vem ajoujado d'oiro,
Se aproxima o voraz moiro
No auge do seu furor.
Sobre colxas de damasco
Mollemente recostado,
O nazareno espantado
Sente vir o seu senhor!

A christã dos olhos negros
É presa deliciosa
Parece, qual é formosa,
Do propheta bella huri!
Pois todas me foram dadas!
Brocados, chales, e veos,
Allah me grita dos ceos
Tudo, tudo é para ti!

III

E n'um formoso ceo d'immenso brilho,
Afogueadas nuvens passam sós:
E correndo, e correndo o mesmo brilho,
Lá ao longe inda avulta um albornoz!

E correndo, e correndo á redea solta,
Lhe prende o curvo alfange do arção;
Já lá fica a seus pés prostrada, rota,
A luzida espada do christão!

De ambição, e de amor a mente cheia,
Pelas filhas só vive de Ismael;
E lá corre... encoberto pela areia
Que levanta o galope do corsel!

---

# A CAMPONEZA

Que'elle est belle! ah! je vous écoute
Ce n'est pas là perdre mon temps.

BÉRANGER.

—Anda comigo donzella
Para a cidade folgar.
Quem como tu é tão bella
Nos campos não deve andar;
Anda comigo á cidade,
Acharás mais d'um amor:

«Tambem eu ca na herdade
Tenho amantes, meu senhor.»

—Terás festas todo o dia,
Verás lindas procissões:
Tudo lá tem alegria,
Todos vivem de funcções.
Anda comigo á cidade
Verás festas de primor:

«Tambem eu cá na herdade
Vejo danças, meu senhor.»

—Verás que luxo e bellezas!
Verás a côrte do rei;
Verás lá tantas riquezas
Que nem dizer-t'as eu sei.
Anda comigo á cidade
Terás brilho encantador:

«Eu não deixo a minha herdade,
Sou mui pobre, meu senhor.»

—Pobreza não é villeza,
Não fica mal a ninguem;
Vem comigo camponeza,
Terás tudo o que as mais tem.
Anda comigo á cidade
Terás coisas de valor:

«Tambem eu cá na herdade,
Tenho a honra, meu senhor.»

—Em troca d'esses vestidos,
Pobresinhos como são,
Terias outros luzidos
A fartar-te essa ambição.
Anda comigo á cidade
Anda-lhe ver o fulgor:

«Fui nascida n'esta herdade,
Não a deixo, meu senhor.»

—Camponeza, meus amores,
Se deixas de ser cruel,
Em troca dos teus favores,
Deixo cá o meu annel.
Anda comigo á cidade
Lá lhe verás o valor:

«Que diriam cá na herdade!
De que é elle, meu senhor?»

—E' todo de pedras finas,
De pedras finas de lei;
D'ellas as mais pequeninas
Fariam inveja ao rei.
Anda comigo á cidade,
Terás mais do meu amor:

«Muito triste é a herdade!
Não é triste, meu senhor?»

—E' muito triste, n'aldêa,
Não pode viver ninguem.
Toma lá esta cadêa
De pedras finas tambem.
Anda comigo á cidade,
Terás mais do meu amor.

«O não ir era maldade;
Vou comvosco, meu senhor!»

---

## NO ALBUM DE UMA SENHORA

Elle veut régner, elle est belle:
C'en est fait de la liberté.

BÉRANGER.

Donzella, n'este teu reino
Onde se vive de amar,
Podes afoita, sem medo,
Mais um vassallo contar.
N'este evangelho, senhora,
Vou minha crença jurar.

A's realezas da terra
Nunca me sube curvar;
Para mim um sceptro é brinco,
Não lhe sei valor ligar.
Vassallo sou da belleza,
Outras leis não sei jurar.

N'esta pagina singela
Vae meu orgulho acabar:
Já conheço realeza,

Já me curvo ante o altar;
Os teus olhos são culpados
Da minha fé perjurar.

Donzella, não fui discreto,
Não me sube disfarçar!
Fiz-me escravo por vontade,
Não m'o deveis perdoar.
E' uso da realeza
Os seus vassallos calcar.

Senhora, mostrae a todos
Que sois capaz de reinar.
Fazei justiça aos vassallos,
Deixae-me livre folgar.
Que mal vos fiz eu, donzella,
Para assim me captivar?

Quebra-me o meu juramento,
Que eu não o devia dar.
Vassallo que assim vos falla,
Não o deveis castigar:
Não sabia d'estas coisas,
Foi sem q'rer o seu peccar.

Dei aqui o juramento,
Não o posso quebrantar;
Nem contra os vossos dictames
Me soubera revoltar;
Quebrei as mãos á vingança.
Mal de mim se conspirar!

Mais que vassallo, captivo,
Os grilhões não sei quebrar;
Nem a vossa realeza,
M'o soubera perdoar:
Mostrae ao menos, senhora,
Que sois capaz de reinar.

---

## LUIZ DE CAMÕES

> **Os desgostes me vão levando ao rio**
> **Do negro esquecimento, e eterno somno**
> **Mas, tu me dá que cumpra, ó grão rainha**
> **Das musas, co'o que quero á nação minha!**
>
> **CAMÕES.**

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor!
Quem mais do qu'elle dissera
D'esse fero Adamastor!
Era um astro fulgurante;
Era um poeta gigante;
Tinha mais alma que o Dante,
Cantava com mais amor!

No peito, coberto d'aço,
Lhe batia um coração,
Que nem os cantos do Tasso
Sonharam maior paixão!
Era cantor e soldado;
Era um vate enamorado;
Foi um poeta inspirado
Como os d'hoje já não são!

Bem nos cantos se lhe marca
O signal do seu penar;
Nascera como Petrarcha,
Já fadado para amar!
Vêde bem o sentimento,
Com que dá, soltas ao vento,
Queixas mil de seu tormento,
Tristezas do seu trovar!

A sórte fél-o poeta
Das cinzas da pobre Ignez:
O mundo fél-o propheta
Do destino portuguez!
Poeta da desventura,
Previu a sorte futura;
Escreveu com mão segura
A prophecia que fez!

Deus, que deu aos portuguezes
D'além-mar as regiões;
Que nos livrou dos revezes,
Deu-nos o rei das canções.
Fomos o povo escolhido,
O nosso nome temido,
Hoje... só é conhecido
Pelos cantos de Camões!

Foi-se-lhe a vida em desgosto
Ao que a patria assim cantou,
Mais poeta que Ariosto
Que bellezas nos legou!
Pungido de acerbas dôres,
Pelo Tejo seus amores,
Foi o rei dos trovadores,
Foi o cysne que expirou!

Como Ovidio desterrado,
Tristezas canta tambem.
Do seu Tejo enamorado,
Saudades pungil-o vem!
Aos inhospitos palmares
Das terras d'além dos mares,
Canta os vergeis, os pomares,
Que a terra de Castro tem!

Debruçado sobre os cantos,
Da nossa fama padrão,
Lá verte sentidos prantos
Sobre a nossa escravidão.
D'Alcacer dá-se a batalha,
Em que um sceptro se esmigalha,
Involvendo na mortalha
O cantor e a nação!

Que poeta! e que soldado!
Que trovador tão leal!
De todos abandonado
Só achou... um hospital!
Mas a fama portugueza
N'este sec'lo de torpeza,
Só tem por toda a grandeza
A Camões por pedestal!

Alli vivem as victorias,
Já do povo, já do rei;
Alli vingam as memorias
Alcançadas pela lei:
E' pharol de nossa fama!
Alli vive o Castro e o Gama;
Em versos alli proclama
Triumphos da nossa grey!

A Camões, por monumento,
Só resta um livro: não mais;
D'aquelle genio portento
Não temos outros signaes!
Mas que importa, se a memoria
Do cantor da nossa gloria,
Alcançou maior victoria
Nos seus cantos colossaes!

---

## A LUA.

Es tu semblante pálido y suave
Cual las beldades de la patria mia.

BERMUDEZ DE CASTRO.

Eu gosto de ver a lua,
Em toda a pureza sua
Bater no mar:
É como donzella pura,
Que entre afagos e ternura
Ensina a amar.

Tu vêns pallida sorrindo,
Dos montes d'além surgindo,
Fallar de amor;
A's aguas, aos arvoredos,
Ensinas os teus segredos,
De meigo ardor.

Ó lua meiga e formosa,
Que assim te vás tão saudosa
Sempre a sorrir;
E's como Laura, que aos cantos
Mistura saudosos prantos
Do seu sentir.

Nos olhos de uma belleza,
Tem as lagrimas lindeza,
Que as mais não tem:
Se o rosto despe a alegria,
Até a melancolia
Lhe vae tão bem!

Quando ó lua assim te vejo,
Mais se accende o meu desejo
No coração:
Lembra-me Laura formosa,
Que em ser triste e pezarosa
Tem seu condão.

Tambem tu, lua, nas aguas
Sepultas as cruas maguas
Do teu viver.
Fallas á noite com ellas,
E saudosa lhe revelas
O teu soffrer.

Eu comtigo sympathiso,
Na tristeza que diviso
No teu olhar:
Quem alegre passa a vida,
Te deixa despercebida
Sem te saudar:

Toquei da tristeza a meta;
Fadado por Deus poeta
Fadou-me a cruz!
Amo pallido o teu rosto;
O brilho do sol de Agosto,
Não me seduz!

O' lua, formosa lua,
Que espelhas a face nua
N'um teu sorrir:
Assim, Laura, sem disfarce,
Como tu se retratasse
Sem me illudir.

Mas eu fui vendido á sorte,
Se não foi tambem á morte
Que eu bem no sei!
Mas a amar outra donzella,
Inda que seja mais bella
Não tornarei.

---

## O TEJO.

Dae-me agora um som alto e sublimado,
Um estylo grandiloquo, e corrente,
Porque das vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

CAMÕES.

Como é lindo e socegado
O meu Tejo de crystal;
No correr enamorado,
Oh Tejo não tens rival!
Com teus brandos murmurios,
E's o gigante dos rios;
A c'rôa de Portugal!

Lindo Tejo feiticeiro,
Em tuas ondas de anil,
Vem por noites de Janeiro
A lua brincar gentil:
E apoz ella vem pulando,
Tuas ondas festejando
Estrellas a mil e mil.

Patrio Tejo, n'outras eras
Tinhas throno e foste rei:
Do que és hoje, e do que eras,
Por vergonha calarei!

Patrio Tejo sou teu filho,
Inda vivo no teu brilho,
Tuas maguas não direi.

Corres pobre, mas invejo
O teu doce suspirar;
Doces aguas do meu Tejo,
Correi mansas sem parar:
E's monarcha em captiveiro;
Mas inda ha muito romeiro,
Que te venha festejar.

Sabe Deus se inda algum dia
A' terra do teu Camões,
Baixará formosa guia,
A quebrar-te esses grilhões!
Deixarás de ser espectro;
Outra vez terás o sceptro,
Reinarás nos corações.

Lindo Tejo, quem me dera
Como foste ver-te já!
O meu peito anceia, espera
Ver-te livre correr cá;
Oh meu Tejo! n'esse dia
Findará minha agonia,
O meu pranto acabará.

Como és lindo! que nobreza
Tens n'esse susurro teu!
Como banha com franqueza
Esta terra em que nasceu!
Como é grande e magestoso.
Quando alçando o collo annoso
Quer mostrar o poder seu!

Minha patria como és bella
N'esse teu meigo sorrir!
Quem nasceu em terras d'ella
Já nasceu para sentir.
Tens bellezas verdadeiras,
Oh terra das laranjeiras,
Linda fada... Inda a dormir!

Eu prefiro as mansas aguas,
Do meu Tejo a tudo o mais;
Quando o peito sente maguas
Suas ondas são leaes;
Vão correndo e suspirando,
Com seus beijos abafando,
Os eccos dos tristes ais.

Foi a mão do Ser Eterno
Quem formoso assim te fez?
Deu-te o condão de ser terno
Dando aos outros a aridez?
Embora desconhecido,
Tenho orgulho em ter nascido
Como tu tão portuguez.

Só te falta a liberdade
Meigo Tejo, meu amor;
Mas não quiz a Divindade
Dar-te mais esse primor:
Se t'a desse, oh minha terra,
Bellezas que o Tejo encerra
São tuas... não tem pintor!

Como é lindo e socegado,
O meu Tejo de crystal;
No correr enamorado
Não lhe conheço rival;

Com seus brandos murmurios,
E' o gigante dos rios;
A c'rôa de Portugal!

---

## A VARA DE CONDÃO.

Y confieso sin recato
Que la verdad no me inspira.

ZORRILLA.

Ha quem negue o ter havido
Magas varas de condão;
Ha quem duvide das fadas
Dos tempos que já lá vão.

Ha quem não creia em feitiços
De moira sem ter senão,
Que fizesse dando um beijo
Renegar mais de um christão.

Eu por mim vejo uma vara
Vara de mago condão,
Nos olhos de uma donzella
N'uns olhos que pretos são.

Vejo uma fada mimosa
Termo da minha ambição,
Na donzella que tem livre
Livre e solto o coração.

Ha moiras d'um tal aspecto
Moiras de tanta isenção,

Que só por lograr-lhe um beijo
Deixara de ser christão.

Se por um beijo ás escusas
Se vae lograr um condão;
Quem haverá que duvide
Das fadas que já lá vão?!

---

## A PRIMAVERA.

NO ALBUM DA EXCELLENTISSIMA SENHORA
MARQUEZA DE PENALVA.

Primavera dorata, inspiri e tenti
Questo gelido cor, questo ch'amara
Nel fior degli anni suoi vicchiezza impora!

G. LEOPARDI.

Vi-a! chegou! e na falda
Do monte brincá e sorri!
Vi-a! chegou! d'esmeralda
Vestindo o prado o colhi.
Rebenta do chão a relva,
E da ramagem da selva
Trina alegre o rouxinol:
A brisa baloiça a faia,
E em flor rebenta a olaya
Ao bafo quente do sol.

Chegou! chegaste! Bem vinda!
Bem vinda sejas amor!
Das estações a mais linda
Da natureza primor!
E's toda gala. Da balsa,

A toutinegra se exalça
De ramo em ramo a voar.
O ninho deixa na silva,
E no prado á madresilva
Vae seus cantos modular!

Bem vinda! Diz na arribana
Curvado vulto senil;
E na fonte que espadana
Se debruça o verde til.
Além, poisada no tôpo
D'erguido soberbo choupo,
Canta alegre a chamariz:
E a doida da borboleta,
Deixa a pura violeta
Da rosa pelo matiz!

Sê bem vinda, ó primavera,
Risonha de pompa e luz!
Comtigo o mal é chimera,
A ser bom teu brilho induz.
Teu sôpro remoça o velho,
Que a rezar curva o joelho
Lá do serro no alcantil:
Com teu perfume se exalta
A creança que em voz alta
Manda aos ceos prece infantil!

Bem vinda! Diz o arroio
Brincando pelo vergel;
Chega, vae-se, e depois foi-o
Banhar brincando em tropel!
Na murta que a selva feixa,
A rolinha em tom de queixa
Canta um terno madrigal:
Surge a rã do lago á borda,
E os eccos do valle accorda
Coaxando no azinhal!

Tudo é festa, e gala e riso!
Desce á terra a branda paz.
Em cada fonte um Narciso
Cuida ver-se, e em ver se apraz.
Nas ondas da pura lympha,
Se embala formosa nympha
Pela corrente veloz;
E do peito uma só magua,
Deixa ir á tona d'agua
Traduzida n'esta voz.

«Eu quizera ser a folha
Ou da rosa ou do jasmim:
Que não fôra minha escolha
Viver presa n'um jardim.
Quando a noite o sol offusca,
De tuas ondas em busca
Eu me iria com prestez.
Quando a lua se arredonda,
A mirar-se em tua onda
Voltaria inda outra vez!»

Sê bem vinda! E em delirio,
Sê bem vinda! diz a flor.
Exulta no prado o lyrio,
Tinge-se a rosa em pudor.
Além... escuto... e o grilo,
Por te ver deixa o asylo
Da selva, amiga fiel.
Embora o torvão retumbe,
A abelha voando zumbe,
Das flores sucando o mel!

Tudo por ti se enamora,
O' primavera gentil!
Da silva rebenta a amora,
A fera deixa o covil.
No prado pula a gazella;

E no teixo á philomela
Suas queixas vae trinar.
Arde em desejos o noivo;
O roxo singelo goivo
Lá se pende a baloiçar!

Aqui nasce o malvaisco;
Mais longe brota a cecem;
E'-te o rosal obelisco
Nas rosas que gera além.
O ceo é manto de seda;
E na frondente alameda
E' tudo riso e prazer:
Do monte deixando a aresta
Vôa a pomba, e na floresta
Vem saudades aprender!

Vem! chegou! Alli se esmera
A mão potente de Deus!
Confessa—o a propria fera
Nos brutos rugidos seus:
Dil-o a brisa em brando sôpro;
E entalha-o gigante escopro
Da selva pelo ramal.
Té o louva a philomena,
Quando por noite serena
Vem cantar no salgueiral!

Além, na fonte que espuma,
Em jôrros de casto azul,
Banha o cysne a nivea pluma,
E depois, pára e não bul!
Por entre festões de buxo
Ostentando pompa e luxo
O sol atravessa, e vae
A' rosa que o enfeitiça,
Já arrastrado, em preguiça,
Dizer-lhe em segredo «amae!»

Cá na terra tudo ama,
Primavera, á tua voz.
Do peito rebenta a chamma
Que nasce e cresce veloz.
Quer do bosque na clareira,
Ou do mar azul á beira,
E's d'amor a casta irmã:
Por teu culto arde a zagala,
Que além atravessa a valla
Vermelha como a romã.

No firmamento se engasta
A lua dizendo «amor!»
E pensando que não basta,
Quer brilhar com mais fulgor:
Quer, procura, e em ciume
Brilha accesa como um lume,
Fulgindo como um pharol;
E de luz gigante esmola,
Depois de si desenrola
Em pranteado lençol!

Onde chegas, primavera,
Tudo resurge feliz!
Quem eterna te fizera!
Quem teu nome não bemdiz!
Já mãe, da matta de tojo
A rôla sae; e o despojo
Do ninho por lá deixou.
Deixou; e vem á campina
Com a prole pequenina.
A dizer-te: «Eis-me, aqui'stou!»

O vento as ramadas zurze
Do frondoso castanhal:
E sibila pela urze
Que serve d'enfeite ao val:
O sol, em fogo pupureo,

Banha o risonho tegurio
Do pobresinho ancião;
E no proprio domicilio
Lhe canta formoso idylio,
Lhe entôa meiga canção.

O velho, cobrando força,
Saudades canta tambem,
E afaga a timida corça
Que as mãos lamber-lhe vem:
Cante a ave, o insecto zumba,
Que o velho, esquecendo a tumba,
Cuida a vida no alvor:
Ha pouco pendido n'haste,
Agora é mudo contraste
Da morte ao triste pavor!

A' porta do seu casebre
Encosta o rude bordão;
E porque mais te celebre
Reza singela oração.
Em troca de Deus recebe,
Por tua mão gentil Hebe
Formosa limpida luz:
De novo o velho remoça;
E ajoelhado na choça
Do Senhor adora a cruz!

E no serro de granito,
Onde o ninho a aguia faz,
O poder de Deus escripto
Se lê n'um traço vivaz.
Lê-se da fonte no jôrro;
No alto virente morro
Do perfumado alecrim;
E na folha purpurina
Da rosa que na campina
Mata de inveja o jasmim.

Eu por ti me abraso em zelos,
Ó primavera gentil!
Não sei, não posso escondel-os,
E' um affecto viril:
Em te ver me regosijo,
E por ti do peito alijo
Bem fundas maguas crueis.
Pelo teu porte composto,
Me volve a alegria ao rosto,
Como sem ti não vereis.

Sê bem vinda, primavera,
A's terras do meu paiz!
Sê bem vinda! ai! quem me dera
Contar-te o que o peito diz!
Quizera... não posso, é erro
D'este mortal vil desterro
Os teus mimos bem cantar,
Nem moderno novo Atlante,
Dera a lyra por garante
Das tuas graças sem par!

Se de tarde se alcátifa
O prado de flor louçã;
E' que o orvalho a borrifa
Pela fresca antemanhã.
E quando desce o crepusculo,
Sobre o tenro e fragil musculo
Da florinha do vergel;
Se por instantes definha,
Accorda como a andorinha
Ao brilho do sol novel!

Accorda; e soltando um hymno,
Louva n'elle o Creador,
Como nem eu imagino,
Como nem sabe o cantor!
Do peito a prece trasborda,

E da lyra em terna corda
Exhala os gemidos seus;
E em oração que não finge
Ao pé de quebrada esphynge
N'este canto adora a Deus!

---

## MARIA.

Aos montes ensinando e ás ervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

CAMÕES.

E' dos nomes que eu mais gosto,
E' do nome de Maria;
Quem te poz tão lindo nome
O meu segredo sabia.

Quem te quizer chamar bella,
Sem saber como o diria;
Por não usar de requebros,
Chama-te logo Maria.

Quem quizer dizer doçura,
Diz teu nome de Maria;
Se mais terno o procurasse
Outro assim não acharia.

A Virgem, se os quizesse
Se outros nomes não teria!
Pois não quiz: tomou teu nome
Chamou-se a Virgem-Maria.

E' que um nome mais perfeito
Do que o nome de Maria,
Não ha no ceo nem na terra,
Nunca Ella o acharia.

Quem te poz tão lindo nome
O meu segredo sabia;
E' dos nomes qu'eu mais gosto
E' do nome de Maria!

---

## FOLHAS SECCAS

Le soir, au bruit sourd de l'orage,
Marchant sur de tristes débris.
J'irai voir le dernier feuillage
Tomber sur les gazons flétris.

AIMÉ-MARTIN.

Ai! pobres folhas coitadas,
Sósinhas, abandonadas
Por esse chão!
Tão orphãs e desvalidas;
Andam no mundo perdidas
Que tristes são!

São assim esp'ranças minhas:
Pobres folhas, coitadinhas.

Bem rijo sopra o nordeste,
Que os ramos de folhas despe
Passando além.
E as pobres no chão prostradas,
Nem sentidas, nem choradas
São por ninguem!

Assim passa a minha vida;
Nem chorada, nem sentida.

Folhas seccas, já ornastes,
Já verdes abrilhantastes
Lindo jardim.
Agora... seccas, prostradas,
Vos deixam abandonadas
Jazer assim!

Tambem tive a mesma sorte;
Só me resta agora a morte.

Que funda melancolia,
Se revela na agonia
Do seu chorar:
Pobres folhas! a vaidade,
Inda as faz sentir saudade,
De mais brilhar!

Olhae que o fado tyranno,
Já vos deu um desengano.

Que vaidades serão estas!
Hontem tudo inda eram festas.
Hoje no pó!
Hontem tudo era festejo;
Mas hoje, nem sequer vejo
De vós ter dó.

São tudo galas fingidas;
São tudo illusões perdidas!

Este mundo é só vaidade;
Apenas reina a maldade,
E nada mais·
Quem perdeu a juventude,
Não lhe vale da virtude
Deixar signaes.

Hoje... vaidade e riquezas;
A'manhã, fundas tristezas!

Ai pobres folhas coitadas,
Sósinhas, abandonadas,
Por esse chão!
Tão orphãs e desvalídas,
Andam no mundo perdidas
Que tristes são!

Pois será bem maguado
D'or'avante o vosso fado!

---

## ESPERANÇA OU RECEIOS?

Quize refugiarme en mi proprio corazon, lleno no ha mucho de vida, de illusiones, de deseos.

MARIANO LARRA.

Entrei timida o alcaçar dos Talmas,
Alma e vida trazendo p'r'aqui;
Presto o ouvido, que sinto? São palmas!
Ai! bem vindas! bem vindas! Nasci!

Embalada por sonhos de artista,
Outras glorias nem eu as sonhei:
Era esta, só esta, que á vista,
Inda infante—no berço—doirei!

Pela gloria!... que é d'ella? estou louca!
Anda longe!... tão longe!... A razão
E' agora quem falla. Que a bocca
Foi traidora ao meu coração!

Longe andava!... Por ella perdida
Procurei... procurei... Sem achar!
Tu, oh arte! que aos outros dás vida,
Vem aqui no meu peito aninhar.

Inda infante—no berço—sonhei-te:
Ai! cuidado. . . Não saiba ninguem
Que inda em annos tão verdes eu dei-te,
O que o peito mais intimo tem!

Que o saibam? que importa! Dei mente,
Dei carinhos de mãe. Sem valor
Dei brinquedos de infancia. Quem sente
Tem na arte—e só n'ella—o amor!

Minha estrella, se tens de offuscar-te,
De perder-te sem rumo no mar;
Oh! então, sem arrimo, sem arte,
Onde pobre te irei procurar!

Se perdida a esperança mal ouso
Fronte erguida ter fé no porvir;
De meus sonhos o timido gozo,
Quem m'o pode de maguas remir?

Quem m'o pode remir? Insensata!
Sois vós todos que as artes presaes,
Que sabeis como a fé se nos mata,
Não ouvindo com dôr estes ais!

Entrei timida o alcaçar dos Talmas,
Alma e vida trazendo p'r'aqui:
Presto o ouvido, que sinto? São palmas!
Ai! bem vindas! bem vindas! Nasci!

——

## INNOCENCIA.

> Leia-me a virgem que à tarde,
> A' hora em que baixa o sol,
> No jardim passeia e pára
> Quando escuta o rouxinol.
>
> A. F. de Castilho.

Formosa meiga innocencia,
Casta filha do Senhor;
Nem tu sabes, nem eu quero
Fallar-te fallas d'amor.

Vem comigo, vamos ambos
Sentar-nos ao pé do mar.
E' lá que podes sem medo
Com as conchinhas brincar.

Verás as ondas pulando
Na praia virem morrer;
Levantarem-se orgulhosas
Para depois fenecer.

Contarás, uma por uma,
As estrellinhas do ceo;
São como tu innocentes,
Fulguram livres, sem veo.

Verás a lua saudosa
Vir as aguas pratear;
Vêl-a-has depois tranquilla
Ir-se nas ondas banhar.

Formosa meiga innocencia,
Casta filha do Senhor;
Nem tu sabes, nem eu quero
Fallar-te fallas d'amor.

A'manhã virás comigo,
A festejarmos o sol,
Que tinge as grimpas dos montes
D'esse pallido arrebol.

Lá verás como são bellos
Esses puros raios seus.
Ambos iremos á tarde
Dizer-lhe o ultimo adeus.

Verás então as campinas
De saudades a chorar:
As flores verás pendidas
Pelos troncos a murchar.

São saudades. Tu não não sabes
Bem ao certo o que ellas são,
Para as ter... ai! não as queiras,
Soffre muito o coração!

Mas verás, verás pendidas
Inda a carpirem seu mal,
O jasmim na hastea debil,
A rosa no seu rosal.

Não lhe queiras sondar maguas,
Nem os segredos saber.
A viver assim a vida,
E' melhor antes morrer.

Formosa, meiga innocencia
Casta filha do Senhor;
Nem tu sabes, nem eu quero
Fallar-te fallas d'amor!

---

## A MADEMOISELLE...

> Lá fête commencée, avec ses sœurs rieuses
> Elle accourait, froissant l'evantail sous ses doigts.
>
> Victor-Hugo.

São virentes, singelas as rosas
Que te cingem a fronte gentil.
Nem mais lindas, fragrantes, viçosas,
Deram nunca bafejos de Abril.

Não nas deram; que todas colhidas,
Foram ellas por timida mão.
Mas das rosas as mais escolhidas,
Ninguem diga que tuas não são.

N'essa fronte de loiros c'roada
Vae-lhe a rosa do campo tão bem,
Que por mais que te seja invejada
Não na deves ceder a ninguem.

Se eu tivera nascido inspirado,
Se me Deus concedera o pincel,
Copiando teu rosto encantado,
Rival fôra do grão Raphael.

Eu quizera tambem esculpir-te,
Essa fronte de mago condão:
Nos recortes da pedra vestir-te,
Dar-te vida, sonhar-te isenção.

Mas não posso; não tenho no peito
Esse fogo que as artes conduz.
Só me resta, nem sei se é defeito,
De teus olhos queimar-me na luz.

Não nas percas as candidas rosas
Que te cingem a fronte gentil;
Que mais lindas, fragrantes, viçosas,
Não nas deram bafejos de Abril.

---

## NO ALBUM DE UM POETA.

Viens, joins ta main de frére á ma main fraternelle,
Poéte, prends ta lyre: aiglé, ouvre ta jeune aile.
Etoile, etoile, leve-toi!

VICTOR-HUGO

De que serve a pobre planta
Ao pé do cedro sem fim?
O que faz se não encanta,
Ao pé da rosa o jasmim?
Se a planta não tem nome,
Se na terra se consome,
Inda haverá quem a tome
Com desvelo em seu jardim!

Que dirá meiga andorinha,
Em face do rouxinol?
Quaes os sons da lyra minha
Festiva, saudando o sol?

São sempre tristes os cantos
Sellados pelos meus prantos;
Nem p'ra os pobres os encantos
Lhes reluz de um arrebol!

De que presta em praia nua,
Erma conchinha do mar?
Despontando ao pé da lua,
Que estrellas podem brilhar?
Ostentando mil bellezas,
Incertas brilham accesas;
Mas morrem se nas devesas
A fulgir surge o luar!

De que presta n'alto monte
Rasteira gramma do val?
O que avulta junto á fonte
Um riacho de crystal?
É como ao pé da saudade
Que nasce na soledade,
Vir a rosa com vaidade
Campear como rival!

Irmão! recebe este canto
Como tributo, e não mais:
É escuro e denso manto,
Que encobre maguas fataes.
Guarda-o tu, irmão, no peito;
Que lá guardado e acceito,
Não temo de o ver desfeito
Ao sopro dos vendavaes.

Não temo... Que a poesia
Se recebe estranha dôr,
Nem a mostra á luz do dia,
Nem lhe descobre o pudor:

Segredo, irmão! que o desgosto
Nem se deixa ler no rosto,
Nem soletrar aqui posto
N'este nome sem valor!

---

## OS DESTERRADOS.

A EXCELLENTISSIMA SENHORA CONDESSA
DE VILLA REAL.

Rendons une patrie,
Une patrie,
Au pauvre exilé.

BERANGER.

De teus irmãos d'armas ó povo lamenta,
Desgraça da sorte, castigo immoral.
Dos olhos o pranto furtivo rebenta,
Ao ver tão abaixo descer Portugal!

Mal hajam os tygres, de sangue sedentos,
Que algemam o povo com rijos grilhões:
Mal hajam ferozes algozes cruentos
Que intentam, com ferro, comprar corações.

Seu crime é ser livres! e são desterrados!
Deixando as esposas, não choram por si;
São esses os mesmos valentes soldados,
Que em luta renhida lutaram por ti.

E tu os desterras! rainha, que fazes?
Pretendes d'amigo, d'esposa e d'irmão,
Firmar-lhes as crenças, propor-lhes as pazes,
Tirando-lhe a vida, negando-lhe o pão?

Saudades da terra, tão sua, tão qu'rida,
Bem fundas no peito lhe vão a pungir.
Algozes da côrte mais larga ferida,
Nos peito robustos lhe tentam abrir.

De estranhas poisadas já fartos os tristes,
Mendigos d'esp'ranças, soffrendo o seu mal,
Se podem, senhora, que assim os trahistes,
Saudarem attentos teu sceptro real? !

Nos pulsos algemas, nos rostos a fome,
Não vês desenhadas, eternas não vês?
Mal haja o estranho, que assim te consome
No peito as lembranças do que é portuguez!

E tu os desterras, os pobres soldados,
Que em volta se ajuntam d'um nobre pendão!
Protestos mentidos, conselhos damnados,
As bençãos d'um povo converte em baldão!

Rainha, que fazes? Por entre o rugido
Das ondas do povo não ouves bradar,
Que são «innocentes,» que o throno trahido
Em pelago fundo se vae sepultar?

Não ouves os gritos das mães consternadas
Chorando o seu fado, pedindo perdão?
Não ouves as turbas, na praça apinhadas,
Por entre soluços bradar «maldição!»

Não vês as espadas de trinta valentes,
Que o throno te deram, quebradas por ti?
Não ouves os brados de mil innocentes
Sem rumo na terra chorando por si!

Em troca de fundas, rasgadas feridas,
Em paga de affectos, rainha, o que dás?
Desterros injustos, promessas fingidas,
Tormentos sem conto, quebrantos de paz!

Mas foram-se todas do povo as esp'ranças !
Em terras estranhas lá vão mendigar ;
Levando no peito saudosas lembranças,
Que os tempos não podem no peito apagar !

São victimas tristes de fundas ciladas,
Urdidas nas trevas nos paços d'um rei !
Quem hade or'avante julgar respeitadas
Do povo as cabeças á sombra da lei? !

De teus irmãos d'armas ó povo lamenta
Desgraça da sorte, castigo immoral.
Dos olhos o pranto furtivo rebenta,
Ao ver tão abaixo descer Portugal!

---

## O SEU NOME

Oh! qui n'a dans son cœur quelque nom plein de charmes,
Quelque nom préféré
Un de ces noms qui font verser de douces larmes
Et qu'on garde ignoré!

F. LE BLANC.

O seu nome é tão saudoso
Como um protesto d'amor ;
É tão singelo o seu nome
Como da brisa o frescor.

E' como no verde prado
A linda rosa em botão :
E' como meiga donzella
Pedindo humilde perdão.

E' tão suave o seu nome,
Como a fonte a deslisar,
Pela relva da campina,
N'uma noite de luar:

E' como as notas da lyra
Se querem dizer paixão:
E' como as rolas aos beijos
Nas murtas que verdes são.

O seu nome é como as harpas
Dos celestes cherubins;
E' delicado o seu nome
Como os mimosos jasmins.

E' como em manhã de Maio,
Esse pallido arrebol,
Que convida as harmonias
Do saudoso rouxinol.

E' formoso o nome d'ella
Que mais formoso o não sei;
Mas dizel-o aqui a todos,
Isso não, que o não direi.

---

## A AMIZADE

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme!
Partout où tu n'est point, est le froid du tombeau.

P. Flaugergues

Resoe o meu canto nas ribas fragosas,
Levado nas brisas á beira do mar.
As ondas travêssas, mas sempre formosas,
Deslisem na areia sorrindo ao trovar.

Nas selvas umbrosas que habita a saudade,
Accordem-se os eccos da meiga soidão;
E em volta aos penedos dizendo «amizade»
Os eccos revertam ao meu coração.

Estrellas fugaces, que passam brilhando,
Fervendo, fulgindo, nos plainos do ceo:
São como mil virgens, a quem revelando
Meu candido canto vou puro e sem veo.

A lyra tomando, que ha muito calada
As trovas d'est'alma não quer repetir,
Por dia risonho, por noite cerrada,
Irei minhas trovas nos ceos esculpir.

As aves alegres descantam amores,
Pendidas nos ramos, lá onde não ha
Mão de homem astuto, que em cegos furores
Roubal-as aos filhos fraudoso se vá!

Assim minhas trovas, bem longe do mundo,
Soltal-as aos eccos, aos astros irei,
Que amigos ha poucos na terra em que fundo,
A crença suave que um d'elles achei.

Vem pois minha lyra, festiva e risonha,
E manda meus cantos aos serros d'além.
São trovas d'amigo que a mente me sonha,
Qu'importa que d'ellas não goste ninguem?

Não gostam por certo os homens da terra,
Sem crença, sem tino, sem honra, sem fé.
O canto singelo que as crenças encerra,
P'ra elles de certo formoso não é.

Quem visse n'aurora, que fulge e desperta,
Lembranças da vida, saudades d'amor;
Por entre o mesquinho da fragil offerta,
Veria das trovas immenso valor.

Quem visse nas cordas da lyra doirada
Passar resoando saudade infantil,
Creria de certo não ver apagada
Tamanha saudade com trova tão vil.

Meus hymnos saudosos irão susurrando.
Por montes e serras até fenecer.
Os carmes que as brisas me vão ensinando
Comigo, no peito, só devem morrer.

Por manhãs d'Abril radiantes e bellas,
Seguindo amorosas o curso do sol,
Irão minhas trovas, sentidas, singelas,
Imitar nos cantos gentil rouxinol.

Por tardes de julho, nas ceifas ardentes,
Em praia deserta, no quente areial,
Serão os meus versos fieis confidentes
Do peito fiel d'amigo leal.

Por noites d'Agosto, tão quedas e puras,
Irei eu sósinho sentar-me ao luar;
Não venham do mundo idéas impuras,
Roubar-me o socego d'um mago trovar.

Então n'este mundo, de um outro tão perto,
Com Deus e co'amigo, com ambos serei:
Palavras mentidas, n'este amplo deserto,
Dos homens fallaces eu não ouvirei.

Nas selvas umbrosas que habita a saudade.
Accordem-se os eccos da meiga soidão.
E em volta aos penedos dizendo «amizade»
Os eccos revertam ao meu coração.

---

## MELANCOLIA

> Já não sou quem ser sohia,
> Os dias passo chorando,
> As noites mal as dormia.
>
> BERNARDIM RIBEIRO

Quem tiver tristezas d'alma,
Quem tiver sentidos prantos,
Venha juntar-se comigo,
Venha ouvir meus tristes cantos.

Fugiremos d'este mundo
D'illusões e de vaidades,
E dos homens, bem distante,
Choraremos as maldades.

Dos homens longe, bem longe,
Nos homens nós pensaremos;
Seus odios, traições e raivas
Ambos juntos choraremos.

Em serros alcantilados
Soltarei canto sentido,
Pelas fragas escutado,
Pelos eccos repetido.

Companheira de minh'alma,
Suave melancolia,
Vem entreter-te comigo,
Vem ser minha companhia.

Solidão, meu bem supremo,
Solidão, vida d'est'alma,
Se me foges, se me deixas,
Minha dôr já não acalma.

Quem me dera que estes cantos
Do fundo peito nascidos,
Por um coração ao menos
Podessem ser entendidos.

Mas nem isso, nem um peito
Que entenda meu sentimento,
Que minhas trovas conceba
Que dê peso ao meu lamento.

Horas bem aventuradas
De socego e f'licidade,
Já lá vão de mim distantes,
Resta-me só a saudade.

A saudade, e vem com ella
Suave melancolia,
Minha irmã mui verdadeira,
Minha terna companhia.

Só no mundo com meus males,
Entre espinhos d'esta vida,
A minh'alma vae cansada,
Minha mente vae perdida.

Onde posso eu lamentar-me?
Onde achar posso um abrigo?
No peito d'um desgraçado
De meus cantos bem amigo.

Escutarei seus conselhos,
E nos braços da amizade,
Quebrarei d'esta vez inda
Minha pungente saudade.

Companheira de minh'alma,
Suave melancolia,
Vem entreter-te comigo,
Vem ser minha companhia!

---

## A VIRGEM E O SEPULCHRO.

A' EXCELLENTISSIMA SENHORA
D. MARIA AMALIA MACHADO.

Elle était de ce mond, où les plus belles choses
Ont le pire destin.
Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses
L'espace d'un matin.

MALHERBE.

I

Vi-a n'um baile pela vez primeira,
Alvas roupagens a donzella veste;
Pallida fronte, que sorri fagueira,
Cinge zeloso sepulchral cypreste!

Vi-a risonha dominar na festa,
Entre os aromas d'encantadas flores.
Manso, baixinho, cada qual protesta
Render-lhe preito, conquistar-lhe amores.

Na walsa doida, perpassando airosa,
Prestes caminha do sepulchro á beira;
Brisa travêssa que desfolha a rosa,
Tambem baloiça virginal roseira.

Pobre donzella! que a walsar te esqueces
Que a vida é curta, que o tufão vem perto!
E tu, sonhando, virgem te adormeces
Fallando em festas... E o sepulchro aberto!

Vi-a n'um baile pela vez primeira,
Alvas roupagens a donzella veste!
Pallida fronte, que sorri fagueira,
Cinge de ha muito sepulchral cypreste!

II

E dura a festa. E na walsa
Como a donzella vae bem!
Como a belleza realça
Da virgem que á festa vem.
Nos espelhos crystalinos.,
Quantos labios purpurinos
Não vão estudar seus hymnos,
Contar as maguas que tem!

Só tu não foste, donzella,
Teus encantos consultar!
Solitaria philomela
Soltas teu canto ao luar.
E'que a febre te devora:
E na face que descora,
Talvez luz de nova aurora
Mais não torne a fulgurar!

E' triste presentimento
Que lhe dá tamanha dôr;
Ou pelo seu pensamento
Se cruzou sonho d'amor?
Não, ai, não. Pensa na dança!
Já sôlta lhe ondeia a trança;
E sem ver que a walsa cança
Eil-a a walsar! Que furor!

Já soa de novo a orchestra;
Começa a walsa outra vez!
Do baile á virgem mais destra
Descóra, desmaia a tez!
Matou-a a walsa? Quem sabe!
Antes que a festa se acabe,
Talvez que uma flor desabe
Do tronco... murcha talvez!

III

E dura a festa! E na festa
Todos lhe chamam rainha.
E o calor das salas cresta
Alva rosa que definha!

E a festa dura! E da walsa
Alegre rouxinol canta;
E a virgem, doida, na walsa
Inda move a leve planta!

E dura a festa! E os lumes
Accesos brilham nas salas,
Que de invejosos ciumes
Transluzem por entre galas!

E dura a festa! Cançada,
Já quasi morta caminha,
E todos dizem «coitada»
Era do baile a rainha!

IV

E' findo o baile. Sepulchral silencio
Reina nas salas, onde ha pouco a dança
Do bosque os eccos accordava ao longe!
E' findo o baile. Que de murchas flores

O chão alastram dos salões doirados,
Onde inda ha pouco vicejavam bellas
E vivas de mil côres! Que de rosas
N'um phrenetico baile se não murcham!
Que enganosas esp'ranças não acabam
Ao acabar um baile, onde o delirio
Viva luz da razão tolhe aos sentidos!
E ella!. . . Aonde está? Que é feito d'ella?
Quem do baile á saida emfim aguarda?

—O sepulchro!

—Perdido forasteiro

Que nas trevas da noite se alevanta,
Com o termo final aos sonhos vagos
Que a donzella sonhou no baile ardente,
Entre os aromas que recende o lyrio,
E os protestos d'amor que o peito escaldam!
E' findo o baile. Sepulchral silencio
Reina nas salas, onde ha pouco a dança
Do bosque os eccos accordava ao longe.

V

Depois já morta, desbotada e fria,
Li-lhe nas faces um pallor funereo:
A walsa doida que seus passos guia
Conduz d'um baile para o cemiterio!

Alli, á sombra de copado arbusto,
Dorme a donzella, que na walsa expira,
Como um som triste, mas solemne e augusto,
D'um canto ameno que inspirou na lyra!

Alli não podem festivaes clamores
Jámais da campa despertal-a á vida,
Nem tristes eccos de fieis amores
Ouvil-a em troca soluçar sentida!

Vi-a n'um baile pela vez primeira,
Alvas roupagens a donzella veste;
Pallida fronte, que sorri fagueira
Cinge zeloso sepulchral cypreste!

---

## A FLOR PERDIDA.

A A***

Une femme dans une Rose.

DUPATY.

No pó das salas, coitada,
Achei a rosa perdida,
A bella rosa encarnada
Que aos salões fôra trazida:
Alli, no chão esquecida,
A pobre rosa singela
Só lastimava o desprezo
Da descuidada donzella,
Que pelo brilho das salas
Trocara os perfumes d'ella!
Tive dó da flor mimosa,
Quiz-lhe dar alento e vida,
Mas a pobre flor perdida
Não voltou mais a ser rosa.

Pois cerquei-a de cuidados;
Tratei-a com mil amores;
Mas, ou eu não entendia
De como se tratam flores,
Ou se cuidal-as sabia,
Não pude salvar aquella
Que aos salões fôra trazida,
Para, por mãos de donzella,
Nas salas ficar perdida.
Já secca, já desbotada,
À rosa chamei-lhe minha.
Se por momentos rainha
Brilhara no peito d'ella,
Quiz, depois de abandonada,
Dar á pobre flor mimosa
Os conselhos que eu daria
Nas salas a toda a rosa.
«Donzella que inspira amores,
Deve ter toda a cautela
Em não os deixar perdidos
Como deixa as outras flores;
Porque amores esquecidos,
Pela donzella orgulhosa,
Ninguem procura salval-os
Como eu quiz salvar a rosa,
Que aos salões fôra trazida,
Para, por mãos de donzella,
Nas salas ficar perdida!»

---

# MEDITAÇÃO

A' EXCELLENTISSIMA SENHORA CONDESSA
DA FONTE-NOVA

1846

> La felicidad no existe,
> La gloria es una mentira,
> Mas solo la gloria inspira
> Hazañas de gran valor.
> La dicha es la incertidumbra
> En que estriba la esperanza,
> Y porque nunca se alcanza
> Damos tras ella en correr.
>
> ZORRILLA.

Que saudades tão fundas se arreigam
Aqui dentro do peito ao soldado,
Quando á voz do tambor deixa a terra
Onde a vida passou descuidado!

Que saudades! Dizel-as soubera
O soldado, correndo á batalha,
Quando em vez dos carinhos maternos,
Vê a vida trocada em mortalha!

Mas a morte soffrera-a gostoso,
Se não fosse no peito a saudade,
Que lhe diz, que na terra que é sua
Para sempre deixou a amizade.

Mas que importa se a morte é com honra!
Se é partilha do pobre soldado;
Quando á voz do tambor deixa a terra
Onde a vida passou descuidado!

Mas que valem n'um peito que sente
Mil sonhadas lembranças de gloria,
Se na terra que é sua lá deixa
Quem mil vezes maldiga a victoria?

Quem irá á esposa innocente,
A' chorosa viuva do forte,
Quem irá lá dizer-lhe que a honra
Na peleja ao marido deu morte?

Quem se atreve a dizer ao amigo,
Ao amigo de fé verdadeira,
Que entre balas sem conto, uma d'ellas
Lhe arrancou illusão bem fagueira?

Mas á voz do tambor cessa tudo
Que podia sentir o soldado:
Té se esquece um momento da terra
Onde a vida passou descuidado.

Poaque «ávante» uma voz vae bradando
No immenso fragor da peleja;
E' a voz immutavel da honra,
Que nem mesmo na lucta fraqueja!

Assim vive, assim passa o soldado,
Comprimindo no peito a saudade:
D'outra sorte morrera sem honra,
Nem dos bravos lucrara a vaidade.

E lá segue e defende a bandeira,
Que lhe serve de guia sagrada:
E sò fica na lucta vencido,
Quando a vê já por terra prostrada.

E' então que renova a saudade,
Aqui dentro do peito ao soldado;
Quando á voz do tambor lembra a terra
Onde a vida passou descuidado!

---

## VERSOS A ELISA

Nunca vi nem gozei noite mais bella.

C. Sнивоо.

Lembras-te, Elisa, d'essa noite pavida
Que a vez primeira nos juntou o amor,
E ao longe os uivos do oceano em colera
Teu peito encheram de infantil pavor?

Lembras-te, Élisa, d'essa noite magica
Em que escondidas n'um profundo ceo,
Mal se atreviam as estrellas candidas
Das nuvens densas a romper o veo?

Lembras-te Elisa? Tuas faces pallidas
Tinham perdido o natural carmim;
E de susto, e de amor, tuas mãos gelidas
Entre as minhas aperto e beijo emfim!

Que noite aquella! De meus olhos avidos
O sacro fogo da vivaz paixão,
Buscava occulto, venenoso aspide,
Sugar da rosa o virginal botão!

Então meus olhos se alongavam cupidos
Buscando o termo de um sonhar febril,
Pelos teus hombros que em contornos lubricos
Minh'alma enchiam de desejos mil!

E nos meus braços, de ternura prodigos,
Te cinjo o corpo, te conchego a mim.
Eu não fallava, mas ás mudas supplicas
Tu respondias quanta vez—Pois sim!

Com mão afoita desatando a tunica
Que as formas raras te encobria então,
Lembras-te, Elisa, das palavras pudicas
Que me disseste, sem dizer o não?

Que noite aquella! No silencio tetrico
Das mudas trevas, meu amor feliz
Ouvia altivo tuas juras timidas
Dizer palavras que a paixão só diz.

Teus negros olhos, que baixavas languidos
Eram suaves promettendo amar;
Bem como as ondas da torrente limpida
Que vae saudosa fenecer no mar.

Então, Elisa, meus desejos fervidos
Deixava á solta desvairar sem fim.
E tu apenas perguntavas tremula:
«Dize, não mintas, não te agrado assim?»

E recostada no meu hombro, a estatua
Eras, Elisa, da mulher ideal
Que eu tinha visto nos meus sonhos credulos
Involta sempre no avaro sendal.

Com beijos mil nos teus seios já complices
Que de venturas n'uma só gozei!
Nas tuas roxas, desbotadas palpebras
Que indicios certos do prazer achei!

Lembras-te, Elisa, com que ardente jubilo
Teu corpo airoso contra o meu cingi?
E como os olhos pela nua espadoa
De ver-lhe a alvura, de cegar temi!

Que noite aquella! Tuas tranças d'ebano
Ha pouco presas em gentis festões,
Agora soltas pela face angelica
Vinham, lascivas, avivar paixões!

Preso em teus braços me ficara um seculo,
Suppondo-o sempre no correr veloz,
Ouvindo, Elisa, tuas juras candidas
Ao som cadente d'essa meiga voz!

E com ferventes, delirantes osculos,
Eu em teus labios de vivaz rubim,
Pagara aos centos, com desejo indomito,
Um só dos beijos que me deste em mim!

---

## CANTO DO NAUTA

> Que es mi barco mi tesoro,
> Que es mi Dios la libertad.
> Mi ley la fuerza y el viento,
> Mi unica patria la mar.
>
> J. DE ESPRONCEDA.

Nasci nas ondas do Tejo,
Embalado docemente
    Pelo mar.
Mais grandezas não invejo,
Do que poder livremente
    Navegar.

Tenho aqui os meus amores:
Nasceram nas frescas aguas
    A sorrir.
Não os troco pelas flores,
Que a terra entre fundas maguas,
    Faz florir.

Melhor patria, nem tão bella,
Do que o revolto oceano
    Deus não dá.
Aqui não sorri donzella:
Mas, em troca, vil tyranno
    Cá não ha.

O mar é symb'lo robusto
Da liberdade que o mundo
    Deve á Cruz.
O nauta, mysterio augusto,
Que o poder de Deus profundo
    Nos traduz.

Se á noite o nauta adormece
Deitado nas pranchas duras
    Do baixel;
Vaidades do mundo esquece,
Tem estrellas, lindas, puras,
    Por docel.

De manhã, se os ternos cantos
Não ouve das avesinhas
    A trinar;
Diz comsigo: Tambem prantos
Não sabem nas faces minhas
    Deslisar.

E não sabem. Se a tormenta
A rugir levanta irados
    Escarceos;
Do peito a prece rebenta,
E sem prantos maguados
    Sobe aos ceos.

Ao nauta que importam flores,
Se vivem sempre captivas
    Em jardim?
Que querem dizer amores
Que morrem, quaes sensitivas,
    Dando o sim?

Se irada ruge a procella,
Apraz-me vêl-a raivosa
    Rebramir;
Porque é então que revela
Na vaga, que espuma irosa,
    Seu carpir.

Que patria que é esta minha!
Aqui tudo é liberdade,
    Não ha lei;

Nem o orgulho definha,
Calçado pela vaidade
D'um mau rei!

Se em furia sibila o vento,
Pelos erguidos e rotos
Mastareos;
Nem um ai, nem um lamento,
O nauta em sentidos votos
Manda aos ceos!

Não manda. Lá tem a esp'rança
Que lhe diz que da procella
Nasce a paz.
Como do mar em bonança
A vaga que se encapella
Nuvens traz.

Nasci nas ondas. Não tenho
Nem ciumes, nem inveja
De ninguem.
Boiando n'um fragil lenho,
O nauta mais não deseja
Do que tem.

É livre Que mais precisa?
Nem o prendem amorosos
Vis grilhões.
Se manso o mar se deslisa,
Conta os astros luminosos
Aos milhões!

Poz n'elles os seus amorès,
Poz no mar a esp'rança sua
Mais em Deus.
Se não vê do bosque as flores,
Envïa queixoso á lua
Os ais seus.

Nasci nas ondas do Tejo,
Embalado docemente
Pelo mar.
Mais grandezas não invejo,
Do que poder livremente
Navegar!

---

## DESALENTO

Terre! enveloppe-moi de ton grand souvenir.

LAMARTINE

Altas horas da noite, e quando a aldeia
Em paz repoisa, involto no mysterio,
De lugubres visões a mente cheia,
Em demanda me vou do cemiterio.

Ninguem que me pertença aqui repoisa;
N'este chão, onde dorme tanta gente,
Não ha nem uma só rasteira loisa,
Onde o meu coração diga o que sente.

Mendigo de affeições, venho p'regrino
As campas consultar. Mudas embora,
Recomponho aqui o meu destino,
E n'esta solidão minh'alma chora.

Ao orvalho, que fresco se pendura
Dos braços d'esta cruz, e crystalino
Com meus prantos ferventes se mistura,
Contarei minha dôr, direi meu hymno.

Como a rolinha triste, que se esconde,
Fugindo ao caçador, entre os salgueiros,

Minh'alma foge ao mundo, e vem afoita
Cantar aqui seus cantos derradeiros.

E como veia d'agua serpeando
Pela verde campina o rio engrossa,
As lagrimas que eu fôr aqui chorando
Augmentarão, ó cruz! a gloria vossa.

Eu venho de tão longe, e tão cançado
Como ainda ninguem voltou do mundo;
Foi penoso o caminho; eis-me chegado
Aonde termo encontra um mal profundo.

Busquemos d'estas campas a mais pobre:
Qual d'ellas será? Talvez aquella...
Um singelo chorão resguarda e cobre
De brancas rosas virginal capella!

Convulso afasto do chorão as ramas,
E as rosas todas com meus pés esmago:
Depois no peito, que me ardia em chammas,
Melhor idéa com amor afago.

Talvez que as rosas innocentes, puras,
Tecidas fossem pelas mãos amantes,
D'alguem que n'ellas virginaes doçuras
D'eras passadas memorou constantes.

O fogo ao rosto me subiu de pejo;
Apanho as rosas com febril loucura,
Ao peito as uno, com fervor as beijo,
Para as deixar depois na sepultura!

«Profano e torpe! Nem as pobres flores
«Aqui te escapam de abjectas iras;
«Trazes do mundo pueris rancores
«E aqui, nas campas, infeliz deliras!

«Deixa na pedra do sepulchro as rosas
«Já desmaiadas de perfume e côr,
«Que foram postas pelas mãos piedosas
«D'alguem que amava com fervente amor!»

Subito aos olhos me assomara o pranto,
Envergonhado me sentira então;
Ao Deus supremo murmurando um canto
Do intimo d'alma implorei perdão!

---

## MULHERES

L'amour constant? De vieillesse il est mort.
Sauve qui peut! je prends l'Amour volage.
MILLEVOYE.

Se ha quem diga que as conhece
Aposte. Digo que mente.
Mas tambem não me parece
Que haja alguem tão imprudente
Que diga: conheço-as eu.
Aposte e veja : — perdeu.

Se por teimosas não cedem
Aqui lhes ponho um exemplo:
Atraiçoam quando pedem
Orando dentro do templo :
Não atraiçoam ? Casou
Quem tal affirma : — e ganhou?

Inda estou pelo que disse :
Se rezam, o que duvido,
Quizera que alguem ouvisse
A reza toda, o pedido.
Por quem era não sei eu :
Pelo marido ? — perdeu.

Eu que affirmei que não era
As provas vejo diante;
Se a oração foi sincera
E' que tinha ao lado o amante.
A quem comigo apostou
Pergunto agora : — e ganhou ?

A aposta é breve e singela
Sim ou não? Diga, responda;
Por quem rezaria ella?
Embora as razões esconda,
Não diga:—conheço-as eu!
Aposte, veja, e—perdeu!

---

## AMOR — GLORIA

Amo, ne fléchis point, roidis ce grand courage.

M. J. Chenier.

Uma que presta, sem que o outro exista?
Da mesma lyra duas cordas são;
Ambas nos cegam; d'uma á outra dista
O breve espaço d'uma só canção.
 Irmãs e amigas, o poder divino
A gloria nunca separou do amor;
 Juntas ainda n'este fragil hymno
Não tem as duas mais que um só cantor!

A' voz da gloria se rebenta a guerra
Que de podigios o soldado faz!
N'um só affecto todos mais encerra
Desvaira e teme que se chegue a paz!

Crente n'uns olhos que a paixão accende,
Outros se inspiram só á voz do amor.
Culto egual a minha lyra rende;
Não tem as duas mais que um só cantor!

A' gloria altiva que no sangue exulta
Marengo falla, e Waterloo bemdiz.
O heroe do sec'lo, que a si mesmo avulta,
Oppõe taes cantos ás flores de liz.
Menos ardente, por um só sorriso
A gloria nasce quanta vez do amor!
Ambas unidas no futuro diviso:
Não tem as duas mais que um só cantor!

---

## GRATIDÃO

A' EXCELLENTISSIMA SENHORA
BARONEZA DE S. COSME

> Non, jamais ma main ne repousse
> Ce symbole d'un sentiment,
> Mais lorsque la main est plus douce
> Je la serre plus tendrement.
>
> LAMARTINE.

Se no mar que se encapella
Ruge o vento com furor,
Para que amaine a procella,
Do seu barco off'rece a vela
O nauta, como em penhor.

Se no fragor da peleja
Valente soldado cae,
E mal ferido a cruz beija
Da espada que deseja
Q'um seu filho herde do pae;

Inda tem fallas, coitado,
Para alli mesmo jurar,
Que no seu pobre legado
Viverá o nome honrado
De quem ao filho o levar.

A andorinha constante
Ao sitio em que o ninho faz,
Embora em paiz distante,
Promette voltar amante,
E volta a morrer em paz!

Em longes terras ausente,
Jura o amante voltar
Aos braços de quem doente
Fugir-lhe a vida já sente
Se a não vem breve abraçar!

A lua desce á campina,
Com seu pallido fulgor,
A aviventar a bonina
Que n'haste morre e se fina
Do sol pendida ao calor!

E no raminho poisada
Onde a rola os filhos tem,
Vigia a mãe consternada
Que mão certeira, damnada,
Não deixe os filhos sem mãe.

A Deus o nauta agradece
Já livre da perdição;
O ninho a andorinha tece;
O soldado a mão off'rece
A quem lhe deu coração!

Só eu recebo um asylo,
E tão mudo heide ficar
Que supponham que é sigillo
De vaidade, até aquillo
Que a todos devo contar?

Pois enganam-se. No canto
Que m'inspira o coração
Dos affectos o mais santo,
O que tem maior encanto,
Guardo aqui—a gratidão.

Oxalá qu'inda algum dia,
Quantos a vida tem!
A gratidão que eu dizia
Não seja só poesia;
Possa proval-a tambem!

---

## RESIGNAÇÃO

Un nouvel homme en moi renait et recommence,

LAMARTINE,

De meus dias as horas vão contadas:
Poucas me restam já! Sei que vivi
Pela conta das lagrimas choradas,
Que ventura e prazer não conheci.

A morte que vem perto, e lentamente
Me consome e devora sem cessar,
Recebo, ao despedir-me, alegremente
Folga o meu coração, não sei chorar!

Se a Providencia quiz, se quiz a sorte
Que penasse no mundo o que eu penei;
Como o cysne expirando encara a morte,
No derradeiro extremo cantarei.
Minh'alma toda inteira n'este canto
De mesquinhas prisões se vae soltar:
Embebido n'um só affecto santo,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Como do templo a lampada que expira
Derrama em torno a si mais brilho e luz;
As cordas que se partem d'uma lyra
Vão resoar, gemendo, aos pés da cruz.
Só o homem, vaidoso, a sepultura
Não sabe sem pavor inda encarar;
Mas eu na morte emfim acho doçura,
Folga o meu coração, não sei chorar!

O que é a vida p'ra valer que a chorem,
Se em seguida ao prazer renasce a dôr?
O que é a vida p'ra valer que a adorem
Se no mundo á traição chamam amor?
Trabalhar e soffrer é nossa sina
Em quanto a noite eterna não chegar;
Embora longe da mansão divina
Folga o meu coração, não sei chorar!

Chore embora quem presa a vida sente
Aos olhos da mulher sua affeição,
Como a hera que abraça docemente
As ruinas d'um portico pagão;

A mim, que nada no mundo me tem preso,
Que as minhas affeições vi desabar,
A vida e mais as lagrimas despreso,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Em tudo similhante a essas aves
Que despresam dos campos o matiz,
E que só pelos canticos suaves
As conhecem os seus, no seu paiz;
A ellas similhante é o poeta
Que busca a solidão para cantar,
E que pode dizer á mente inquieta,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Como o bronze sagrado do mosteiro,
Que alegria e prazer, que o riso e a dôr
Confunde n'um só canto derradeiro,
Que manda ao throno excelso do Senhor;
Depurado de fel, o sentimento,
Que no peito uma vez deixei entrar,
Embora convertido em meu tormento:
Folga o meu coração, não sei chorar!

---

## RECEIO

Je veille, et nuit et jour mon front rêve enflammé.

VICTOR-HUGO.

Quando eu só comtigo e pensativo
Entre as minhas aperto a tua mão,
Eu não sei que prazer, que lenitivo
Sente junto de ti meu coração.

Esquecido do mundo as horas correm
Um ao outro jurando eterno amor:
E n'estas doces juras, que não morrem,
Me pintas tua fé, eu meu ardor!

Quando emfim, mais feliz, eu me recosto
Em teu collo, e te sinto o seio arfar;
Ou quando o meu joelho é teu encosto
E n'elle a linda fronte vens poisar;

Quando nos olhos teus os meus suspensos
Como a abelha nas folhas do jasmim,
Se os meus desejos sinto mais intensos
Tambem vago terror me vence a mim!

Quantas vezes, então, ai, quantas, dize,
De repente me vês estremecer;
Até que ardente lagrima deslise,
Pela face que em fogo eu sinto arder!

Em teus braços então vens estreitar-me;
E as lagrimas tão sós que derramei,
Quando, anjo do ceo, vens abraçar-me,
Nos teus olhos depois as encontrei.

Com perguntas sem fim tu me interrogas,
De meus prantos indagas a razão;
E mentalmente a Deus pedes e rogas
Te revele o que tem meu coração.

Não me interrogues mais. Escuta Elisa
A fundada razão da minha dôr:
E' que sei que a mulher tem por divisa
Mentir nos prantos, traficar no amor.

---

## A MADAME ANAIDE CASTELLAN

Quem pode ouvir-te, cantora,
Sem que dos olhos o pranto
Se vá juntar ao teu canto;
Ou sem que o peito rendido
A' tua voz que enamora,
N'um ai profundo e sentido
Não diga: Já não duvido,
A crença nasceu-me agora!
Bem haja o poder divino
Que na tua voz, cantora,
Manda á crença, que descora,
Que reviva n'um teu hymno,
Como no suave trino
De funda melancolia,
Que o rouxinol amoroso
Dos bosques a Deus envia
N'um canto triste e saudoso!
Se pois de ti é que nasce
O sacro fogo que alenta
A quem escuta o teu canto;
Se pois a fé se alimenta
A' tua voz; e no pranto
E' que o teu poder se ostenta:
Cessem os bravos, as palmas,
Que o tributo de quem sente
Só nos olhos se conhece,
Só no pranto é que é ardente!

—

# LIVRO II

Quand les cendres seront brûlantes, il me semble
Que vers nos anciens dieux nous volerons ensemble!

GOETHE.

## CAÇADA REAL

AO AUTOR DO CAMÕES—E D. BRANCA

I

Arreda, gente do povo,
Que vae el-rei montear.
O tempo não é de caça;
O que irá el-rei caçar?

Na côrte ninguem se atreve
Pela caça a perguntar:
O povo nota que é erro
Ir em tal mez montear.

Os cavallos estão promptos
Para el-rei os cavalgar;
No pateo do seu palacio
Andam os cães a ladrar.

Ha caçada; mas aonde?
Onde ira el-rei caçar!
Que não traz nada da caça,
Ha quem o queira apostar.

Só el-rei ri lá comsigo
De ver a corte a scismar;
Scisme embora a minha côrte,
Que o meu dever é calar!

Ha caçada; mas aonde
Ninguem pode adivinhar,
O tempo não é de caça,
Onde irá el-rei caçar?!

II

Para Odivellas monteiros,
Disse el-rei a cavalgar:
Má vida terá comigo
Quem a caça me espantar.

Ficou tudo alli calado,
Ninguem ousa de fallar;
Que aonde manda quem pode
Fôra loucura teimar.

Em Odivellas ha caça,
Que se não pode apanhar
Senão com rêde mui fina,
Que eu mandei já fabricar.

Sou caçador entendido
Nunca volto sem caçar:
O caso é ter quem me saiba
Ir a caça levantar.

Vae lá tu. Disse sorrindo
A um que estava a pensar.
Era o Camões do Rocio,
Que se não fez mais rogar.

Mette esporas ao cavallo
Eil-o ahi vae a galopar.

Mal a corte viu a escolha
Disse: o rei hade caçar!

Para Odivellas monteiros,
Mas a passo, sem trotar:
Má vida terá comigo
Quem a caça me espantar.

III

Pare aqui a cavalgada
Que eu não tardo de voltar;
Disse el-rei, em Odivellas,
Já o convento a avistar.

Pelas grades do convento
Viam-se uns olhos brilhar.
O convento era de freiras;
Onde irá el-rei caçar?

É real esta caçada!
Disse o rei, mal viu brilhar
Dois lindos olhos de freira
Na cella do seu sonhar.

E' real esta caçada!
Assim eu chegue a caçar:
Por aquelles olhos negros
Pode-se bem montear.

Boa caça tenho visto;
Mas não temo de jurar,
Que por mil annos que viva
Outra assim não vou topar.

E na fresta do convento
Os olhos sempre a brilhar;
E el-rei morto d'amores,
Mas sem poder lá entrar.

Sé o Camões perdeu a prenda
Já não posso mais caçar!
Metto-me frade. Sem elle
Não posso, não sei passar.

IV

Senhor rei, aqui me tendes,
Alviç'ras me deveis dar:
A caça está levantada,
Podeis sem medo caçar.

Bem me custou: as mais bellas
Custam mais' a captivar;
Mas em paga tem uns olhos,
Senhor rei, de enfeitiçar!

Bem freira não sei se é ella,
Que lhe falta o professar;
Mas em troca tem nobreza,
Que vale bem o altar.

N'outra assim já me não metto,
Que me posso ir arriscar
A que o vosso patriarcha
Mande para Roma contar.

São graves estes peccados,
Corre-se risco a caçar:

Quem sabe se o santo padre
Me poderá perdoar!

Por emquanto aqui me tendes,
Alviç'ras me deveis dar:
A caça está levantada,
Podeis sem medo caçar.

V

Vinha o sol a esconder-se,
Estava a noite a chegar;
Eis que as portas do convento
Se abriam de par em par.

E' real esta caçada!
Disse o rei logo ao entrar,
Rezando devotamente,
Sem para as freiras olhar.

Quem os p'regrinos acolhe,
Quem os sabe agasalhar,
Se não vive bem na terra,
Sabe-o Deus recompensar!

E dizendo, e procurando,
Viu uns olhos a brilhar:
Se muda ficou a freira,
Ficou o rei sem fallar!

Que uns olhos como ella tinha,
Tão lindos a negrejar,
Por mais que o rei procurasse,
Nunca os pudera encontrar.

Já longe vae a caçada;
Estàva a noite a chegar;
Mas as portas do convento
Ninguem as ia fechar!

Andou o rei todo o dia
Sem os cães a montear:
Mas assim mesmo ha quem diga
Que foi feliz... a caçar!

VI

Dizer o nome da freira
Não devo, que é ir faltar
Ao que, por honra das damas,
Se não deve divulgar.

O rei era... se não digo,
Pode alguem adivinhar;
Nem ha dever que me obrigue
Ao nome do rei calar.

Era el-rei Dom João Quinto,
Que saindo a montear,
Entendeu que mais valia
Ir no convento... caçar!

Peccado grande seria
Este seu grande peccar,
Se os frades que tinha em Mafra
Se esquecessem de rezar.

Mas assim podia afoito
Ir nos conventos caçar;
Que os frades eram aos centos
Para por elle rezar!

---

## AS FADAS

Quando eu era pequenino
Cria em fadas, porque não?
Se havia tantas na terra
Por onde eu folgava então!

Pelos serros d'Alemtejo
Ficaram p'ra mais de mil.
Do tempo que nas Hespanhas
Reinava a moirama vil.

Mas depois correram annos,
E tantos que é de pasmar!
Mudaram da lei que tinham,
Já nos não podem moirar,

São lindas, lindas as fadas,
Que eu vi nas bandas d'além;
E tão meigas, e tão ternas
Como não pensa ninguem!

Só não tem, como ha quem diga,
Magas varas de condão;

D'onde eu julgo que a magia
Lhes provém do coração.

Não direi, que é ter orgulho,
D'onde lhes vem o poder;
Se é dos labios, se é dos olhos.
Se é do que não sei dizer.

Mas os cantos que descrevem
Das fadas as perfeições,
São verdades, nem me digam
Que não são, sem dar razões.

Olhos como os olhos d'ellas
Não sei que tenham rival,
A não serem nos lascivos
Das moças de Portugal.

Mesmo assim tem os das fadas
Mais um outro não sei quê,
Que por mais que a gente queira
Sente sim, mas não se vê.

Não direi que são moiriscas
Bellezas que os olhos tem;
Que na minha terra ha moças
Que são formosas tambem.

Mas que sejam como as fadas
Tão perfeitas, mesmo assim,
Nunca se diga que eu minto,
Não no são, fiem-se em mim.

«São moiras» dirão as bellas:
«Caridade não dá fé;
«Quem nas fadas tem as crenças
«Amador christão não é.»

Mas quem tem a caridade
Por certo que um beijo dá:
Por um beijo, embora peque,
Faço-me crente d'Allah.

Não pudera resistir-lhe
Aos formosos beijos seus:
Eu depois procuraria
Fazer as pazes com Deus.

Mas gozara o ceo na terra,
Vivera n'um puro oasis:
Nem Deus me dera castigo
Por desejar ser feliz.

Que os olhos como os das fadas
Não sei que tenham rival,
A não serem nos lascivos
Das moças de Portugal!

---

## OS DESEJOS DO INFANTE

Deixae-me crescer
Da lua ao luar;
Que sou pequenino
E não posso andar.

Se morro tão cedo
Não posso chegar,
A ser homemzinho
A ir commungar.

Não verei de perto
As aguas do mar,
Nem tantos peixinhos
Nas ondas boiar.

E a mãe o levava
Ao collo a mostrar.
De perto, mui perto,
As aguas do mar.

Desejos não pôde
Do filho matar;
Quizera ser homem
Crescer sem parar!

Deixae-me crescer
Da lua ao luar;
Que sou pequenino
Mal posso fallar.

Cresceu e cresceu,
Sem nunca parar;
Chegou a ser homem
D'acceso pensar.

Mas sempre nas queixas
Do lindo trovar,
Saudades suspira
Da noite ao luar.

—

## UM CONSELHO DE AVÓ

Fiando na sua roca,
Que era de prata e msrfim,
Uma velha, muito velha,
A' neta cantava assim.

Tu és a luz dos meus olhos,
E s na terra o meu condão;
P'ra que ruins te não percam
Vem ouvir esta lição.

E' d'uma filha travêssa
Que te vou aqui fallar,
Que s'esqueceu por amores
De quem mais devia amar.

Que se perdeu n'este mundo,
Porque o demo tentador
Lhe foi de manso ao ouvido
Fallar em coisas de amor.

Não tens mãe que te aconselhe;
De ha muito que não tens pae;
Só eu te resto na terra...
Lá vae o canto—lá vae.

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha,
A' neta cantava assim.

E' verdadeiro este caso
Como haver ondas no mar;
Como dançarem as bruxas
Fóra d'horas ao luar.

Havia na minha terra,
Ha quantos annos não sei,
Uma linda rapariga,
Par'cia filha de rei.

Era modesta, coitada,
Por orgulho não peccou;
A culpa maior de todas
Foi de quem a namorou.

Taes palavras elle disse,
Taes palavras ella ouviu,
Que por encurtar discurso.,
A pobre louca fugiu.

Deixou as irmãs pequenas
Sem ninguem pr'as embalar;
E foi-se por essas terras
Dizendo que ia casar!

Rapariga que assim deixa
Toda a sua creação,
Foge-lhe o anjo da guarda,
Corre á sua perdição.

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha,
A' neta cantava assim.

Fiou-se de mais, coitada!
Inda o anno ia a findar,
Já ninguem lhe dava novas
De quem a fôra tentar.

Entrou-lhe aquillo a dar pena,
Entrou-se a lembrar dos seus;
Saudades trazem saudades,
Só lhe pode valer Deus.

Tanto a pobre se queixava,
Tanta lagrima chorou,
Que a razão se lhe foi indo,
Que doida, doida ficou.

Andava por fóra d'horas
A chorar que punha dó;
Se via gente fugia,
O seu gosto era andar só.

Pelas irmãs pequeninas
Andava sempre a chamar;
Como quem tinha vontade
Das probresinhas beijar.

Se lhe fallavam de amores,
Começava a rir, a rir,
Como quem dizia ás outras
Que o amor era mentir.

Fez-se-lhe branco o cabello,
Das faces perdeu a côr;
Do peito foi-se-lhe a crença
Que a pobre teve em amor.

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha.
A' neta cantava assim.

Minha neta, Deus te livre
De tamanha tentação;
Toma lá estes bentinhos,
Não t'esqueça esta oração.

«Pae do ceo, fazei que eu siga
Conselhos de minha avó;
Que me não perca por homens,
Quando fôr no mundo só.

Que tenha sempre juizo
Para ver quem me quer bem;
Que não me levem palavras
A seguir nunca ninguem.

Padre, Filho. Esp'rito Santo,
Recebei esta oração,
Como quem deseja d'alma
Não cair em tentação.»

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha.
A' neta dizia assim.

Inda sei mais outro conto
De maior valor talvez;
S'eu tiver vida e saude,
Dir-t'o-hei para outra vez.

E' de duas raparigas
Que se deixaram moirar;
Que p'ra fé foram perdidas,
Como esta foi por amar.

Qual das tres causa mais pena
Nem tu sabes, nem eu sei,
Antes perder o socego,
Do que afastar-se da lei.

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha,
O conto acabava assim.

---

## S. GONÇALO D'AMARANTE

AO MEU AMIGO A. P. DA CUNHA

S. Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as moças,
Que mal vos fizeram ellas?

Embora velhas beatas
Vos rezem com santidade:
São de mais; ha-as de sobra
Na vossa santa irmandade.

Rezar-vos-hei, ó meu santo,
Tres padre-nossos cantados,
Se por cada um me deres
Tres esbeltos namorados.

Irei descalça ouvir missa
No dia do vosso nome,
S'eu alcançar boa paga
D'este amor que me consome.

Nem todas as velhas juntas
Levarão tantos bentinhos,
Como encobertos n'est'alma
Levarei ternos carinhos.

S. Gonçalo d'Amarante,
Brincalhão e galhofeiro,
Fazei-vos antes das moças
Devoto casamenteiro.

Qu'eu vos prometto por todas,
—Casando a nosso contento—
Muita crença na virtude,
Muita fé no casamento.

Rezar-vos-hei, ó meu santo,
Tres padre-nossos cantados,
Se por cada um me deres
Tres esbeltos namorados.

Promessas que fazem moças,
Tem tal condão e verdade,
Que o santo deixou as velhas,
Pelas moças, por bondade.

E a datar d'esta promessa
Feita ao bom de S. Gonçalo,
Não ha uma só donzella
Que possa deixar d'amal-o.

Que a todas o bom do santo
Deu alma p'ra seis amores,
A qual d'elles o mais falso,
Em seus dons e seus favores!

Embora velhas beatas,
Vos rezem com santidade;
São de mais; ha-as de sobra
Na vossa benta irmandade.

S. Gonçalo d'Amarante,
Um dos meus tres namorados
Irá rezar-vos por mim
Os padre nossos cantados.

E só se dirá mentindo
D'um santo tão galhofeiro,
Qu'inda é, como era d'antes,
Das velhas casamenteiro!

---

## A TEMPESTADE

«Minha mãe, eu tenho medo
Muito medo dos trovões!»
—Cobra animo, meu filho,
Reza as tuas orações!

Deita-te aqui no meu collo;
Chega-te bem, meu amor;
Os trovões qu'estás ouvindo
São castigo do Senhor.

Dize-me agora em segredo,
Fizeste hoje mal a alguem?
Talvez mentisses meu filho?
Quem mente nunca faz bem.—

«Hoje não, que me não lembra;
Hontem sim, isso menti;
Minha mãe, será castigo
Que venha por'môr de mi?»

—A culpa é leve, meu filho,
Para castigo tão cru.
A tua mãe não se mente;
Diz, que mais fizeste tu?—

«Hontem brincando queimei-me,
Queimei-me n'aquella luz;
Com a dôr talvez fallasse
No inimigo da cruz.»

—Fallar no demo é peccado,
Isso é, que eu bem no sei:
Mas castigo só por isso,
E tão grande... não direi.—

«Não me lembro de mais nada;
Só se foi... mas isso não,
Por não ter eu dado a um pobre
A metade do meu pão!»

—Pois o castigo, meu filho,
É por esmola não dar;

Deves depressa chamal-o
S'elle tornar a passar.—

«Minha mãe, o pobresinho
E' aquelle que além vem!»
—Vae já buscal-o, meu filho,
Que bastante fome tem.

Olha agora; vês as nuvens
Como ellas fugindo vão?
Desde que o pobre chamaste
Já se não ouve o trovão.

A caridade, meu filho,
E' um preceito de Deus:
A quem a cumpre devéras
Ajudá-lhe Deus os seus.

«Pois heide dar mil esmolas,
Quando chegar a ser rei;
Heide cumprir como devo
Com os preceitos da lei.»

—E's muito creança ainda!
Quem dá aquillo que tem,
Cumpre um santo mandamento,
Não tem inveja a ninguem.

Olha o ceo como está lindo!
Vae pelos campos brincar,
Que o pobresinho cá fica
Hade comnosco jantar.—

---

## A LAREIRA

Nas noites d'inverno, sentado á lareira,
Quando era pequeno mil contos ouvi.
Entre elles vea este, que ao pé da fogueira,
Por muito cantado de cór aprendi.

Contaram-me immensos, de bruxas e fadas,
Que eu julgo não serem contados com fé:
Mas este tem fundas memorias herdadas,
Por isso tem sempre ficado de pé.

Contou-m'o uma velha, que todos diziam
Que nunca mentira, nem mesmo a brincar;
Os que eram creanças, com gosto aprendiam
Os contos que a velha contava a chorar.

Ouvi, ouvi este, que tem o seu fito
Em dar-vos singela lição de moral.
Ouvi-o calados, que é muito bonito,
E todos me dizem ter fundo real.

Foi-me elle contado no mez de Janeiro,
Ao pé da fogueira, sem ter outra luz:
Jurar-vos não juro, mas é verdadeiro;
Façamos nós todos o signal da cruz;

P'ra que Deus nos livre de maus pensamentos,
Que o demo suscita na mente aos fieis.
Agora podemos, sem medo a tormentos,
Fugirmos do demo ás aridas leis.

O conto é singelo, mas reza a verdade;
Ouvi-o calados, não façaes motim:

Ninguem que duvide por isso se enfade,
Lá vae o meu conto; chegae-vos a mim.

I

Era d'uma vez um velho,
Ai pobre de quem o é!
Que ao seu bordão encostado
Mal se sustinha de pé!
Diziam, valha a verdade,
Ter oitenta annos d'edade.

Cego de gotta serena
Tenteando as trevas vae;
Se bom filho o velho fôra,
Era ainda melhor pae.
Deu-lhe Deus uma só filha,
Que em belleza e maravilha.

Avisava o pae ao certo
De quando nascia o sol;
Pela mão o conduzia
Para ouvir o rouxinol;
Que ao despedir-se do dia
Cantava com melodia.

Mas o demo tem taes artes,
E tão ruins ellas são,
Que por não poder vencel-a,
Captivou-lhe o coração.
O que ella fez não se sabe,
Nem mesmo no conto cabe.

Mas o que dizem ser certo,
E' que a filha abandonou

O pobre velhinho cego,
Que logo apoz expirou.
Olhem que funda saudade,
Quanto mais n'aquella edade!

O pobre velho, ralado,
Não póde com tal paixão;
E morreu, legando á filha
No seu leito a maldição.
Não vem bem a quem mal faça;
Começa aqui a desgraça.

N'isto benzeram-se todos
Para ouvirem o final;
Que reza por tal maneira
Que até ouvil-o faz mal:
São lembranças do castigo
Que o crime trouxe comsigo.

Não percaes nunca a memoria
D'esta mui fiel historia.

II

Passaram-se annos e annos
Sem ninguem fallar em tal;
Vae senão quando uma noite,
—Foi na noite de Natal—
Todos n'aldeia a queixar-se
D'algum novo horrivel mal!

Padre! Filho! Esp'rito Santo!
Para longe a tentação!
Ouviu-se uma voz ao longe,
Como as dos vivos não são!
Aprendam todos, aprendam,
N'esta terrivel lição.

Era aquella ruim filha
Que vinha, sem se saber,
Todas as noites, trindades,
Novos males commetter!
Creança que ella apanhava
Nunca mais vinha a viver!

Diziam todos na terra
—Mas nunca ninguem a viu—
Que andava sempre sorrindo
Desde o dia em que fugiu:
Que em cama feita por gente
Nunca mais ella dormiu.

Pelas eiras e montados,
Corria sem direcção;
Ouvia sempre sorrindo
O ribombo do trovão:
Até se esqueceu a triste
Benzer-se como christão!

Diziam todos á uma,
—Se é verdade não no sei—
Que mal a noite baixava,
Quebrando por toda a lei,
Vinha a cavallo no demo,
Contente que não direi.

Creatura que ella olhasse
Ficava sem mais fallar;
Passava por pé dos santos
Sem se benzer, nem rezar.
Tornou-se feia, tão feia,
Que era mesmo de pasmar!

Uns dizem que era doida,
Por isso não queria a paz!

Mas alguem da sua aldêa,
Mais do que os outros sagaz,
Logo disse que eram artes
Do maldoso satanaz!

III

Para colhel-a em peccado
Vinha a justiça d'el-rei;
Nada fez: fora do mundo,
Vivia por outra lei.

Eu então era pequeno
Quando isto aconteceu;
Mas logo disse comigo,
Governar em quem morreu
Não podem homens da terra.
Pois foi o que aconteceu!

Andaram por muito tempo
Sem na poderem prender:
Até que um d'elles lembrou-se
D'outra justiça fazer.

Foram procurar o bispo,
Que era um santinho sem par;
Passava dias e noites,
Pelas contas a rezar:
Até o papa fallava
Em o querer canonisar!

O bispo benzeu-se logo
Com tamanha devoção,
Como quem dava em resposta,
Lá irei que sou christão.

IV

Venham todos ver a festa
Que vae linda de pasmar!
Vem mil padres enfeitados
Com seu habito talar:
Vem na frente o senhor bispo
Esta aldêa exorcismar!

Para que não volte á terra
Essa terrivel visão!
Disse o bispo exorcismando
Logo após d'uma oração.
E deitando a agua-benta
Foi-se á sé em procissão.

Desde então, n'aquella aldêa,
Viveu tudo sempre em bem,
Nunca a má da rapariga
Appar'ceu a mais ninguem,
As creancinhas da terra
Já medo d'ella não tem.

Só a casa em que vivia
Uma noite ardeu por si;
Sem ninguem lhe deitar fogo
Ficou cinzas logo alli!
Não me digam que é mentira,
Foi um milagre que eu vi.

O Senhor que pode tudo,
Tal milagre permittiu:
Inda é viva muita gente
Que em cinzas a casa viu.
Podeis ter isto por certo,
Nunca a bocca me mentiu.

Olhem os filhos maldosos,
Que não respeitam seus paes,
Os castigos que Deus manda
Por esses erros fataes!
Aprendam todos os filhos
A respeitarem seus paes.

Contar-vos um conto com mais singeleza,
Ninguem, a sabel-o, por certo o fará.
Agora se a velha, fingindo fraqueza
Por nós o contarmos, de nós se rirá,
Não posso dizel-o; nem essa certeza,
Depois d'ella morta ninguem nos dará,

---

## ANNINHAS

### TOADA POPULAR DO RIBA-TEJO

Anninhas, Anninhas,
Toma bem cautela;
Tua mãe não brinca
Tenho medo d'ella.

Tenho medo d'ella,
Mais sim, ou mais ai.
Toma bem cautela,
O' meu ziguc-zai.

Anninhas, Anninhas,
Isto assim não dura;
Anda fazer queixa
Ao teu padre cura.

Ao teu padre cura,
Mais sim, ou mais ai;
Anda fazer queixa,
O' meu zigue-zai.

O' meu zigue-zigue,
Fujamos da aldeia;
Ha sezões na terra
Podes ficar feia.

Podes ficar feia,
Mais sim, ou mais ai;
Fujamos da aldeia,
O' meu zigue-zai.

Só fujo comtigo
Depois de casada;
Na terra em que vivo
Sou bem reputada.

Sou bem reputada,
Mais sim, ou mais ai:
Fugirei casada,
O' meu zigue-zai.

Ficavas mais livre
Fugindo solteira:
Contavas da festa
Não sendo festeira.

Não sendo festeira,
Mais sim, ou mais ai;
Gozavas solteira,
O' meu zigue-zai.

Quem dá taes conselhos
Não ama devéras;
Só forja mentiras,
Só sonha chimeras.

Só sonha chimeras,
Mais sim, ou mais ai;
Não ama devéras,
O' meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Quem ama não foge:
Dá-me cá um beijo,
Casemos já hoje.

Casemos já hoje,
Mais sim, ou mais ai.
Quem ama não foge,
O' meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Toma bem cautela;
Tua mãe não brinca,
Não no saiba ella.

Não no saiba ella,
Mais sim, ou mais ai;
Toma bem cautela,
O' meu zigue-zai.

## AS TRES ENCANTADAS

«Ai manas, cantemos,
Cantemos folgadas,
Que d'hoje a seis dias,
São as consoadas.

Aposto que o Pedro,
Largando as manadas,
Não falta nas danças
N'aldeia dançadas:

E o sôr padre cura
De vestes sagradas,
Virá ver as moças
Suas confessadas:

E nós todas juntas,
De mãos enlaçadas,
Iremos pedir-lhe
Ser abençoadas.

Em vindo as mordómas,
Festeiras votadas,
Mil festas, mil danças,
Serão começadas.

Cantemos, ó manas,
Cantemos folgadas,
Que d'hoje a seis dias
São as consoadas.»

Fallava a Maria,
De faces rosadas,
Ao pé do moinho
Das tres encantadas,

Que foram tres moças,
Que rezam baladas,
Terem sido todas
Do demo furtadas.

Chegou o seu Pedro
De calças listadas;
Que festas e brincos
Das enamoradas!

Ninguem a par d'elle
Tem trovas moldadas,
Tão bellas, tão meigas,
Tão bem afinadas.

Na sua viola,
De cordas doiradas,
Ha notas que prendem
De bem moduladas.

Chegou-se á Maria
De faces rosadas,
Ao pé do moinho
Das tres encantadas.

E com lindas fallas
De ha muito estudadas,
Fallaram d'amores,
Ternuras sonhadas.

«Mui cedo vieram
Tuas consoadas:»
Disseram as moças
D'inveja raladas.

—Quer tarde quer cedo
São bem empregadas,
Para o meu noivado
São já convidadas.—

Ai pobre Maria,
Que pragas raivadas
Serão o teu dote
Nas vodas tratadas,

«Mui cedo vieram
Tuas consoadas:»
—Quer tarde quer cedo
São bem empregadas.—

E com lindas fallas
De ha muito estudadas,
Fallaram d'amores
Ternuras sonhadas.

São quatro e mais quatro
Semanas passadas.
Onde vão as moças
Tão bem enfeitadas?

A's vodas de Pedro,
Que são celebradas,
Na terra onde foram
D'amor começadas.

E a linda Maria
De faces rosadas,
Deveu a fortuna
A's tres encantadas.

E os dois se casaram
Em horas fadadas,
Por santos e santas
No ceo festejadas.

E as moças do sitio
D'inveja raladas,
Queimaram de noite
As tres encantadas.

Dô pobre moinho
As traves tisnadas,
As furias attestam
Das enamoradas.

E como ellas foram
Na noite queimadas,
Em que são tres missas
Por nós celebradas,

Achei acertado
Fazer recordadas
N'essa mesma noite
As tres encantadas.

---

## O TROVADOR

### SOLAU

I

Saudades chora
O trovador,
Que alegre canto
Matou-lh'o a dôr.

Triste assentado
A' beira mar.
Quem passa escuta
O seu trovar.

Que lindas trovas,
Que as trovas são;
Nascidas todas
Do coração.

Saudoso canta
Seu fundo mal;
Que a linda Bertha
Foi desleal.

Tantos amores
Que lh'elle deu,
De todos Bertha
Já s'esqueceu.

Que só é rico
    De muita dôr,
O pobre e triste
    Do trovador.

Muitos castellos
    A dama tem;
Causa de tanto
    Feroz desdem.

Tem muitos pagens
    O castellão;
Muitas herdades
    Que suas são.

Muitos guerreiros
    A' sua voz;
Na sala nobre
    Muitos avós.

E tem nas armas
    Cinco brazões,
De seus maiores
    Qu'eram barões.

E o pobre e triste
    Do trovador,
Só tem nobreza
    Na muita dôr.

Só tem as trovas
    Por seu brazão;
Só tem riqueza
    No coração.

Por isso a dama
  Lhe não quer bem;
Por isso o triste
  Não tem ninguem.

II

«Á guerra, á guerra,
  Vassallos meus;
Por minha filha,
  Pelo meu Deus.

A' guerra, á guerra,
  Por meus avós;
A' guerra todos
  A' minha voz.»

E o pobre e triste
  Do trovador,
Ao ouvir «guerra»
  Foi-se-lh'a dôr.

Pegou de manso
  No bandolim,
E sem esforço
  Cantou assim:

«Ai linda Bertha,
  Ai meu amor;
Ouvirás novas
  Do trovador.

Ouvirás como
  Lá se bateu,
Contra dez moiros
  A quem venceu

Ouvirás como
   Salvou teu pae;
A quem um moiro
   A matar vae.

Ai linda Bertha,
   Ai meu amor;
Ouvirás novas
   Do trovador.»

III

Tão crua guerra
   Ninguem a viu,
Como foi esta
   Que se seguiu.

Durou por annos,
   E sem parar;
Morreram muitos
   N'este lidar.

Ninguem na guerra
   Mostrou valor,
Que avantajasse
   O trovador.

Que não s'importa
   Ninguem morrer,
Se é sem ventura
   O seu viver,

Bote que dava
   Matava dez,
Que vinham todos
   Cair-lhe aos pés.

«Por Bertha» disse,
  «Eu morrerei;
Já que de amal-a
  Vedou-m'o a lei.»

Co'a lança em riste
  Partiu, voou;
Por onde passa
  Mortos deixou.

E o pae tocado
  De tanto amor,
Chamou de parte
  O travador,

«Muito vos devo,
  Dom menestrel,
Sois tão valente
  Como fiel.

Tenho uma filha,
  Bem no sabeis ;
Pois Bertha é vossa,
  Vós a tereis.

Tem olhos pretos,
  Mão de marfim;
Sorriso breve
  D'um seraphim,

Peitos a arfarem,
  Porte gentil,
Faces de neve,
  Bellezas mil.

Sois tão valente
   Como fiel:
Pois Bertha é vossa
   Dom menestrel.»

IV

Erga-se altivo
   O meu pendão:
Que vae de volta
   O castellão.

Toquem nas trompas
   Em festival,
Garridas marchas
   Em triumphal.

Como lhe bate
   O coração,
Ao pobre e triste
   Do infanção!

Duvida ainda
   De Bertha ver.
Como elle a sonha
   Sem noivo ter.

Lá s'erguem, longe,
   Os torreões;
Do pae de Bertha
   A's possessões.

E ella não veiu
   Seu pae buscar,
Como era de uso
   N'este lidar.

E ao pobre e triste
   Do infanção,
Bateu-lhe rijo
   O coração.

V

Mal sabe o velho
   Que alegre vem;
Que já de ha muito
   Filha não tem!

Houve quem soube
   Ir-lhe fanar,
A rosa bella
   No seu altar.

Só quem entende
   O que é ser pae,
A dôr concebe
   Que n'alma vae

Ao pobre velho,
   Que se morreu
De ver fanado
   O sangue seu.

De ver as sombras
   De seus avós
Bradar-lhe iradas
   Em crua voz.

«Culpa os impulsos
   Do coração,
Neto dos netos
   De D. Reimão.

Melhor te fôra
Ceder a amor,
Que se fanasse
A linda flor.»

E o pobre e triste
Do trovador,
Cantou endeixas
De muito amor.

Pegou de manso
No bandolim,
E sem esforço
Cantou assim:

«O fero orgulho
De D. Reimão,
Matou-me cedo
O coração.

Ninguem se ufane
D'acção ruim,
Quem tem soberba,
Não tem bom fim.

Que é grão peccado,
Que offende a Deus
Ter em desprezo
Os irmãos seus.»

Arpendam todos
N'esta lição,
A ter bondade
De coração.

Que mais não haja
No mundo amor,
Como o que teve
O trovador

---

## A CEIFEIRA

Ha quem diga, por inveja,
Qu'és feia por ser trigueira;
Dizem as damas da côrte;
Deixal-as dizer, ceifeira.

Quizera que ellas te vissem
Feita senhora festeira;
Que me dissessem depois
Se eras ou não feiticeira!

Que vissem com que requebros
Te vaes a mercar na feira;
Que vissem como innocente
Vaes depois pular na eira.

Mariquinhas d'olhos pretos,
Mimosa, gentil ceifeira,
E's bella por caprichosa,
E's linda por ser trigueira.

Heide ir á festa de longe
Ver-te na dança ligeira,
A ver se coras na dança,
A ver se tens quem te queira.

Heide ir depois alcançar-te
Do atalho mesmo á beira,
A dizer-te que na dança
Eras gentil a primeira.

A dizer-te que eras linda,
Como a aurora prazenteira;
A contar-te que na festa
Eras só sem companheira.

A contar-te que não perdes
Por te chamarem trigueira,
A ti rainha da festa,
Mimosa, gentil ceifeira.

A ti que eu vi assentada
Hontem á noite á lareira,
Crendo devéras n'um conto,
N'um conto de feiticeira.

A ti que vergas a cinta,
Como se verga a palmeira;
Que tens escripta no rosto
Inspiração verdadeira.

A ti que dormes co'o Christo,
Pendente da cabeceira;
Que só choraste na vida,
Uma vez por brincadeira!

A quem chamam, por inveja,
A Mariquinhas trigueira;
Porque sabem que és de todas
A mais mimosa ceifeira!

Porque tens nos olhos negros
O condão de dar cegueira,
A quem os fita de perto,
Com attenção verdadeira.

Só te falta alva capella
Das flores da laranjeira,
Que a todos diga que a noiva
Era inda ha pouco a festeira.

Que nos dê a triste nova,
Que pela vez derradeira,
Vemos de perto, tão perto,
Aquella fronte fagueira.

A quem as mais, por despique,
Vendo a formosa ceifeira,
Diziam—«coitada d'ella,
Sendo assim morre solteira!»

---

## A MINHA AMA

«Cruzes!... Credo!... Deus me livre
Para longe as tentações!
Sonhando com uvas pretas,
Com ellas sonhei traições!»

E rezou o credo em cruz,
E benzeu-se cinco vezes,
E ficou-se resoluta
Para affrontar os revezes.

«Querem ver que o lubishomem,
Mal trindades der o sino,
Vem tentar ainda esta noite
No seu berço o meu menino!

Foge d'ahi, lubishomem,
De cima d'esse telhado;
Deixa dormir o menino,
Deixa-o dormir descançado!»

A somno solto eu dormia,
Sem cuidar em tentações,
Sem sonhar com uvas pretas;
Sem tremer cruas traições.

E a minha ama... coitadinha!
A rezar no seu rosario;
Que o marido, ha já um anno,
Anda a cumprir seu fadario!

Mal que soam as trindades,
Sae da casa sorrateiro,
E anda pelos montados
Transformado n'um sendeiro.

Tres falsas juras que dera,
O tornaram incapaz
De se ver um anno livre
Do poder de Satanaz.

Acabar devia o anno
Em dia de S. Martinho;
Mas o demo que não perde,
Lá se foi valer do vinho.

O que elle fez não se sabe;
Mas passa por verdadeiro,
Que andará inda outro anno
Transformado n'um sendeiro!

Agora de que eu não temo,
E d'ouvir-lhe a tentação:
Que não quer Deus que o demonio
Domine n'um bom christão.

E a minha ama, coitadinha!
Em chorar, chorar porfia:
Se a Virgem Santa a não ouve,
Ai! que perde a luz do dia.

---

## A VIVANDEIRA

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor;
Quem não canta na força da guerra,
Ai amor! ai amor! ai amor!

Quem a vida quizer verdadeira,
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida, esta vida que eu passo,
Com tão lindo gentil mocetão:
S'eu depois da batalha o abraço,
Ai que vida p'r'o meu coração!

Que ternura cantando ao tambor,
Ai amor! ai amor! ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim:
E depois, só depois da batalha,
Vêl-o salvo cantando-me assim:

Em t'as marchas fazendo trigueira,
Mais t'eu amo gentil vivandeira.

Não me assustam trabalhos da lida,
Nem n'as balas me fazem chorar:
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar.

Qu'eu lá sinto no campo o tambor
A fallar-me meiguices de amor.

Só na guerra se matam saudades,
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabam vaidades,
Só na guerra não custa o morrer.

Ai que vida! que vida! que vida!
Ai que sorte tão bem escolhida!

Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração;
Mas prestemos attentos ouvidos
Ao taplão, rataplão, rataplão.

Ao taplão, rataplão, que o tambor
Vae cadente fallando de amor.

Ai que vida que passa na guerra,
Quem pequena na guerra viveu:
Quem sósinha passando na terra,
Nem o pae, nem a mãe conheceu!

Quem a vida quizer verdadeira,
É fazer-se uma vez vivandeira.

---

## O SOLDADO

Rufam na praça os tambores,
O clarim toca a rebate;
Os eccos repetem guerra,
Os eccos dizem combate.

A nação chama os seus filhos
A affrontar da guerra a sorte;
Adeus, ó terra da patria,
Vou-me caminho da morte.

Minha fiel companheira
Que nunca me falhou tiro,
Parece dizer-me «ávante»
Deixa o teu santo retiro.

Deixa a eesposa, os filhos larga,
Affronta p'rigos de Marte;
Rufam de novo os tambores,
Desprega-se o estandarte.

Adeus, ó terra da patria,
O clarim chama á batalha;
Irei por ti affrontar
Densas nuvens de metralha.

O pendão ergue-se altivo,
Ao chamamento sagrado;
Deserta fica a choupana,
Não falta nunca o soldado.

Os eccos tristes que soam
Dizem adeus á esposa:
Levam a benção aos filhos,
Ao soldado abrem a lousa.

Rufam na praça os tambores,
O clarim toca a rebate;
Os eccos repetem guerra,
Os eccos dizem combate.

---

## A KOSSUTH

E' livre o povo que ao heroe da Hungria
Saúda em cantos de festivo amor;
E crê e espera ver raiar o dia
Que ao longe assoma com vivaz fulgor.

E' livre o povo que o heroe proscripto
Na patria acceita, e lhe diz: «Aqui
Teu nome fica na memoria escripto:
Da pobre Hungria que será sem ti!

De imigas raças ao teu brado erguidas
Tremem tyrannos, sem pudor, sem fé:
A's hordas brutas, ao poder vendidas,
Oppões um povo á tua voz em pé!

Kossuth és grande! Do venal cossaco
A bocca impura confessou: tremi!
A patria tua cobre um veo opaco:
Da pobre Hungria que será sem ti!

Falta-lhe o filho, que ao gemer dorido
Da patria em ferros, sem temor surgiu:
E em pé nos muros de Comorn erguido,
Um povo oppresso libertado viu!

Teu nome, eterno, lá ficou em Buda!
O povo é grato, com amor sorri;
E diz no peito, porque a bocca é muda,
Da pobre Hungria que será sem ti!

Oppressa em ferros, opprimida chora
A patria tua, que ser livre quiz!
Um povo irmão, que a liberdade adora,
Teu nome acceita, teu valor bemdiz!

Descança um pouco!... Na cruenta lida
Nem sempre é grande quem disser «venci!»
Solta um só brado, volverás á vida
A Hungria morta, sem heroe, sem ti!

---

## A ROMARIA

### I

«Ai que linda vae a festa,
Qua vistosa romaria!
Só eu, coitada, não tenho
Quem me seja companhia.

Se alguem me levasse á festa,
Aqui mesmo juraria,
Co'o proprio demo casar-me
Dentro d'um anno e um dia.»

Palavras não eram ditas
Eis que um moço lhe apparecia,
Mui cortez e mui guapo,
Que estas fallas lhe dizia:

—Acceito o teu juramento;
Dentro d'um anno e um dia,
Lembra-te bem que disseste
Com o demo eu casaria!

Agora já te não falta
Nem amor, nem companhia,
Podes vir comigo á festa
Ver a santa romaria!—

II

E' bem de ver como a pobre
De susto não ficaria;
Caiu no chão de joelhos
Rezando á Virgem-Maria!

Desbotada como um lyrio
Ora chorava e tremia,
Ora convulsa rezava,
Mas nem palavra se ouvia.

Immovel, petrificada,
D'alli se não desprendia;
Viva imagem do remorso
Contrafeita se sorria.

Té que uma voz a desperta
Que estas palavras dizia:
—Serás minha desposada
Dentro d'um anno e um dia!

O juramento que deste
Já ninguem t'o quebraria.
Podes vir comigo á festa
Ver a santa romaria!—

III

Ao ouvir estas palavras,
Como se fosse magia,
D'aonde presa estivera
A coitada se movia.

Enfeitada para a festa,
Tremendo os passos seguia
Do vulto que taciturno
Lhe ia servindo de guia!

Atravessou pela aldêa,
Como a pobre não iria!
Sempre a dizer em voz baixa:
«Valha-me a Virgem Maria!

Valham-me todos os santos
Que minha mãe me dizia,
Eram esp'rança e conforto
No momento d'agonia.

Valha-me a Cruz!» De repente
Olhou a pobre, e não via
Quem até alli a levara
Quem lhe servira de guia!

IV

Passou um mez, e mais outro,
Passou um anno e um dia.
Depois d'aquelle em que fôra
A' festa da romaria!

Na mesma noite n'aldeia
Um vulto negro apparecia,
Que em voz alta o juramento
D'alguem da terra pedia.

Tudo n'aldeia era susto,
Tudo de medo tremia:
Mas a que vinha o phantasma
Ninguem ao certo o sabia.

Só quem jurara casar-se
Um anno antes havia,
A que o phantasma alli vinha
Coitada d'ella, sabia!

Sabia por seus peccados;
E a tremer se benzia,
Sempre que o vulto bradava
—Passou um anno e um dia.—

V

Mais uma noite passara,
Outra talvez passaria,
Sem que o phantasma dissesse
O que alli preso o trazia.

A não ser que quando tudo
Inda n'aldeia dormia,
O sino grande da terra
Sem mão d'homem se tangia.

E no dobrar compassado
A triste sorte carpia
D'alguem, que no lance extremo
A taes horas se sentia!

E em lagrimas banhada,
A' Virgem Santa pedia
Perdoasse a quem, devéras,
Morrendo se arrependia!

Que o juramento que dera
Sem remorsos o cumpria,

Desposando a sepultura
Antes d'um anno e um dia!

---

Pelo eterno descanço
De quem desce á terra fria,
Rezamos nós peccadores
Ave Maria!

---

## O MUTILADO

Co'a mão calosa, que domava outr'ora
Na ardente briga do corsel o ardor,
Um berço embala, descantando agora
Canções que alembram juvenil fervor.

Meu neto dorme, dorme em paz que eu canto,
Ao pé d'um berço, tradições sem par;
Se o rosto a furto te orvalhar de pranto,
Ampara o cedro que o tufão tombar!

Em briga immensa, pelejando afoito,
Ouvi sem medo trovejar fuzis;
Das trevas densas d'enredado coito
Fitei altivo os batalhões hostis.

Meu neto dorme; das passadas glorias
A voz d'um velho te fará lembrar;
Sonha meu neto festivaes victorias,
E ampara o cedro que o tufão tombar!

Gigantes luctas de gigantes raças,
Do povo em nome combatendo vi:
Torpes orgias, bacchanaes devassas,
Dos reis nos paços resoar ouvi.

Meu neto dorme, dorme em paz que eu canto
D'um povo oppresso as tradições sem par;
Se o rosto a furto te orvalhar de pranto,
Ampara o cedro que o tufão tombar.

Se o rouco brado de civis contendas
Na patria um dia se fizer ouvir,
Para que o povo teu irmão defendas
Recorda o berço que te viu florir.

Meu neto dorme, das passadas glorias
A voz d'um velho te fará lembrar;
Sonha meu neto festivaes victorias,
E ampara o cedro que o tufão tombar!

---

## S. MARTINHO

Não ha nenhum santo com tantos devotos
Como é S. Martinho.
No ceo não ha santo que tenha mais votos
De nós peccadores,
Nem tantos devotos, nem tantos amores,
Como é S. Martinho!

Por isso as más linguas, que nada respeitam,
Nem a santidade!
Na terra não querem, no ceo não acceitam
Quem bebe bom vinho;
E negam, se negam, seu culto e amores
Ao bom S. Martinho!

Deixal-os, que o santo não quer, nem precisa
D'um falso carinho:
Da seita só presta quem tenha a divisa
De livre devoto;
Quem beba sem susto, quem dê seus amores
Ao bom S. Martinho!

Os santos são muitos; mas tão populares
Como é S. Martinho;
Com tantos festeiros, com tantos altares,
Não ha nenhum santo;
Nem quem mais mereça singelos amores
Do que é S. Martinho!

No dia da festa do santo mais santo
Da côrte celeste,
Saudemos alegres, aqui n'este canto,
Quem bebe bom vinho;
Jurando devotos eternos amores
Ao bom S. Martinho!

---

## A ALCACHOFRA.

AO NEU AMIGO J. DE MACEDO.

O que diz esta alcachofra,
Queimada por intenção
Da bella por quem suspiras,
Em noite de San-João?

Bem queimada e requeimada
Cá por ti a queimei eu;
Oxalá que nos rebentos
Me revele o fado teu.

Alcachofra reverdece,
Cobra de novo vigor;
Vem ao menos por descuido
Ser mensageira d'amor.

E queimei uma alcachofra
Só por tua intercessão;
As alcachofras não mentem
Em noite de San-João.

Tenho fé n'esta fogueira
Accesa por minha mão,
Com fadigas e trabalhos
Em honra de San-João

Ahi vae essa alcachofra,
No teu fogo arder, arder,
Antes que murche de todo
Que não chegue eu tal a ver.

Que esta alcachofra queimada
Deve servir de signal
Se um coração de donzella
Pode, ou não, ser desleal.

Tenho fè n'esta fogueira,
Accesa por minha mão,
Que fallará a verdade
Em honra de San-João.

Não me deixeis mentiroso
N'esta minha devoção;
Dizei-me toda a verdade
San-João, meu San-João.

É consulta que vos faço
Por outrem, que não por mim.
Far-vos-hei uma fogueira
Toda de pés d' alecrim,

Se esta alcachofra queimada
Inda chegar a brotar;
Pois é certo que a donzella
Pode inda chegar a amar.

Ahi vae essa alcachofra
De um amigo em devoção;
Dizei-me toda a verdade
San-João, meu San-João.

O que disse a alcachofra
Queimada por tenção
Da bella por quem suspiras,
Em noite de San-João?

Oh! dizer-t'o eu não quizera,
Que triste nova te dou:
Ao nascer do sol brilhante
A alcachofra murchou.

E ficou tão requeimada,
Como eu não podia crer,
Que o amor d'uma donzella
Assim podesse morrer.

Mas não creias na consulta,
Foi feita do coração;
Mas os santos tambem mentem
Em noite de San-João.

---

## O REBEQUISTA D'ALDEIA

Com a mão que hoje tremula maneia
O arco d'onde tira alegres sons,
Empunhando o fuzil out'ora anceia
Em pró da patria ter mais altos dons!

Se via o estrangeiro entrar ousado,
Calcando altivo a terra de seus paes,
Nunca ninguem o vira acovardado
Oppondo á invasão só tristes ais.

Lembrava-se da mãe, velha e doente ;
Do entrevado pae, curvo e senil ;
Da amante, que chorava ; e de repente
Empunhava cantando o seu fuzil.

Orgulhoso guerrilha não esp'rava
Ouvir o chamamento do tambor ;
Mal que éstranha bandeira tremulava,
Não consultava mais que o seu valor.

Aos escalvados serros da montanha,
Onde tanto em creança ia folgar,
Resoluto subia : dando á sanha
Do soberbo invasor o proprio lar.

Que saudades então, vinha, coitado,
Pungir-lhe, acerbamente, o coração !
Lembrava-se dos seus, maguado
Por vezes o fuzil largou da mão.

Mas de repente ao longe um som ouvia
Desusado n'aldeia ! Era o signal
D'inimiga phalange, que aturdia,
Bradando — guerra ! o seu torrão natal.

No peito o coração lhe pula ardente ;
Cuida as queixas d'amante ao longe ouvir,
E a voz paterna murmurar-lhe sente
Santos conselhos :—Não deveis fugir !

Então na briga mais audaz se lança ;
A patria invoca com ardor febril,
Tendo só posta sua doce esp'rança
Nos beijos, premio d'uma acção gentil !

Enganos tudo! D'uma bala vinda
De mão certeira, que o fuzil conduz,
Inda a peleja se não julga finda,
Dos olhos ambos lhe roubava a luz.

Desde esse dia, pela aldeia, o pobre,
Cantando, implora de quem passa o pão;
E acerbas maguas, que no peito encobre,
Disfarça ao som de marcial canção.

E a nobre fita que devera, honrada,
Nunca d'estranhos attrahir o dó,
Se ao peito d'outros é da torre e Espada,
N'aquella a lenda lh'a encobriu o pó.

Honras que prestam, se a pobreza ostenta.
Sagrados symb'los d'infeliz valor?
E a patria morta já debalde tenta
De seus bons filhos bem pagar o amor!

Tu que passas, descobre-te diante
De quem inda mendigo é portuguez:
Do seu braço que outr'ora era possante
Repara o que o valor depois lhe fez!

Com a mão com que tremula maneia
O arco que lhe dá tão negro pão.
Outr'ora defendendo a patria anceia
Em só a defender seu galardão!

---

# LIVRO III

On parlera de sa gloire
Sous le chaume bien long-temps.
L'humbre toit, dans cinquante ans,
Ne connaitra plus d'autre historie.

BERANGER.

## GOMES FREIRE.

### 18 DE OUTUBRO DE 1817.

De frontes curvadas, pendões abatidos,
Acerquem-se todos de lucto em signal:
Faz annos agora que em prantos sentidos.
O povo chorava do meu Portugal.

Se todos me juram segredo constante,
De nada que ouvirem contar a ninguem;
Faz annos agora, talvez n'este instante,
Que um velho soldado chorava tambem!

Chorava: que o pranto nas faces rugosas.
Não sendo de medo, tambem tem logar:
Ha coisas na vida, p'ra nós tão penosas,
Que só nos esquecem depois de chorar.

Ha gente que pensa que deve um soldado,
A sel-o deveras, não ter coração.
Eu digo que é falso, que vive enganado
Quem nega nos bravos tão nobre paixão.

Chegae-vos vós todos. De frontes curvadas,
Prestemos tributo devido ao valor.
Agora calados; deixae, camaradas,
Fallar-vos os prantos na voz do tambor.

Lá rufam na praça, lá choram sentidos
A morte, tão triste, do meu general!
Prestae-lhe vós todos attentos ouvidos,
Chorae-lhe de longe no seu funeral.

RECORDAÇÕES DA PENINSULA

A mim, que entre balas o vi socegado,
Que posso jurar-vos que nunca tremeu,
Compete contar-vos, á fé de soldado,
O modo distincto por que elle morreu.

I

Hoje que pouco valemos,
Peccado não sei de quem;
Que das quinas tão temidas
Já se não lembra ninguem;
E'bom, fallando de guerra,
Contar coisas d'esta terra.

Os velhos, principalmente,
Tem bastante que contar:
Que, sem desfazer nos novos,
Deram bem de que fallar.
Foi do tempo; que a bravura
Hoje mesmo ainda dura.

Todos nós temos nas veias
O mesmo sangue d'então.
Só nos falta haver motivo
Que nos falle ao coração:
E' tentar-nos com revezes,
Se querem ver portuguezes!

Mas d'isto ninguem duvida
Por menos de boa fé;
Que são sobejas as provas,
Que nos ficaram de pé,
De que só com muito geito
Nos conservam em respeito.

Orgulhos de pouço valem,
E mesmo nada p'r'aqui:
Vou contar-vos as façanhas
D'um homem com quem servi,
Que não se dobrava a peitas,
Que era soldado ás direitas.

Talvez por isso. coitado,
Soffresse como soffreu!
São coisas cá d'este mundo,
Quem mais fez menos mer'ceu.
Quem quizer ser bom soldado
E pôr de parte o ditado.

II

E'das coisas que me custa,
Por honra de Portugal,
Ver como morreu na forca
Um valente general,
Que expozera a sua vida
Por ver a nação remida!

Por isso o povo chorava
Como eu nunca vi chorar:
Eram lembranças sentidas
Da guerra peninsular;
Eram saudosas memorias
D'essas brilhantes victorias.

Eu, que fui seu camarada
Em tão renhidas acções;
Que o vi sempre sorrindo
Na frente dos pelotões;
Chorei-lhe a morte devéras,
Dei-lhe lagrimas sinceras.

Quizera que vós o visseis
Como eu o vi tanta vez,
Quando as balas se cruzavam,
Recrescer-lhe a impavidez.
Não sei isto por que seja;
Todos lhe tinham inveja!

Eram sem conta as medalhas,
Todas ganhas em acção,
Como nem sempre se viam
Brilhar nas fardas d'então:
As que ao peito lhe pendiam
Nem todos lá as mer'ciam.

Por isso invejas, ciumes,
Dos que não podem valer,
O levaram, sem justiça,
Tão triste morte a morrer.
Quem s'escapara das balas,
Morreu de intrigas das salas.

Foi deshonra aquella morte!
Foi vilania sem par!
Nem se atreveram, covardes,
A mandal-o fuzilar!
Temiam os seus algozes
Que lh'esquecessem as vozes?

Quem viu a morte tão perto.
Como Gomes Freire a viu,
Não sabe temer de coisas
Que tantas vezes sentiu.
Embora ôcos alardes:
Foram elles os covardes.

III

Soldados nunca souberam
Do que na côrte se faz:
São coisas muito pequenas
As que se tratam na paz,
Para a gente curar d'ellas.
Dando peso a bagatellas.

Por isso não me perguntem,
Que é negocio que não sei,
Como mataram um homem
Sem por si terem a lei:
São encargos dos juizes
Condemnarem infelizes.

Cá a mim só me compete
Contar-vos como morreu.
Dizer-vos por honra nossa
Que até ao fim não tremeu;
Firme sempre no seu posto,
Nem sequer mostrou desgosto.

Pois soffreu como bem poucos
Podem ter soffrido assim.
Se me portence tal sorte
Deus se condôa de mim.
P'ra ser má aquella gente,
Nem respeitou a patente!

Despiram-lhe até a farda!
Tinham medo de cegar
Vendo-lhe aquellas medalhas,
Que elle soubera ganhar:
Que ninguem sem covardia
Do peito lh'as tiraria!

Pois tirou-lh'as a justiça,
Se ha justiça na traição.
Eu por mim sempre apostara
Que tremeu bastante a mão,
A quem ousou, sem respeito,
Manchar-lhes as cruzes do peito.

Foi estrangeira a sentença ;
Qu'éu não sei d'um portuguez
Que, sem remorsos, fizesse
O que o B'resford cá nos fez :
Era nosso irmão na guerra,
Mas filho d'estranha terra !

IV

Por mais que queira não posso.
Deixar aqui de chorar ;
Faz pena ver isto tudo.
Sem se poder emendar:
Ver um soldado valente
Acabar tão tristemente.

Em quanto o tiveram preso
Só uma coisa pediu ;
Esquecendo-se de tudo,
Só um desejo sentiu :
O de morrer triumphando !
Dando as vozes do commando !

Até esse nobre orgulho
D'um portuguez coração,
Lhe negaram os algozes
Da nossa pobre nação ;
Não morreu como soldado,
Morreu na forca, coitado!

Foi-se de corda ao pescoço,
O meu pobre general,
Morrer aviltante morte
Na sua terra natal;
Sem lá ter um camarada
A quem desse a sua espada.

Sem lá ter quem lhe fallasse
Das batalhas em que entrou;
Quem lhe lembrasse os combates
Que elle mesmo commandou;
Repetindo-lhe as façanhas
Das nossas velhas campanhas!

Nada d'isso. Pobre d'elle!
É a dôr que mais me doe,
Ver assim abandonado
Aquelle valente heroe,
A quem, mau grado aos tyrannos,
Chorámos por tantos annos.

V

Curvae as frontes agora,
Curvae-as até ao chão;
Faz annos que n'esta terra
Era tudo uma paixão:
Faz annos que a liberdade
Morria ás mãos da maldade.

Faz annos que nós soldados
Chorámos, n'um general
A morte d'um bom amigo,
D'um filho de Portugal,
D'um homem que n'esta terra
Fóra modelo na guerra.

Curvae as fontes soldados,
Curvae-as até ao chão ;
Que lá resoa na praça
O triste som do canhão,
Dizendo a quem não sabia
Que é de lucto ainda este dia.

Soldados antigos, que vieram na guerra
Nascerem-lhe as barbas, crestar-se-lhe a tez,
Fallando dos bravos, que teve esta terra,
A morte lamentam d'um bom portuguez.

Lamentam-lhe a morte ; mas sentem no peito
Orgulho de terem na terra natal.
Seguido um soldado, que, ás balas afeito,
O nome de todos deixou immortal !.

---

## O VETERANO.

Eu sempre que fallo das nossas façanhas,
Me sinto orgulhoso de ser portuguez:
Que são ellas tantas, tão grandes, tamanhas,
Que nunca, que eu saiba, ninguem inda as fez.

Bem sei que ellas perdem, do muito que valem,
Em serem contadas, descriptas por mim;
Mas como ellas foram bem poucos as sabem:
Não heide deixal-as morrerem assim.

Vae n'ellas a honra, vae n'ellas o nome
De nossos briosos, valentes avós
Se a terra de ha muito seus ossos consome,
Do que elles fizeram lembremo-nos nós.

Lembremos, que os loiros por elles ganhados
São d'elles, são nossos d'esta nação;
Nem ha quem nos possa trazer desherdados
De coisas que a fama deixou tradição.

Chronista de velhas, antigas memorias,
O tempo mal pode fazel-as morrer;
Que foram selladas ao som das victorias,
De quem sempre soube na lucta vencer.

Vet'rano na honra, vet'rano na guerra,
Um velho soldado contou-me esta acção,
Que em versos traduzo, por honra da terra,
Que reina, que vive no meu coração.

I

Contar o conto seguido
Não sei eu se ó contarei,
Que n'estas coisas de guerra,
Em que por vezes me achei,
Desfigura-se a verdade,
Sem tenção e sem maldade.

Contar finuras das salas,
Repetir casos de amor,
Contados inda de leve
Não lhes dou maior valor:
Que não ha honras perdidas.
Nem n'isso p'rigam as vidas.

Fallando dos camaradas,
É como fallar d'el-rei;
Que foram todos valentes,
E portuguezes de lei;
Os de hoje, são d'outra raça,
Melhor fôra não ter praça.

Vet'rano fiz as campanhas
Da guerra peninsular;
As cicatrizes do velho
Dão-lhe direito a ralhar,
Qu'inda agora se não dera
Ter aqui outra Albuera!

Doidices de velho tonto:
Que havia d'eu lá fazer?
Com setenta annos d'edade
Já não sou p'ra combater.
Olha quem! Todo ferido,
Ficava logo tolhido!

Que senão...cala-te bocca,
Que me não sinto capaz:
Era bom fallar altivo
Nos meus tempos de rapaz;
Agora... qu'importa a edade!
O valor dá mocidade.

Mas deixemos as bravuras
Que se não podem provar:
Aqui estão as cicatrizes,
Que essas sim, podem fallar;
São cinco, todas na frente,
A dizer que fui valente.

Valente, não, fui soldado,
Como foram todos mais,
Por essas terras da Beira
Deixámos vivos signaes,
Deixámos. Ouçam o caso
De um pobre soldado raso!

II

Corria o segundo cêrco
Da praça de Badajoz;
Eram mais os defensores,
Mas menos bravos que nós.
Façanhas d'aquelle dia
Toda a gente as juraria.

Eu então inda era moço,
Era valente e leal;
Defendia as coisas santas
Da minha terra natal;
Em coisas d'esta valia
Não pode haver covardia.

Não pode, que é não ser homem,
E não ter um coração;
E' renegar das bandeiras
De soldado e de christão;
E' esquecer-se da terra
Que os ossos dos seus encerra!

Tinha então na companhia,
—Que de lagrimas chorei—
Um amigo como ha poucos,
Como eu nunca mais terei;
Morreu no cêrco, coitado,
Morreu a mim abraçado.

Inda agora me recordo
Do legado que legou;
«Tenho uma filha innocente
Que sua mãe me deixou.
—Que grande dôr foi aquella!—
Amigo, tem-me dó d'ella!»

E morreu, como um soldado
Sabe no campo morrer,
Se tem fé no que defende
Como elle sabia ter.
Oh! se tinha! era um modelo,
Bastava sómente vêl-o!

E eu jurei vingar-lhe a morte
Como se fôra de irmão:
Para m'ir nas avançadas
Pedi ao meu capitão;
Alcancei. Que elle sabia
Qual a dôr que me doia.

III

Ao outro dia houve ataque
Como não me lembra ver,
Mais renhido pelos nossos.
Mais tenaz em defender!
N'aquelle troar profundo
Par'cia acabar-se o mundo!

Só a mim me não lembraʌa
Mais que a perda que soffri;
Atirei-me aos parapeitos
Tão cego que nada vi:
Se eu não tinha alli vontade
Que não fosse a da amizade!

Só me lembraram as balas
Depois do fogo acabar;
Tinha já duas no corpo
Sem de tal me recordar:
Se as pudera ter sentido
Desejando haver morrido!

Francezes que lá ficaram
A' conta d'aquella acção,
Se chorou alguem por elles,
Só se foi Napoleão.
Para não terem amores
Bastavam ser invasores!

Eu por mim, sem este braço,
Já lhes não fazia mal;
Tinha-o perdido sem custo
Por este meu Portugal:
D'um mutilado vet'rano
Lhes não vinha a elles damno.

A cruz que tenho na farda
Custou-me bem a ganhar;
Compradas por este preço
Poucos as querem comprar:
Não sei que melhor mercado
Possa fazer um soldado!

Tive baixa do serviço,
Á minha terra voltei;
Não direi aqui a todos
Se no momento chorei;
Tinha alli junto comigo
A filha do meu amigo!

IV

Por trinta annos fui soldado,
Bastantes terras corri:
Olhos pretos que ella tinha,
Mais lindos inda os não vi.
Eram d'estes que fallavam
Mesmo quando se abaixavam!

Foi crescendo, foi crescendo,
Fez-se bonita sem par:
Com taes dotes quem podia
Vêl-a uma vez sem a amar?
Eu por mim, mais era velho,
Não cria n'outro evangelho.

Tinha mais fé n'aquelle anjo,
De singelo coração,
Do que nós tinhamos tido
Na guerra do Rossilhão.
E' que em ter grandeza d'alma,
Ninguem lhe levava a palma.

Casou-se. Fiquei sósinho,
Sem que no meu funeral
Haja quem conte aos visinhos
O que fiz por Portugal!
Morrerei tão deslembrado
Como vivi em soldado.

Morrerei como quem serve
Com desvelo o seu paiz;
Que as honras cá n'este mundo
Parecem ser só dos vis:
Eu por mim, pobre vet'rano.
Já colhi o desengano.

Testamento não no tenho,
Que morro como vivi,
Como morrem os que servem
Com zelo como eu servi;
Que só pedem, como eu peço,
Se não esqueçam de mi!

Agora que sabem da vida ao soldado,
Escutem, attendam, verão o final.
Morreu-se sem honras, morreu-se, coitado,
Sem ter quem lhe fosse no seu funeral.
Morreu esquecido, morreu deslembrado,
Quem fôra soldado valente e leal;
Quem dera o seu sangue por ver resgatado
O solo opprimido do seu Portugal!

Vinguemos-lhe todos o fado inhumano,
Rezando por alma do pobre vetr'rano.

---

## O GRANADEIRO.

Um velho soldado, que foi granadeiro,
Ferido no Pençо, e em Fuentes d'Honor;
Tem sempre por timbre fallar verdadeiro
Em casos que rezem de guerra e de amor.

Ouvi-me este conto, rapazes da aldeia,
Que a todos contrista, que a todos põe dó:
Se minto, que eu veja, p'las horas da ceia,
Os ossos mirrados do velho Junot.

Não minto, não minto; lá está Talavera,
Que ao peito por bravo me poz esta cruz:
De pôl-a na farda capaz eu não era,
Mentindo a creanças á face da luz.

Lá vem o meu nome nas ordens do dia,
Que os bravos recordam da peninsular.
Tres vezes contuso, luctei á porfia
Em quanto os francezes não vi retirar.

Ouvi este caso—memorias encerra
Que até ao contal-as vacilla-me a voz;
Quizera-me eu antes, em trajes de guerra,
Defronte da velha, gentil Badajoz.

Quem era valente—covardes não tinham
As alas robustas dos tempos d'então—
Sorria-se ás balas, que mortas já vinham
Saudarem gemendo da patria o pendão.

Que tempos aquelles! que tempos, meus netos!
Eu quasi que affirmo não vem outra vez.
Deixemos tristezas. Eu quero-os quietos;
Lá vae este conto que é bem portuguez.

Juntae-vos em roda. Quadrae-vos na frente;
As leis do meu conto prohibem dormir.
Um velho soldado não joga, nem mente:
Álerta rapazes que queiram ouvir.

1

Ha muita gente que falla
Da guerra peninsular;
Mas ha pouca, que eu conheç
Que vol-a possa contar
Como ella foi na verdade
Tão rica de heroicidade!

Ha muitos livros que rezam
Do que o povo por lá fez;
Não sei ler, que se soubesse,
Na guerra contra o francez,
Ao que eu fui d'elogiado,
Não morreria soldado.

Mas que não contam da guerra
Como ella devéras é,
Para mim tenho-o por certo,
Como um artigo de fé:
E' mister de muita manha
P'ra fallar d'uma campanha.

Apostara os uniformes,
Com certeza de ganhar,
Que não vem em nenhum livro
O caso que eu vou contar;
Só se agora elles me ouvissem,
E depois m'o traduzissem.

É amor d'um camarada
Valente como um leão:
Condecorado em Urdach
Mais em S. Sebastião;
Por tres vezes promovido,
Já depois de estar ferido.

Salvo seja, aqui no peito,
—Podeis-vos fiar em mim—
Duas balas lhe bateram
No combate de Mondim;
Sinto orgulho verdadeiro:
Era tambem granadeiro!

Eu o vi com estes olhos,
Que a terra tem de comer,
Inda depois de ferido
Porfiar em combater;
Dizia elle que o braço
Nunca cedia ao cansaço!

Deixae-me chorar, rapazes,
Foi valente por seu mal;
Seis soldados como aquelle
Não tornam a Portugal!
Sempre firme e aceiado;
Aquillo é que era soldado!

II

Estes contos não se levam
Bem ao fim sem se fumar;
Sem cigarro não sou gente,
Nunca pude trabalhar;
Nem os artigos de guerra
Prohibem o cigarrar.

Lá vae agora o meu conto
Sem haver interrupção.
O meu Pedro, além de bravo,
Era um lindo mocetão;
Era o rapaz mais bem posto
Que havia na divisão.

Diziam-no os inglezes,
Que o B'resford mandou p'ra cá,
Que soldados como o Trinta
Não conheciam por lá.
Que elles mesmos o dissessem,
Orgulhosos! Quem dirá!

Uma linda vivandeira,
Para todos nós cruel,
Namorava o nosso Pedro,
Com amor o mais fiel;
Em signal do seu affecto
Já lhe dera o seu annel.

Elle mesmo até fallava
Em lhe dar o coração;
O padrinho do noivado
Era o nosso capitão;
Do morgado era madrinha
A Virgem da Conceição.

Coitado d'elle e mais d'ella;
Tiveram bem negro fim!
Se haviam ser desgraçados
Antes morressem assim.
Coitados são os que ficam,
Coitado será de mim.

Tocam sinos a rebate,
Rufa na praça o tambor!
Álerta! que são francezes!
Álerta contra o traidor!
Ouçam agora calados
O final de tanto amor!

III

Nos campos de Roncesvalles,
Onde morrera Roldão,
Duas balas inimigas
Vararam o coração
Do soldado mais valente,
Qu'entrara n'aquella acção.

Em valor e sangue frio
Não havia outro egual;
Era um gosto vêl-o firme
N'uma batalha campal:
Todos nós da companhia
Lhe fomos ao funeral.

Deixou á pobre Maria,
Que fôra sempre fiel,
Um lindo Christo doirado
Em troca do seu annel:
Deixou a cruz de campanha
Em legado ao meu c'ronel.

Deixou á mãe que era velha
Os uniformes e pret:
P'ra mostrar aos camaradas
Que se morrera com fé,
Mandou rezar por sua alma
Tres missas ditas na sé.

Tudo o mais de que elle usava
Eram pertenças do rei.
Pelas suas, que eram novas,
Minhas armas eu troquei.
Mas posso dar testemunhas
De que nunca as deshonrei.

E morreu como um valente
Té mesmo sem praguejar.
Só poucos minutos antes
Do momento d'expirar,
Pela Maria lhe ouviram
Mui de manso perguntar!

IV

Por onde andará Maria?
Nunca mais ninguem a viu!
Ha quem diga que foi morta,
Ha quem conte que fugiu;
Ha mesmo quem assevere
Que do campo se evadiu.

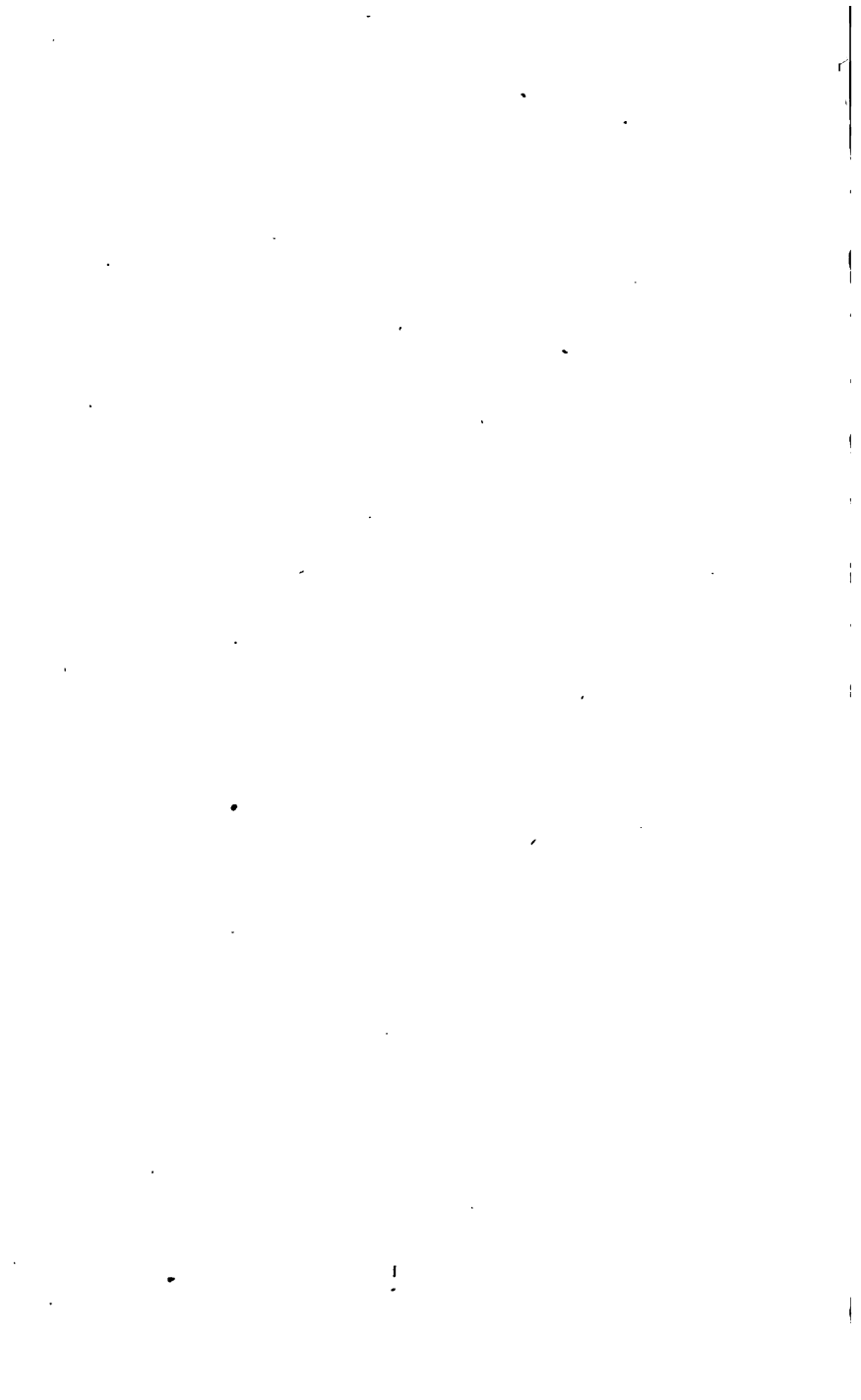
Nos postos mais avançados
A foram por fim topar!
Recostada sobre a relva
Sem bolir, sem respirar!
Morrera tambem a triste,
Morrera sem se casar!!

Agora vou eu contar-vos
O modo por que morreu.
Tinha a mão posta no peito,
Sobre o rosto um denso veo,
Um Christo poisado ao lado.
Os olhos fitos no ceo!

Mal haja quem assim póde
Deixal-a no mundo só.

Mał haja a sombra mirrada
D'esse nefando Junot.
Mal haja quem este conto
Possa ouvir sem sentir dó!

Agora, meus netos, á paz dos finados,
Tão cedo cortados da vida em botão,
Vos peço, se ainda estaes d'elles lembrados,
Por alma dos noivos, fervente oração.

---

# JUIZO CRITICO.*

A poesia, em todos os paizes, revela-se ao talento debaixo de certas condições de nacionalidade, porque a litteratura é tanto mais fecunda, quanto melhor as suas raizes profundam no solo da patria. Que verdor de inspiração não sente o poeta, recordando as montanhas, os bosques, os prados, aonde a sua mocidade se passou no delirio das illusões primitivas? Quem esquece nunca a fonte, aonde matava a sêde, o sol nas differentes estações da sua luz, a brisa suave da noite, o bulcão tremendo do inverno, que o fazia estremecer e conchegar ao seio materno — todo esses phenomenos da natureza, sempre reproduzidos, e sempre novos, que resurgem no meio da sua vida de homem. como as lembranças suaves d'um sonho feliz?

As propensões estheticas d'um povo devem ser para a poesia o objecto do mais cuidadoso estudo. E' alli que o genio indigena se avalia, e se conhece; é alli que a poesia toma os seus mais brilhantes e mais rasgados vôos. N'este ponto, as nossas opiniões talvez se afastem das crenças recebidas. A poesia vive, esalta-se, idealisa-se pela inspiração, e quanto mais proxima fôr a inspiração dos instinctos populares, tanto mais poderosa, tanto mais energica deve ser. Béranger para nós não é só o poeta

* Do Capitulo x dos «Ensaios de Critica» do sr. Lopes de Mendonça extrahimos o seguinte juizo ácerca das poesias do sr. Palmeirim. Apresentamol-o mais como elucidação ao texto, do que como recommendação do livro.

O EDITOR

mais popular, é o primeiro poeta da França. O seu genio abrange o reflexão e o instincto, a paixão e o sentimento: o seu nome e a sua gloria hãode durar em quanto existir essa França, cujo coração elle traduz em cantos immortaes.

Em quanto o mundo existir harmonicamente dividido n'essas grandes systemas que se chamem nações, o talento hade buscar a sua esphera de actividade no povo, caracterisar a indole, as tradições, as aspirações diversas da sociedade, onde elle nasceu, e se creou.

Por maior que seja a força invasora da civilisação, por mais poderoso que seja o seu principio essencial, que tende á unidade — não poderá apagar nem as differenças de sangue e de raça, nem o cunho especial da nacionalidade, que não vive só nos monumentos, nos livros, nas tradições oraes; reside tambem no clima, no ceo, na natureza, que a civilisação pode modificar, mas nunca transformar de todo.

E' evidente para nós, que a imitação servil estrangeira desfigura e empobrece as litteraturas. Que se estudem as paixões geraes, as paixões *typicas* do coração, isso queremos nós: que se force a inspiração a reproduzir as *nuances* locaes da poesia estrangeira, isso imprime á arte um caracter facticio, que limita a sua influencia nas turbas, acanhando a acção das lettras nos phenomenos do desinvolvimento civilisador.

Dizer que o sr. Luiz Augusto Palmeirim é o mais popular dos nossos poetas modernos, é repetir apenas uma convicção recebida. E é por isso mesmo o mais difficil de avaliar: *Villemain* já disse — «a poesia e uma coisa sem nome, que muitas vezes não tem feições distinctas, é um capricho da alma, e com ella a impotencia da analyse é o triumpho do gosto.»

Esta asserção, sem ser absolutamente verdadeira, tem agora uma evidente applicação. Como poderá o critico ir com o poeta ouvir o *lobis-homem*, sentir a mão mirrada da *bruxa* pousada nas faces, sonhar com *uvas-pretas*, ou ir bailar com a ceifeira no campo, allumiado pela lua, e bafejado pelas auras bonançosas do estio? Como pode-

rá ter voz para acompanhar o Veterano da Peninsula, nos seus contos de sentimento, e de patriotismo—chorar o Camões como o poeta o chorou, amar a liberdade como elle, tão melancolica, tão intimamente, com a alma afogada em pranto, com o coração tão palpitante de enthusiasmo, e de uncção apaixonada? Dizer ao grande poeta:

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor,
Quem mais do que elle dissera
D'esse fero Adamastor.
Era um astro fulgurante,
Era um poeta gigante,
Tinha mais alma que o Dante
Cantava com mais amor.

E' uma alma poetica aquella que se exhala em mimosos cantos, que se lêem sem se poderem analysar, onde se vertem lagrimas, sem se poderem discutir!

Que importa um verso mais frouxo, uma comparação menos exacta, um som menos harmonico, se áquella poesia se pode applicar o que diz Mad. de Stael na sua Allemanha: Podemo-nos isolar na arte, como na vida, e elevar-nos um momento acima de tudo o que se passa em derredor de nós, e em nós mesmos.

A poesia, n'alguns talentos, nada é mais do que a acção reprimida: n'outros; desinvolve-se, robustece no tumultuar dos acontecimentos, na corrente impetuosa da acção social e politica.

O grande vôo do sr. Palmeirim data positivamente da gloriosa revolução de 9 de outubro: n'isso o seu destino assimilha-se ao destino de todos os poetas, que sentiram accordar a sua missão nas emoções pungentes e dramaticas d'uma guerra, e d'uma causa justa.

Corria o anno de 1847—o Porto estremecia de enthusiasmo, e de devoção pela sorte da revolução popular. De repente o abatimento succedeu á alegria, os gemidos de angustia aos brados de victoria. Quarenta irmãos

d'armas, a maior parte dos que haviam alçado o estandarte da liberdade nas praias do Mindello, tinham partido para os sertões inhospitos da Africa. A dôr chegava ao delirio, era profunda, e immensa como esse tremendo attentado; luva de desprezo arremessada ás faces de todo um povo. Não queremos exagerar o que todo um exercito presenceou: não tentamos envenenar as feridas, que o tempo já cicatrisou no coração do paiz: mas todos avaliam os transitos crueis que deviam dilacerar o peito dos irmãos d'armas d'aquelles que haviam combatido pela mesma causa, e soffrido os mesmos revezes.

O theatro de S. João estava apinhado de povo: apenas se ouvia o respirar anciado de todos aquelles peitos, e um como rumor descozido de vingança, que agitava a imaginação dos menos exaltados. D'improviso, sobre a onda d'aquellas cabeças, ergueu-se um semblante pallido, com os cabellos em desordem, com os labios afastados por uma crispação nervosa, com o olhar brilhante de colera, e de inspiração, e resumiu n'uma poesia o pensamento vago de todos aquelles homens, perplexos entre a dôr e a vingança. E' pena que a não possamos estampar aqui: a inviolabilidade será uma maxima eminentemente constitucional, mas é um dos mais fortes obstaculos para a arte, e para a poesia. Feliz mente, em tempos de revolução a inviolabilidade fica restricta aos paços de quem a possue.

O poeta firmou por essa occasião uma das faces mais caracteristicas da sua physionomia litteraria; era o poeta da nacionalidade, não da nacionalidade que se revê melancolica no que fomos, mas da que rasga com um olhar de esperança e de fé as nuvens que encobrem o horisonte da nossa regeneração; e é esse mixto de popularidade, e de reflexão, de genio nacional, e de aspiração philosophica que constitue uma das grandes superioridades do sr. Palmeirim.

O que se nota sobre tudo no joven poeta são as tendencias progressivas: de dia para dia, de poesia a poesia, sem atraiçoar a sua individualidade, elle vae abrindo, des-

abrochando melhor o seu talento. O sr. Palmeirim possue a fecundidade verdadeira, não a da quantidade, mas a da qualidade, a mais preciosa, a unica que pode realmente merecer esse nome.

Ha reputações, e poderiamos assignalal-as por ahi, que alcaçando os seus momentos de gloria, se hãode esvaecer como essas bellezas frageis, que se abatem e envelhecem ao primeiro ou segundo filho : ha outras, que abandonando o culto sagrado, hãode cançar-se em producções industriaes, mechanicas, e reduzir o talento a uma especie de petulancia physica, que nem engrandece a arte, nem satisfaz as necessidades litterarias do publico.

Sainte-Beuve escrevia ainda ha pouco : «Entre homens que se consagram aos trabalhos do pensamento, nada é mais difficil de encontrar do que uma vontade no seio de uma intelligencia, uma convicção, uma fé. «E é assim: uma das grandes doenças do seculo é querer comprehender sem crer, absorver idéas, sem que o espirito os acceite, finalmente girar no mundo intellectual, sem centro, sem pertencer ao systema harmonico de um dogma politico, philosophico, ou social. Ha hoje evidentemente uma serie de talentos sem orbita, que correm ao acaso, que se despenham, que se elevam sem paixão nem desejo. Tomase uma crença por moda, abandona-se por indifferença : uma porção das vocações ultimas, recae n'este terrivel defeito--defeito que annuncia um symptoma de proxima decrepitude. A poesia lyrica não pode deixar de abraçar uma parte das questões, das idéas que agitam a humanidade; e como póde o legitimista cantar a liberdade, a revolução, se elle nem se inspira vivamente do passado, nem lhe cumpre acceitar a iniciativa do presente e do futuro? Como pode o atheu fallar de Deus, ou o sceptico idealisar as illusões da vida, do coração, da sociedade? Como pode fallar do soffrimento, quem nasceu embalado entre os regalos da vida, e desprezar a riqueza e o poder, quem veiu ao munda rico e poderoso ?

N'este ponto a poesia moderna tem caido n'uma exageração, procurando artificialmente simular, traduzindo dos outros, affectos e commoções que nunca sentiu. Creiam

n'alguma coisa, creiam devéras, se porventura desejam apresentar-se com uma physionomia propria, independente e regular.

O sr. Palmeirim é uma das valiosas excepções a estas deploraveis tendencias. E' por isso que lhe prophetisamos mais do que as estereis palmas, que contentam a vaidade, sem satisfazer a critica. Corre por mares nunca de antes navegados, mas tem bussola para se guiar na procella, e ferro para ancorar no desejado porto.

Porque se não ensaia o poeta n'um trabalho em prosa, de folego, de dimensões largas? Cremos que havia primar n'elle, e que alcançaria um estylo original, exclusivamente seu: pedimos isto para a prosa, porque a prosa, coitadinha! á parte brilhantissimas excepções, anda perplexa entre o sublime e o ridiculo. Ha muitos escriptores, e talvez nem uma duzia de prosadores, que mereçam devéras este nome glorioso.

E fico no desejo, sem esperanças de que o alcance: porque isto fica entre nós e o leitor, o nosso poeta é preguiçoso como poucos poetas, quasi tanto como intelligente e talentoso. E se Horacio dizia do Homero que adormecia ás vezes, este dorme mezes a sonho solto... mas sem produzir. E' pena! Mas antes uma preguiça contra qual se protesta com tão bellas inspirações, que essas actividades parvas, que a natureza por nossos peccados não creou preguiçosas.

LOPES DE MENDONÇA

---

# L. A. PALMEIRIM. 1

Il a chanté le courage malheureux, la liberté en deuil et la patrie humiliée.
Ludwig Boern—«Beranger et Uhland»

## I.

Hoje que as portas do sagrado templo da poesia estão franqueadas e patentes ao vulgo audaz e insolente; hoje que as corôas com que as musas outr'ora adornavam a fronte d'um Dante, d'um Goethe, d'um Byron, d'um Ercilla e d'um Camões servem para ridiculo enfeite de mediocridades ousadas: hoje que todos tem lyras e bandolins; que todos recebem inspirações sem conto, parecerá um phenomeno encontra-se uma harpa afinada, *harmonica e melifluà como os gorgeios do rouxinol;* suave como o respirar d'uma creança embalada em sonhos infantís, saudosa como o susurar da brisa por entre as folhas do outono, e agradavel como o serpear do arrôio na relva luxuriante do prado.

Ha poesias, porém, que reunem todas estas bellezas. Por entre o ruidoso grasnar de negros corvos, sobresao o antar mavioso dos cysnes com sua plumagem, tão alva como a neve do norte.

1 Publicamos em seguida os dois juizos criticos das poesias do sr. Palmeirim, extrahidos do jornal litterario de Coimbra «O Instituto» e da «Peninsula» semanario litterario que se publicava no Porto quando saiu á luz a primeira edição d'estas poesias.

O Editor

Mas infelizmente o jornalismo politico entre nós exige o exclusivo da attenção ; as oscillações da politica attrahem todas as vistas, occupam todos os animaes, fascinam toas as intelligencias, e quando muito pronuncia-se o nome do autor do Eurico, ou do cantor de Camões, e nada mais !

E a nossa mocidade tão rica de talentos, tão cheia de inspirações, tão crente no futuro ; e a flor dos nossos mancebos, que briosamente se tem encarregado da gloria das lettras patrias, não merecerão a consideração do seculo, não desafiarão a analyse da critica ?

Porventura a França por ter um Lamartine, e um Victor Hugo, tem lancado no abysmo do esquecimento os nomes tão gloriosos, posto que inferiores, de Victor de Laprade, Ponsard, Briseux, Saint-Beuve, Esquirós e os dois Deschamps ?

E' mau fado nosso. A estrella, que nos conduz pelo caminho da civilisação é pallida, frouxa e amortecida, como a da alampada, n'um templo espaçoso e vasto.

O immortal Camões, o cantor dos Lusiadas, mendigou de porta em porta, e emfim quasi morreu nos braços da fome sobre a enxerga d'um hospital ! A recompensa, que deram ao soldado valente da India, foram as cicatrizes, que lhe cobriam o corpo. A recompensa, que deram ao seu genio collossal, foi o abandono, a miseria, a fome e a mortalha do mendigo ! A' corôa de poeta reuniu a corôa de martyr !

O nosso Garção foi arrojado ao fundo d'um carcere, aonde terminou seus luctuosos dias. Bocage desprezado, livido pela fome, encostava-se transido do desespero ás soleiras dos palacios, para haver um pedaço de pão a troco d'um frivolo elogio. Era apenas chamado aos salões aristocraticos, como um vil truão de senhores feudaes, para glosar motes e divertir ociosidades !

Desgraçados que somos ! Mal haja um indifferentismo tão revoltante.

E' coisa notavel. Leia-se a historia litteraria do nosso paiz, e ver-se-ha, que os esforços litterarios dos portuguezes, desde o principio, tomaram uma direcção essen-

cialmente poetica. Começando nas nossas primeiras poesias, que datam do berço da monarchia, e que foram feitas á imitação das dos trovadores do meio-dia da França, e seguindo até á geração presente, encontrar-se-ha o numero dos bons poetas superior ao dos prosadores.

A lista dos poetas é numerosa e brilhante.

Bernardim Ribeiro, o creador da poesia bucolica, do genero pastoril moderno; Gil Vicente, o grande poeta dramatico; Sá de Miranda, o Seneca portuguez; Antonio Ferreira, o autor da Ignez de Castro, publicada n'uma epoca em que os fundadores do theatro moderno, Lopes de Veiga, Calderon, e Shakspeure, ainda não existiam; Luiz de Camões, o autor da primeira epopéa, que a Europa tem admirado desde o renascimento das lettras, e emfim Corte-Reel, Rodrigues Lobo, Quevedo, Pereira de Castro, Garção, Diniz da Cruz, Quita, Dias Gomes, Francisco Manuel do Nascimento, Nicolau Tolentino, Bocage, Agostinho de Macedo e muitos outros.

Propomo-nos por agora analysar as poesias do sr. Palmeirim. Se pudermos tributaremos o nosso humilde feudo a alguns dos outros poetas contemporaneos. Dizemos, se pudermos, e não affirmamos, que o faremos, por que a empresa é assaz difficil, embora uma habil penna do nosso paiz tratasse já os elementos d'um similhante trabalho. Fallamos dos Ensaios de critica e litteratura do sr. Lopes de Mendonça.

## II.

A meditação e a inspiração são qualidades essenciaes do genio.

O genio é um dom, que o Creador concede a poucos.

A meditação é uma faculdade d'alma, de que todos gozam mais ou menos.

A inspiração é uma adivinhação instinctiva que dá alma e vida ás creações poeticas, e cujas causas são o mysteriosas como seus effeitos maravilhosos.

N'este sentido escreveu Victor Hugo algumas linhas

no seu excellente livrinho — Litterature et Philosophie mêlées. — Toda a composição poetica, diz elle, é o resultado de dois phenomenos intellectuaes, a meditação e a inspiração. A meditação é uma faculdade, a inspiração é um dom. Todos os homens até certo ponto podem meditar, bem poucos são inspirados.

Se alguma composição poetica tem o cunho indelevel do genio, são por certo as poesias do sr. Palmeirim. E' poeta, a natureza o fadou, como elle diz:

Nasceu-me puro e singelo
O meu singelo trovar,
Como nasce o lyrio bello
Sem cultura á beira mar.

Um dos dogmas da litteratura é, que o poeta nasce, e não se faz. E de certo não foram os preceitos da lithurgia aristotelica, nem as regras de Horacio e Boileau, que deram a corôa immarcessivel de poeta ao autor do Camões. Não foi a intuição do bello; foi uma scentelha de luz divina, que accendeu n'elle a chamma do genio, foi a inspiração que fez brotar da sua alma torrentes de poesia.

A sua alma joven, ardente, enthusiasta, acalentada por inspirações divinas, commovida pelas miserias da patria, a *ver tão abaixo descer Portugal*, achou-se no meio das scenas pungentes e dolorosas d'uma lucta fratricida. Então deu um vôo arrojado, porque viu a miseria dos pobres, e chorou com elles; porque viu as necessidades do povo, e gemeu com elle; porque viu as circumstancias precarias d'esta nação malfadada, e tomou a lyra e cantou os amargos queixumes, os dolorosos suspiros dos opprimidos.

Os grandes poetas surgem no meio das fermentações populares; despregam a incommensuravel extensão do seu genio em face das grandes revoluções.

Não fallemos de Homero, Virgilio, Ossian, Tasso, Arioste, Corneille e Racine. Limitemo-nos e Dante e a Milton, que talvez devem o seu genio á epoca em que nasceram, e aos acontecimentos que então tiveram logar.

O que inspirou Dante foi o predominio das idéas religiosas; foi o amor da patria, foi o delirio e as decepções da sua paixão por Beatriz; foram emfim as calamidades da infeliz Italia, e as emoções d'uma guerra civil, que o arrojou ás plagas do exilio! Duas grandes luctas civis dividiam então a nação em dois partidos: os guelfos, estrenuos defensores da independencia italiana; os gibelinos, campeões dos direitos feudaes, e da velha suzerania do santo imperio: o partido dos brancos, constituido pelos plebeus; o partido dos negros, constituido pelos nobres.

A revolução ingleza; as discordias intestinas; um excessivo amor de liberdade; o rei no cádafalso de White-Hall, os puritanos e os cavalleiros, Carlos I, e Cromwel, o protectorado e o povo; o evangelho e alliada produziram Milton.

E para dizermos tambem alguma coisa dos nossos; não seria com o presentimento da ruina de Portugal, começada nos ardentes plainos de Alcacer-Quibir, que Luiz de Camões quiz ao menos salvar do nosso naufragio politico, a memoria gloriosa do que em epocas mais felizes haviamos sido?

As sangrentas peripecias d'uma guerra d'irmãos; um patriotismo não vulgar; os contrastes d'uma organisação viciosa; a religião e a patria, o coração e a sociedade, a realeza e o povo fizeram do sr. Palmeirim um poeta popular, e bem popular.

Desprezando a protecção humilhante dos grandes, seguindo os impulsos do seu coração, escrevendo o que a liberdade lhe dictáva, traduzindo o pensamento de suas crenças, é sempre o poeta popular. Não sendo thuribulario de vis lisonjas aos principes, elle diz com bem fundado orgulho:

Nasci do povo. Renego
Finuras de cortezão,
Ergo a fronte, e não me curvo
Como se curva o villão.

Chamam ao sr. Palmeirim o Beranger portuguez. E' merecida e justa a honra comparação. Os nossos poetas tem conquistado as sympathias, não só dos espiritos escrupulosos e difficeis de contentar, mas tambem do povo, que por um não sei que inexplicavel, raras vezes se engana na bondade do objecto, sobre que recae a sua escolha.

Qual é a musica de operarios, que não toca enthusiasticamente o *Guerrilheiro* e a *Vivandeira*? Qual o artista, que não suavíza o seu trabalho contínuo e incessante, recitando, já a canção meiga risonha e doudejante da Vivandeira, já o canto austero, rude e energico do Guerrilheiro, já as estrophes maguadas, afflictas e sentidas do *Portugal*, d'esse Portugal, que mereceu ao poeta uma tão sublime inspiração? Dizei-me não vos pareceu esta poesia um suspiro angustiado e de martyrio, uma lagrima ardente e de sangue, como a que o filho derrama sobre os goivos da campa, que lhe occulta as cinzas de sua mãe, que elle tanto amava?

A' similhança do autor dos *Contrabandistas*, o nosso poeta tem alargado o quadro da canção a ponto, de n'ella dar logar ás mais doces effusões da alma, bem como aos mais arrojados vôos da poesia lyrica.

E, como elle, os accentos patrioticos desferidos na sua lyra não são a mascara deshonrosa de ambições baixas, mesquinhas e ignobeis. A belleza da unidade revela-se em todas as suas poesias.

Se, porém, um colorido mais vivo não prejudicaria a algumas canções um pouco pallidas de Beranger, outro tanto não acontece ao nosso poeta, que teve o poder de harmonisar o bello da forma e o vivo do colorido, com o magnifico e sublime do pensamento, com o rasgado e atrevido da inspiração.

A natureza lhe deu a lyra, mas a liberdade e a patria lhe deram inspirações, que não tem sido estranhas ao seu genio, nem inuteis ao seu talento. Como todas as almas elevadas e nobres, sente um grande amor pela liberdade: e as suas poesias principaes talvez devam a sua existencia e o seu maior merito a este tão grandioso sentimento, que

foi, como o poeta confessa, das *suas trovas singelas* a *singela iuspiração.*

Liberdade! mago nome
Que nas trevas me reluz!
Para mim és patria e vida,
E's farol d'extrema luz;
E's sonho que a gente sonha;
E's amor que nos seduz;
E's idea que não morre
Em-quanto durar a cruz!

Verdadeiro poeta nacional, achou tambem no amor da patria inspirações para a sua musa. Quem lerá o *Camões*, *Portugal*, *Liberdade*, *os Desterrados*, que não seja arrastado pela energia da phrase e pela vivacidade das impressões, que o poeta faz sentir? Ninguem. Ouso asseleral-o. O enthusiasmo é contagioso.

E com que pungente saudade o poeta se lembra das nossas glorias passadas, com que amargura recorda:

Esse reino que em praías distantes
O estandarte da cruz arvoreu;
Que depois n'essas luctas gigantes
Nunca o rosto na lucta voltou;
Eil-o pobre; tão pobre que o mundo
Nem se lembra do seu existir.
Dai-lhe e esmola d'um brado profundo
Talvez possa da campa surgir.

Em cada uma das estrophes d'esta poesia, o sr. Palmeirim soletra no desdobrar dos seculos o que fomos:

Esse reino que as ondas domava,
Que entre todos se e,guia senhor;
Esse reino que altivo encarava
Das procellas do mar o fragor;

copia fielmente o negro quadro da actualidade e diz:

Jaz por terra' giganteabatide
De seus filhos a sorte a carpir.

corta com a espada afiada da crença o nó do futuro, rasga com um olhar sublime de fé e d'esperança o espesso veo do porvir, e chora e pede:

. . . a esmola de um peito sentido
Talvez possa da campa surgir!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Talvez possa da lousa quebrada,
Despertando bradar — aqui estou!

E' certo que o genio d'uma nação se revela no carater da lingua, e se retrata com todas as suas côres no caracter da poesia. Porém isto muito mais se dá, quando a poesia é, como a do sr. Palmeirim, tão despida d'artificios, tão pouco ataviada d'estrangeiras galas, bem differente de algumas, que, depois de terem brilhado em França pelo meio do seculo 18.º vem agora arrebicadas de novo, entrincheiradas atraz d'uma epigraphe de Victor Hugo ou Thomaz Moore atiradas aos cantos dos folhetins a ver se nos namoram, escondendo a face d'octonenaria, debaixo do carmim, que lhe lançou um d'esses pretênciosos litteratos, em que a nossa epoca tanto abunda (1).

O que pois caracterisa essencialmente as poesias do sr. Palmeirim é flexibilidade d'espirito, rapidez nas allusões, belleza de pensamento, e um patriotismo sem egual. A uma fórma elegante, natural, cadente e harmonica, reune por tal arte uma instrucção tão vigorosa e fertil, uma maginação tão variada, uma tão agradavel originalidade, que o collocam a par dos nossos melhores poetas lyricos. A pintura é a poesia muda (2), e por isso

(1) Longe de nós stygmatisar a poesia do seculo 18.º Ós nomes de Rousseau, Malherbe, Gilbert, Chaulieu, Detlie, são bem conhecidos. O que quremos dizer, é que alguns «versejadores» para adaptarem ao gosto da nossa epoca aquellas poesias: para lhe fazerem perder a physionomia franceza para os tornarem suas, as caracterisam a seu modo, sem todavia conseguirem o disfarçal-as por tal arte, que não se aponte immediatamente a sua origem.

(2) Emilio Deschamps formulou esta idéa nos versos seguintes:

Gustave Planche concede a este illustre discipulo da escola florentina, não aquillo a que propriamente chamamos dom da invenção, verdadeira creação, mas um certo modo de imitar, tão elegante, e tão particular, que com razão se pode chamar originalidade. Isto, segundo cremos, poder-se-ha applicar ao distincto poeta de que fallamos.

O sr. Palmeirim soube tambem adequar a forma ao pensamento. Nós preferimos a belleza d'este á elegante d'aquella. Escravisar o pensamento á forma é uma crueldade. E como pode muitas vezes o poeta vasar a inspiração nos gelidos e fixos moldes d'um critico, trabalhados a sangue-frio, no remanso do gabinete? Todavia o sr. Palmeirim concilia admiravelmente estas duas condições estheticas, posto que, como as formas são os interpretes fieis das *nuances* (1) mais delicados do pensamento, algumas vezes se resentem da inspiração boa ou má, que animou a sua alma n'esses momentos vagos e indefinidos, em que o poeta, comprehendendo a sua missão prophetica, se desprehende dos laços materiaes da terra, para se elevar ao idealismo da vida; para rasgar com mão ousada o veo do futuro; para devassar os arcanos da Providencia, para decifrar em fim os mysterios impenetraveis d'além da campa.

Em geral as poesias *fugitivas*, e amorosas do sr. Palmeirim não egualam as suas poesias nacionaes e populares; e com tudo ellas são a maga e singela expressão de *sentimento intimo* do poeta, das affeições mais puras do seu coração, e a sua melodia revela o que ha de mais *intimo no sentimento*, mais energico na paixão. A pureza da idéa, a singeleza da expressão, a doçura, proprie-compararemos a originalidade do sr. Palmeirim com a de André del Santo.

. . . . La poésie emfin,

Peinture qui se men et musique que peestse.

(1) Servimo-nos d'este vocabulo, posto que seja puramente francez, porque difficultosamente se pode traspassar ao portuguez, sem circumloquio. «Glossario das palavras e frases etc., pelo sr. D. Francisco de S. Luiz.

dade e naturalidade das imagens assimilhm-se-a algumas poesias do autor do *Jocenyn*, e das ***Meditações***.

Porém as outras suas poesias tem alcançado um verdadeiro triumpho litterario e pupular, triumpho certamente bem merecido. O povo as adoptóu como suas, e as casou com seus cantos singelos e innocentes. Condemnal-as-ha a arte? Entendo que não. Esta denominação de classicos e romanticos, na opinião d'um poeta contemporaneo, tem desapparecido completamente de todo o escripto e conversação sensata. Essa lucta, que por tanto tempo atormentou a litteratura, acabou felizmente. Já não é a escola romantica succedendo á classica. Não. A intelligencia deu um voo mais arrojado. Esforçou-se por esclarecer as operações da alma no conhecimento do bello; uma sciencia nova d'ahi nasceu — a esthetica, ou a *theoria do bello na litteratura e nas artes*.

Aferindo as poesias do sr. Palmeirim pelo padrão d'esta sciencia, a que modernamente se tem dado tão grande impulso, mereceerão ellas o stygma de reprovação? Não.

A sua lyra, que sempre tem sido o eco do nome do seu Deus, da sua patria e do seu amor, lhe asseguram um futuro brilhante e um honroso logar entre os poetas d'este seculo.

Não renegueis, esperançoso poeta, o precioso signal estampado por Deus na vossa fronte. Continuae, como até aqui uma gloriosa carreira; lembrando-vos d'aquellas expressões do George Sand «temos de cear uma litteratura inteiramente nova, com os verdadeiros costumes populares tão pouco conhecidos das outra, classes. Esta litteratura começa no seio do povo d'onde sem pouco tempo, surgirá brilhante.» (1)

J. J. de S. Torres e Almeida

(1) Prefacio do «Compagnon du tour de France».»

## AS POESIAS DO SR. PALMEIRIM.

Por mal nosso criticos e criticas não faltam n'esta boa terra. Mal apparece um livro, são (perdoe-se-me o vulgar da phrase, pelo expressivo d'ella) trinta cães a um osso.

O fim da maior parte não é nem animar o autor, nem dirigil-o apontando-lhe os defeitos; — é escrever, e só escrever. Parasitas da litteratura, não podendo ter uma vida propria, procuram viver á sombra dos outros.

Ignorantes das regras da arte, incapazes de sentir e avaliar o que é bello, arvoram-se atrevida e loucamente em juizes do que não entendem. Em cosendo e vestindo a portugueza quatro retalhos de Jules Janin ou Gustave Planche, ficam todos vaidosos de si mesmos, e julgam ter feito uma obra prima.

Aqui no Porto, porém, em que a vida intellectual do maior numero, afóra os negocios domésticos, se resume n'um *zum-zum* de comadres fallando da vida alheia, é ainda peior.

A critica aqui vem do soalheiro para a imprensa. Ora, sem dignidade, queima diante do autor um incenso abjecto e ridiculo: — ora, smpudente, conspurca em linguagem das praças os fructos do talento.

Não será pois uma critica o que vou fazer: pejo-me de dar tal nome ao meu trabalho.

Demais as poesias do sr. Palmeirim pela maior parte já tem em seu favor a sentença do publico — tribunal mais recto, senão mais sabio. A arte poderá condemnal-as; mas o bom senso do povo, que raras vezes se engana, já as tem appaudido.

Eu mesmo não sei entender-me com a arte, do modo

que ella tem sido comprehendida até agora. Das escolas classica, e romantica nem adopto, nem rejeito uma completamente. Aquella julgo, que, por muito restricta, não deixa espaço aos arrojados vôos do genio; — esta parece-me que, ao principio só livre, se tornou depois completamente anarchica.

O bello é um só: — a arte deve tambem ser uma unica. A separação, e diversidade existe sómente nos caminhos, que conduzem a esse bello. Camões e Milton, Racine e Shakspeare, Elpino e Victor Hugo são para mim todos bellos, — são todos irmãos, porque tiram a sua luz do mesmo fóco — a alma humana. Querer censurar um d'elles, por não ter seguido esta ou aquella escola, é um modo de ver muito acanhado. A arte deve abranger um horisonte mais largo, sem comtudo se tornar anarchica. Deve dar espaço ao desinvolvimento das differentes originalidades; mas evitar-lhe os desvios por preceitos, que o genio e bom gosto indiquem, e o senso commum abrace e reconheça.

Fallando agora especialmente do lyrismo moderno, bem pequeno julgo eu n'elle o dominio da critica pela arte. No meu entender esta existe quasi toda, — nasce espontaneamente dentro em nós mesmos. Se uma poesia me arrebata — me commove ou deleita, se me falla á imaginação ou ao coração, julgo-a boa. A impressão, que faz na minha alma, decide e gradúa o meu juizo sobre ella.

Será pois d'esta sorte e debaixo d'estas bases, que eu vou fallar das poesias do sr. Palmeirim.

Este joven poeta é um d'aquelles, que mais vezes foge do presente tão doloroso, para volver olhos saudosos para o passado — ou sondar os arcanos do futuro. Enthusiasta e crente, porque é moço, punge-o vivamente.

O ver tão abaixo descer Portugal.

Revolve então as memorias d'este povo, que já foi de heroes, e hoje é...... nem eu sei de que!.... E ora em cantos sentidos traduz-lhe o que foi — ora em versos

enthusiastas, e cheios de crença no porvir, faz-lhe conhecer e amar a liberdade.

Liberdade! mago nome
Que nas trevas me reluz!
Para mim és patria e vida,
E's farol de extrema luz;
E's sonho que a gente sonha;
E's amor que nos seduz;
E's idéa que não morre
Em quanto durar a cruz!

N'uma parte o nosso poeta, n'um canto entre esperançoso e desalentado, chora sobre a morte da patria, lamenta o aviltamento a que tem descido, e pede a Deus e aos filhos d'ella um braço possante, um brado profundo, que a faça tornar á vida:

Houve um reino que ao mundo absorto
Deu outr'ora costumes e leis.
Esse reino, coitado, está morto;
Mais com vida talvez não vereis.
Era grande — pod'roso — gigante;
Hoje pobre mendiga a pedir.
Dae-lhe a esmola d'um braço possante!
Talvez possa da campa surgir!

Além, o sr. Palmeirim exalta a nossa passada gloria litteraria, representada no primeiro poeta, que este povo teve. Camões, com o seu amor tão puro e ardente — sua vida tempestuosa — seu vasto genio abrazado em amor da patria, é pintado por elle com vivas côres — descripto viva e fielmente. E' o poeta interpretado por outro poeta.

N'outra parte o sr. Palmeirim inspira-se da nossa gloria militar; e os cantos — D. Sebastião — Portugal — e as Recordações da Peninsula — vem-nos despertar, que outr'ora demos leis ao mundo, e ainda ha pouco fizemos recuar diante de nós o gigante, a quem a Europa se curvára.

Poeta do povo e pelo povo, — genio creado no meio das nossas luctas civis, o sr. Palmeirlm traduz-lhe em cantos expressivos o coração—a vida—as crenças—os receios e esperanças. O Guerrilheiro, o Sebastianista, a Meditação, as Poesias populares, e outras pertencem a esta classe.

A melhor d'entre ellas é sem duvida — Os desterrados. — Ouvi-a da propria boca do autor no theatro d'esta cidade em 1847. Tenho-a ainda depois, assim como algumas outras, ouvido cantar em differentes partes do reino aos cegos — especie de menestreis errantes da nossa terra. Produzia-me sempre, assim como agora, a mesma impressão, que da primeira vez sentira. Todavia tive um certo pezar de a ver aqui. Queria-a antes na memoria do povo, cuja dôr exprimira, do que lançada pela imprensa nas mãos de muitos, que passarão por ella com indifferença, e talvez mesmo com indignação e desprezo.

Das poesias populares, aqui menos conhecidas, peza-me não poder transcrever alguma. Ricas de verdade e singeleza — cheias d'essa poesia do coração, que só o povo possue e falla — d'esse sentimento, ora folgasão, como o cantar de moça em dia de festa, ora experiente ou triste e religioso, como a linguagem pausada do patriarcha do lar — ellas são um dos mais bellos titulos de gloria para o seu autor.

Resta me ainda fallar d'algumas poesias, pela maior parte amorosas. Bem quizera, se o meu trabalho me não obrigasse, esquivar-me a isso. Está hoje este genero já tão estafado, que difficil é ter-se n'elle originalidade. Todavia ainda algumas d'ellas são de merecimento. Ao contrario de tantas, que por ahi correm, e que não são mais que um composto de linhas medidas e arregimentadas com um tomtom de consoantes, — teem muita vida e sentimento. Vê-se que n'ellas não é a intelligencia, ou a imaginação que escreve, é o coração que dicta o que sente.

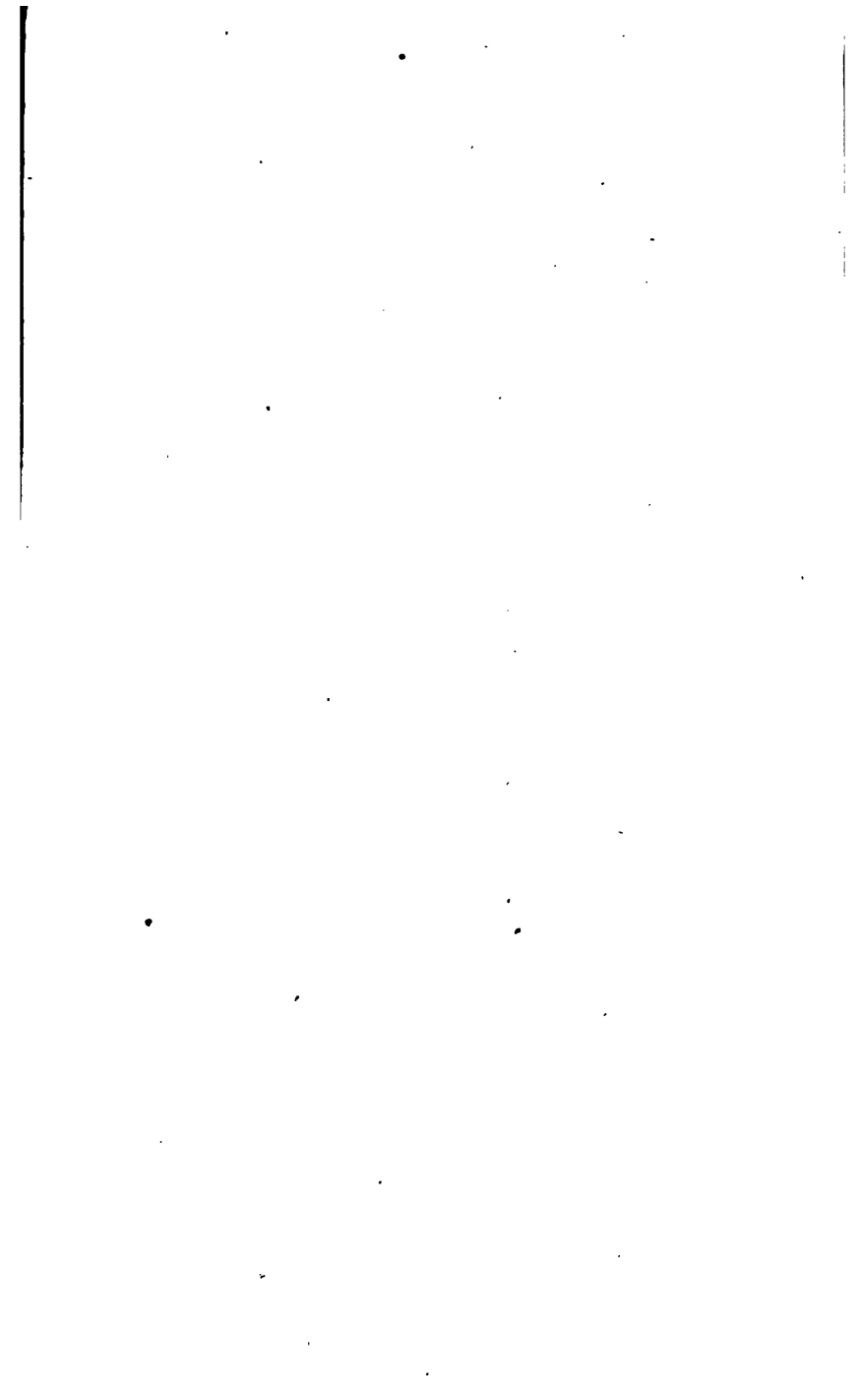
Talvez que eu devesse ainda considerar as poesias do sr. Palmeirim pelo lado do arranjo artistico ou metrico, da fórma propriamente dita. Todavia este trabalho já vae longo, e demais eu não julgo a perfeição de fórma abso-

lutamente necessaria á poesia. Não é um verso errado ou duro que estragará uma poesia grande pelo pensamento.

Eis o meu juizo sobre o livro do sr. Palmeirim. Como portuguez, e talvez ainda como antigo camarada do autor, eu quizera vêl-o nas mãos de todos, que bem portuguez e digno é elle.

Oxalá que o sr. Palmeirim não pare n'uma carreira tão bem encetada. Para o poeta do povo — para o operario da liberdade ainda não chegou o dia do descanço. Um e outro ainda carecem muito dos esforços de todos os seus filhos.

D. M. D'O. MAYA.

---

# NOTAS DA 1.ª EDIÇÃO,

# NOTAS DA 1.ª EDIÇÃO

## Nota A.

O Suicidio ...... pag. 55.

Entendemos não dever fechar este volume de poesias, sem algumas notas que nos parecem indispensaveis, umas vezes como illucidação do texto, outras, como complemento algumas das poesias n'elle contidas. Começamos por transcrever aqui a seguinte poesia do sr. J. da C. Cascaes, intitulada «O Suicidio» em resposta á publicada pelo sr. Palmeirim, a paginas 55 d'este volume.

## O SUICIDIO.

AO MEU AMIGO, O SR. L.' A. PALMEIRIM.

> Whether't is nobler in the minde to suffer
> The stings and arrows of outrageous fortune
> Or to take arms against a sea of troubles,
> And by opposing end them?
>
> SHAKSPEARE;

Mancebo, teu passo incerto,
Teu magoado parecer,
Dizem, que ondêas afflicto,
Nos mares do padecer.

Vaes (tu dizes) em juizo
Dar a vida a quem t'a deu:
Se em juizo, os mais roubamos,
Ninguem rouba o que é seu.

Se marchas com passo incerto.
Como vaes tu em socego?
Porque te lembras da vida,
Se já lhe não teus apêgo?!

Buscas o termo a teus males
No porvir, que a morte dá;
Mas, d'esse paiz das sombras,
Que romeiro veiu já?

Quem disse, que além da campa,
Da vida as penas dão fim?
Que o fio do mal se quebra,
Que a sepultura é jardim.

Onde reflexos tremulam
Dos raios,que a lua envia,
Nas aguas depositadas,
Em elipuica bacia

Onde vive, namorando
O nascer e o pôr do sol,
No trinar de seus gorgeios
O plumoso rouxinol?

Onde, a viração ligeira,
Em doce beijo fremente,
Da flor o calice abrindo,
Roubando á flor a semente,

Converte o furto em riqueza,
Uma só morte fingindo;
Em cada bago, mil flores,
Mil vidas reproduzindo?!

Olha, se o cantor divino
Tão querido meu e teu,
Tasso por vingar desprezos,
A si proprio a morte deu.

Não deu, não: soffrendo tanto,
Poz no ceo toda a vingança;
Com fé viva, a Deus s'offerece;
E se pena,—em Deus descança.

Justiça'—Já Roma applaude.
Clemente desce do solio.
Vae por suas mãos sagradas
Coroal-o no capitolio.

Já é tarde! Mundo injusto
A corôa que outros honrára.
Não quiz Deus, que honrada fosse,
Pelo cisne de Ferrára.

Melhor corôa, que não murcha
Cinge, ó Tasso, a tua fronte:
Claro sol, de nuvens puro,
Eterno.—sem horisonte.

—E o cantor de tuas glorias,
Portugal, o teu Camões?
O filho, que á mãe deu vida,
O melhor de seus brazões?

Coitado! padece, esmola;
Vê a patria que desaba;
Roga a Deus, que o châme, o leve;
Assim morre; a patria acaba....

Oh! mas nunca o termo solta,
Da propria destruição;
Termo, que os braços armára
De Gilbert e de Catão.

Vê no ceo juizo seguro,
Do que fez, do que lhe fazem;
E resigna-se, e recebe
As esmollas, que lhe trazem.

Pois covarde, ninguem diga,
Esse braço, às armas feito,
Maior esforço não houve,
Nunca teve humano peito.

Vêde-m'o, a vencer as ondas
Empregando uma só mão!
A perder o sangue, a vista...
Mais valor têve Catão?

Acaso foi mais romano,
Do que o nosso —portuguez?
Fez Catão mais pela patria,
Do que o nosso Camões fez?!

—Ver extincto, o que mais ama,
Quebra o animo a Catão;
Dôr maior Camões affronta,
E'maior seu coração.

Um vendo a patria que morre,
Foge á dôr de a ver morrer.
Outro ainda ao vel-a morta,
Vive para a defender!

—Mancebo, suspende o passo;
Se em teu braço vae a morte,
Desarma-o: talvez em pouco,
A ti volva amena sorte.

Ingrato, não menosprezes
O presente do Senhor:
Vê que as feras o conservam;
Não queiras ser-lhe inferior.

No painel da vida humana
Tens quinhão a preencher.
Que luz, que sombra te caiba,
Toma a sorte por dever.

Embora, duro tormento
Afflija teu coração;
Põe em Deus os olhos d'alma.
Mais força terás então.

Duvidas? Medita o livro
Das acções de teus avós,
Dir-me-has, se elles mentiam,
E se não mentimos nós!

Abre as paginas modernas;
Verás o lume evangelico,
Nas trevas, allumiando
As prisões de Silvio Pellico.

A cada martyrio novo,
A cada mortal ferida,
Um novo raio d'esperança,
Surgindo de novo a vida!

Lê, medita esse thesoiro
De moeda sem egual;
Que o bem da vida não vende,
Não compra da morte o mal.

Dir-me-has, que mais esforço,
Se a coragem do suicida,
Se vivendo atormentado,
Martyr ser da propria vida.

## NOTA B

O Sebastianista . . . . . . . . . . pag. 91

Transcrevemos, da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, a seguinte carta remettida pelo autor á redacção d'aquelle jornal, enviando-lhe a poesia intitulada 'O SEBASTIANISTA. Serve de illucidação á nacional e popularissima lenda da acreditada vinda d'el-rei D. Sebastião. Eil-a:

Sr. Redactor. — Remetto, para ser publicada no seu acreditado jornal, essa lenda 'O SEBASTIANISTA' que o meu orgulho de autor me faz suppor com algum merito intrinseco.

Aborreço preambulos, porque de ordinario os que tenho visto, parecem escriptos de caso pensado para armarem á credulidade publica, fazendo passar por obras de cunho o que de sua natureza nasceu ôcco e enfesado. É-me, porém, impossivel deixar passar este meu pequeno trabalho, sem algumas observações prèvias.

Quando me lembrei de escrever esta lenda 'O SEBASTIANISTA,' procurei de antemão possuir os materiaes que

eu julgava indispensaveis para a construcção do meu edificio.

Apezar de Deus me não ter allumiado bastante, para me pôr ao nivel dos altos segredos da seita Sebastianista, procurei, como profano que era, rastejar-lhe os dogmas e mysterios, ajudado, n'esta improba tarefa, pelos escriptos e conselho dos mais abalisados prophetas.

Passei dias inteiros abraçado com o meu Bandarra; e noites mal dormidas, em que se não tiravam diante dos olhos as amarellas paginas, em que tinham sido depositadas as sagradas inspirações do 'MOIRO DE GRANADA', e do 'PRETO DO JAPÃO'!

Por vezes acordava sobresaltado, e posso jurar, se necessario fôr, que só de novo conciliava o somno, depois de ter lido e relido com fè viva, e robusta crença, as ardentes revelações da 'MADRE LEOCADIA,' e um livrinho da má catadura, attribuido vulgarmente ao 'BEATO ANTONIO,' que eu por mim não creio que com tamanha santidade se occupasse em coisas d'aquellas.

Já vêem, os que lerem a minha lenda, se alguem a ler, que não passa, nem podia passar, de um humilde traductor do que deixaram escripto apostolos de tanta valia. Em quanto á traducção, foi trabalho de consciencia! poderia demonstral-o em copiosissimas notas, todas textuaes; mas corria-lhe o risco de afugentar os leitores, receiosos de tanta erudição da minha parte, para demonstrar uma coisa que só muita crença e um atilado estudo podem supprir.

Depois d'este raciocinio resignei-me. E', porém, superior ás minhas forças deixar de declarar aqui, que tenho em meu poder um attestado de dois frades capuchos, em que juram aos Santos-Evangelhos, que estiveram com D. Sebastião na Ilha-Encoberta, no dia 30 de Julho de 1638!

Não devem comtudo receiar os crentes pela sorte do Desejado: porque, segundo os mesmos frades nos informam, andava sempre com dois leões por guarda de honra!

Vamos agora a fallar serio. Nada do que vae na len-

da é de improviso ou gratuito : as prophecias servem-lhe de base, e a minha crença intima suppriu o resto. A que veiu então o preambulo? Escrevio-o porque entendo que se algum merito póde ter o 'SEBASTIANISTA' é depois de desapparecerem os escrupulo ao leitor sobre a verdade da tradição, base essencial e indispensavel ás composições d'este genero.

Fica-me socegada a consciencia, tendo assim dado a todos os sebastianistas em geral, e a cada um em particular, uma prova de quanto lhe respeito as crenças.

A quem ficar desconfiado de que escrevi estas linhas pela vaidade de fallar de mim, peço-lhe que pense melhor, e mais christãmente ; antes de lançar ás costas do proximo um peccado mortal, de que o critico, e não eu, terá de pedir perdão a Deus.

## NOTA C.

Não morri ! . . . . . . . . . pag. 95

Publicamos em seguida a poesia do sr. J. da C. Cascaes, bem conhecido poeta dramatico, dedicada ao sr. Palmeirim, e que deu origem á poesia publicada a paginas 95 d'este volume.

## O POETA DORMENTE

AO MEU AMIGO O SR. L. A. PALMEIRIM

Morreu-te o canto — poeta
Sons da portugueza lyra,
Melodiosos vibrantes.
Porque, a lyra então quebraste?
Porque o teu estro d'outr'ora,
Hoje um som d'ella não tira ?

Extinguiu-se ethereo fogo,
Que allumia a mente — o peito,
D'esses, como tu, poeta,
Que buscam da gloria a meta,
Sem parar, na lida insana;
Qual onda em pendido leito?

Finou-se a vestal formosa,
Que nutria o lume teu?
Sua casta virgindade,
Impensada leviandade,
Acaso manchara, — e logo
O sacro fogo morreu!

Nem já te vagueam sonhos
Na deserta phantasia;
Outr'ora, mundo habitado,
De flores, jardim ornado,
Abobada em que fulgiam
Estrellas de poesia!

—Olha, bello, de mil fórmas
O matiz da natureza ...
D'aurora, suave brisa,
A tormenta, que horrorisa,
A lua, por entre selvas,
Alcantis de rude aspereza.

O sentir d'humana especie,
Em seu modulo infinito;
Desventura, paraiso,
Nos segredos d'um sorriso;
N'um lance d'olhos furtivo
As queixas d'um peito afflicto

Fundo ai, do centro d'alma,
Expressão d'acerba dôr,
De pobre, velho soldado,
Alma e corpo, á patria dado;
Por taça, de vil desprezo,
Bebendo ingrato amargor.

Galhardia, honra, virtudes,
Das eras, que já lá vão;
Esses corações leaes,
Homens, d'um rosto,—não mais;
Que bradavam com seus feitos
Ao mundo — somos nação!

Em mil pedaços a patria;
N'essa catadupa ingente;
Profundo cahos, medonho;
Realidade—não sonho,
Que o brilho do sol passado
Cobre de nuvem presente! . . .

Oh! nada d'isto, mancebo,
Te accorda, no coração,
Momentos sublimes d'alma,
Em que Deus, d'eterna palma
Corôa a fronte do poeta,
Ao crear-lhe a inspiração?!

—Pode tremula velhice
Levantar da morte o veo;
N'esse extremo adeus da vida,
Viver fria, adormecida;
Como caveira, que avulta
Na face d'um mausoleo.

Pode, carregada nuvem,
Na invernosa estação
Occultar inteiro rosto,
De sol nado, até sol posto,
Mas nuvem de primavera
Occultar o dia—não

Accorda poeta!—O somno,
Esse retrato da morte!
E' da materia sómente.
Se acaso repoisa a mente,
E' quando sonha;—não dorme:
Pertence-lhe immortal sorte.

Breve—já, sacode o peso
D'esse funesto lethargo:
Quem sabe, se o esquecimento
Vil algoz do pensamento,
Agora mesmo prepara
O teu despertar amargo?!

Quem sabe, se a liça agora
Conta novo campeão;
Hontem, occulta smeente-
Hoje, carvalho frondente,
Ha pouco, luz indistincta,
Agora, acceso clarão!

Sabes, se do fio d'oiro,
Com que julgavas suster
Brilhante carro de gloria,
Haverá sequer memoria.
Quem pode, do tempo a foice
Destemp'rar, amollecer?

Poeta, —de novo á lyra,
Mana, o trabalho constante
Da gloria — doce presente
Soltos, corram livremente
Sem cessar, os carmes teus :
Na mão a lyra, e—ávante!

Na mão a lyra ; não queiras
Incertezas d'amizade
Tornar em realidade,
Não seja, cruel verdade
Voz de funebre propheta :
—Morreu-te o canto, poeta ?...

## Nota D.

O Arabe.....................pag. 104.

Esta poesia é traduzida do poeta hespanhol, alguns annos residente em Lisboa, o sr. Bermudez de Castro. Dando-lhe cabimento n'este volume, cedemos, mais que tudo, ao desejo de dar a conhecer ao publico, pela traducção, um especimen de poesia moderna d'um povo tão nosso irmão, e tão pouco conhecido e avaliado entre nós A nação que tem a gloria de possuir Zorrilla, Espronceda, Larra e Martinez de la Rosa, deve ser conhecida e avaliada no paiz que conta no numero dos seus primeiros poetas, Garrett, Castilho, João de Lemos, e Serpa Pimentel. Foi ests nosso intuito, dando logar n'este volnme á traducção da poesia hespanhola O Arabe.

## Nota E.



Talvez não devesse ter sido aqui collocada, n'este primeiro livro, o romance ou canção a que alludimos, visivelmente inspirada da bonita e singela poesia de Béranger, intitulada Le Chasseur et la Laitiere. Quando aqui a publicámos ainda não era intenção do autor dividir o livro em tres partes, como depois fez.

## Nota F.



Esta poesia do sr. Luiz Augusto Palmeirim, publicada em todos os jornaes, e recitada em todos os theatros da capital, e a que o autor deveu o seu primeiro triumpho poetico, foi depois acremente censurada n'um jornal litterario publicado em Lisboa. intitulado o Pharol. O sr. Palmeirim acceitou a critica, e a poesia Luiz de Camões sae hoje correcta, em tudo a que alludiu o referido jornal.

A immensa voga que teve esta poesia, desculpa-nos de transcrevermos aqui o artigo publicado na Revista Universal Lisbonense, em que narra o effeito que ella produziu, recitada pelo sr. Rosa; no theatro de D. Maria II, servindo depois de estimulo, que pegou como moda, de ser estudada a declamação do verso portuguez, quasi que em desuso nos nossos theatros.

Esta poesia acaba de ser posta em excellente musica, pelo bem conhecido Maestro, o sr. Angelo Frondoni, e cantada em varias philarmonicas e salões de Lisboa. O artigo a que nos referimos, e que diz respeito á decla a-ção do Camões pelo sr. Rosa, é como se segue.

# O CAMÕES.

O sr. Rosa, recitando a poesia, seguiu os verdadeiros preceitos, que regulam a declamação moderna.

Facilmente se observava que havia sido estudada perfeitamente. O sr. Rosa mostrou-se não só dominado pelo pensamento de cada verso, como tambem inspirado por algumas das palavras mais notorias, em que o poeta havia tambem deixado o cunho do seu genio.

O tom grave e pavoroso, com que a palavra Adamastor lhe saiu dos labios, foi prova de que o actor havia estudado a gigantesca creação de que o poeta fallava. Todos os nomes que a poesia contém, foram proferidos como quem sabia a historia dos heroes, em que fallava. Em o nome de Camões, a inspiração fez voar sempre as syllabas pelas vastas regiões do pensamento. Sobre o nome de Petrarcha dir-se-hia que a Laura havia derramado uma lagrima; o nome de Tasso, parecia um suspiro de louco amor; o nome de Ignez foi como um gemido que vem do sepulchro accordar os vivos; e a gravidade austera com que disse o nome de Castro transformou-se em canoro som para fallar do Gama. Este vigor de expressão conservado nos nomes e nas palavras de mais vulto cresceu de ponto na harmonia que ligava o pensamento magestoso de toda a composição

Foi intima a convicção com que repetiu os dois versos em que o sr. Palmeirim descreve inteira a alma de Camões.

Tinha mais alma que o Dante,<br>
Cantava com mais amor.

Produziu um effeito novo a maneira vaga, com que o sr. Rosa disse:

Vêde bem o sentimento,<br>
Com que dá, soltas ao vento,<br>
Queixas mil do seu tormento'<br>
Tristezas do seu trovar!

Essa declamação indefinida, que tanto captiva os espectadores, era a transição para a magestade com que a harmonia cheia e forte do periodo revestia aquellas sublimes palavras da oitava que se seguia:

A sorte fêl-o poeta
Das cinzas da pobre Ignez:
O mundo fêl-o propheta
Do destino portuguez!

Os applausos, que repetidas vezes haviam interrompido o actor, chegaram a ponto, que o fizeram parar no meio d'esta oitava. A pausa mostrou que o sr. Rosa estava muito commovido. Parecia que o pranto suffocava todos os espectadores, e esta especie de electricidade, communicada ao publico pelo artista era apenas o effeito da inspiraçã o ligada com o genio.

O mesmo effeito produziram os versos:

O nosso nome temido,
Hoje... só é conhecido
Pelos cantos de Camões!

Seria longo referir o effeito de cada verso, mas não podemos deixar de fallar nas lagrimas que rebentaram de todos os olhos quando entre soluços, vindos do coração, o sr. Rosa disse:

Que poeta! e que soldado!
Que trovador tão leal;
De todos abandonado
Só achou... um hospital.

A descripção dos *Lusiadas*, na oitava que principia

Alli vivem as victorias,

foi sublime. Não houve uma só pausa, que não fosse cheia por bravos geraes

Na ultima oitava, o sentimento amargo que encerram as palavras

> D'aquelle genio portento
> Não temos outros signaes,

passou para o tom nobre com que vingou a memoria do grande poeta repetindo:

> Mas que importa se a memoria
> Do cantor da nossa gloria,
> Alcançou maior vitoria
> Nos seus cantos colossaes!

As pessoas que assistiram á recitação do Camões, guardarão para sempre a sensação que não tentamos descrever, porque só pelo ouvido se comprehende. Quando o sr. Rosa se retirou, todas as vozes chamaram pelo poeta, que, no verdor dos annos, colhera as palmas de tamanho triumpho: o sr. Rosa voltou á scena, e mui delicadamente agradeceu ao publico em nome do autor, que não estava presente.

## Nota G.

A Primavera............ pag. 121.

Esta poesia foi escripta com o visivel intuito de tirar da rima o partido que os poetas francezes, á frente dos quaes collocaremos Victor Hugo, timbram e se esmeram, como reacção necessaria, ás, na generalidade, deslavadas composições do fim do seculo passado.

Entre nós os srs. Antonio de Castilho. Mendes Leal, João de Lemos, e Antonio de Serpa teem constantemente trabalhado para dar realce á poesia, pelo primor das formas, com escolhidas combinações de rimas. Do sr. Cas-

tilho são muitos os exemplos a citar, mas a chacara da SENHORA DA NAZARETH é um modelo apreciavel, entre a abundancia de outros do mesmo autor.

Do sr. João de Lemos O FESTIM DE BALTHASAR, do sr. Mendes Leal O AVE CESAR, e do sr. Antonio de Serpa A GREGA, são tambem modelos de poemetos, em que o primor da forma muito contribuiu para dar réalce a estas composições.

Comtudo, este não é o genero do sr. Palmeirim; e, se escreveu a PRIMAVERA como uma tentativa, nem por isso foi sua intenção abdicar aquelle em que são escriptas uma grande maioria das suas composições.

NOTA H,

Esperança ou Receios?.. pag. 131.

Estes versos foram escriptos para serem recitados no theatro de D. Fernando pela menina Maria Amalia Macedo, artista ainda no verdor dos annos, e que, se em Portugal houvesse uma bem organisada escola de declamação, poderia de futuro honrar a arte a que se dedica. Não é aqui o logar para considerações d'esta natureza, e por isso só lamentaremos, senão a decadencia, pelo menos o vergonhoso estacionamento da arte dramatica em Portugal. De muitos estabelecimentos nullos com que o estado está sobrecarregado, nenhum no nosso modo de entender é tão nullo, como o conservatorio actual com a pessima organisação que tem.

NOTA I,

Os Desterrados.......... pag. 138.

Esta poesia é a que se allude no juizo critico do sr. Lopes de Mendonça, impresso no fim d'este volume. O autor publica-a, sem receio de ser accusado pela sua acrimonia, attentas as circumstancias excepcionaes em que pela primeira vez foi publicada no Porto.

### NOTA K.

Melancolia.......... pag, 144.

Estes versos, A INNOCENCIA e A AMIZADE, foram as primeiras tentativas poeticas publicadas pelo autor, estando ainda no collegio militar. Com repugnancia do sr. Palmeirim as inserimos n'este volume, por nos parecer que deveria ir o mais completo possivel. Só não aproveitamos aquellas, em que não pudemos vencer o autor a annuir á sua publicação:

### NOTA L.

A Virgem e o Sepulchro. pag. 146.

Antecipamos aqui uma accusação de plagiato que talvez possam dirigir ao autor. A VIRGEM E O SEPULCHRO resente-se da leitura da bellissima Oriental de VICTOR HUGO intitulada FANTOMES e que começa;

Helas! que j'en ai vu mourir de jeunes filles!

O sr. Palmeirim não tem a estulta vaidade de se persuadir, que possa haver confronto entre a Oriental de VICTOR HUGO e a sua poesia. Mas nós, prevenindo a critica, entendemos dever aclarar este assumpto. VICTOR HUGO mata mais «jeunes filles» n'esta poesia só, do que o sr. Palmeirim em todo o seu livro.

A Oriental do autor da NOTRE DAME é um verdadeiro tributo das CEM DONZELLAS: a poesia do sr. Palmeirim é apenas a necrologia d'uma que morreu dançando.

Para não metterem o autor em danças, não nos arrependemos d'esta nota.

### NOTA M.

Meditação............ pag. 152.

Esta canção, ou como lhe queiram chamar, apezar de

não ser tida em grande conta litteraria pelo seu autor, é popularissima, principalmente no exercito.

Sem musica propriamente escripta para ella, o povo tem-na amoldado a varias toadas populares, e é conhecida pelo titulo de AMORES DO SOLDADO.

Foi escripta em 1846, durante o tempo da revolta, chamada da MARIA DA FONTE. Achamos razão ao autor, em dizer no prologo d'este livro, que o momento e as affeições do povo alentam a crença, e desinvolvem ou vigoram os instinctos poeticos. Esta poesia, acceita primitivamente no Minho, não só n'esta provincia é hoje conhecida e cantada.

NOTA N.

Caçada Real.............. pag, 172.

Este romance, lenda, ou o que é, foi severamente accusada de immoral, por um jornal litterario que então se publicava em Lisboa. Cremos que o autor lhe não daria aqui cabimento, se não estivesse convencido de que a critica era mais do que infundada. Se este conto é immoral, a historia que diz o que narra o conto, e D João v, que fez o que a historia não nega, não podia aqui ser apresentado com feições diversas. Se as portas do convento de ODIVELLVS se abriram com effeito, não creio que o escriptor, nem o critico, se devam dar ao trabalho de as ir pudicamente fechar..

NOTA O

Os Desejos do Infante...pag. 180.

Esta canção é do Alemtejo, a provincia mais povoada de contos e tradições de todo o reino. A primeira quadra é textual, assim a ouvimos alli repetir amiudadas vezes. O resto é como ampliação, ou complemento, á apreciavel singeleza que respira a primeira quadra, [que no Alemtejo se decora ainda no berço, e repete geralmente entre o povo.

NOTA P

S. Gonçalo d'Amarante.... pag. 186.

Esta lenda tem uma certo base historica, ou, para melhor dizer, tradicional. O autor aproveitou essa base, seguindo depois, e desinvolvendo racionalmente as tendencias do Santo, que não podem ser de certo as de *casamenteiro das velhas*. Não dariamos estas explicações, se o autor não tivesse ficado receioso que algum academico, dos da batalha D'OURIQUE se saisse a campo com alguma *desaffronta em defesa* de S. Gonçalo, e por isso nós nos mettemos como medianeiros na questão, para evitar futuros desgostos á Academia.

NOTA Q.

A Lareira................pag. 191.

Este conto e a CEIFEIRA, publicada a paginas 212 de esta collecção, foram primorosamente recitados pela distincta actriz a sr.ª Emilia das Neves em beneficio de militares progressistas, compromettidos pelos successos politicos de 1857. Consignamol-o aqui, como bem merecido elogio á artista, que mais d'uma vez concorreu, pèlo seu notavel talento, para tornar menos penosa a triste situação de benemeritos e distinctos officiaes.

NOTA R.

Anninhas.............. pag. 197.

Esta toada popular do Ribatejo foi pelo autor aproveitada como ensáio da canção, ou mais propriamente «cantiga» antiquissima em França; e modernamente aproveitada com um genio, e um tacto admiraveis por BÉRANGER, o mais bemquisto, senão mesmo o primeiro poeta francez. A razão porque o *refrain*, estribilho, não mereça as

honras da importação, nem é justificavel, nem mesmo plausivel. Não queremos dizer com isto que o genero seja uma novidade em Portugal. Não é. Tinha porém caido em desuso: e banido das obras d'arte, é apenas hoje conservado no povo, sempre fiel ás tradições litterarias.

Como editores, mal nos cabiam as pretenções a eruditos: nem discutimos generos, nem pleiteamos antiguidades, nem preeminencias litterarias de nação. Resta-nos dizer, que não julgamos mais poetico nem mesmo mais racional o *tonton, tonteine, tonton*, dos francezes, do que o nosso *zigue-zigue-zai*, portuguez, ou qualquer estribilho tão destituido de senso-commum como estes.

## Nota S.

As Tres Encantadas...... pag. 200.

Já algumas pequenas poesias tinham sido publicadas pelo sr. Palmeirim, quando imprimiu esta na Revista Universal, então redigida pelo distincto poeta o sr. A. F. de Castilho. Muitas vezes temos ouvido ao autor, que á bondosa animação com que fôra recebido pelo sr. Castilho, deveu o animo com que continuou a dedicar-se á poesia. Não é só ao sr. Palmeirim a quem temos ouvido fazer egual confissão. Parte da mocidade que hoje escreve deve ao autor dos Ciumes do Bardo e do Amor e Melancolia ou exemplo ou conselho. Se muita honra n'isto cabe ao sr. Castilho, tambem prova que se não perdeu por ingratos.

## Nota T.

O Trovador.............. pag. 201.

Este genero «solau» foi encetado pelo sr. José Freire de Serpa, autor d'um volume de solaus, apreciaveis pelo singelo perfume de nacionalidade que respiram. Entre outros a Cidazunda, ou o Brazão de Coimbra, e o intitulado Dona Lucinda Moniz são na nossa opinião os mais perfeitos debaixo d'este ponto de vista.

## Nota U.

A Vivandeira.............. pag. 216.

Esta canção, escripta de proposito para ser posta em musica pelo sr. Miró, logrou o exito mais feliz. O sr. A. F. de Castilho fez na Revista Universal a devida justiça ao tacto musico, e bom gosto litterario, com que o sr. Miró entendeu o verdadeiro genero e indole d'estas pequenas composições. E'raro encontrar, em Portugal, um compositor que queira, ou saiba descer á chistosa simplicidade que requer a canção, para poder facilmente ficar na memoria de quem ouve a musica. Por isso não temos ainda canções propriamente nacionaes, como todos os mais paizes. Somos, se somos, um pallido reflexo da Andaluzia, provincia abundante em cantigas d'uma individualidede *sui generis*. As tentativas que em Portugal se teem feito para encetar este genero, não merecem menção, se exceptuarmos a musica escripta pelo sr. Pinto para as canções do Alfageme do sr. Garrett, e a composta para a Vivandeira pelo sr. Miró. Pessimamente cantada, no theatro do Gymnasio, ainda assim o talento do sr. Miró pode conseguir que sobrevivesse incolume á ronceira execução da cantora. Comprazemo-nos em registar o triumpho obtido pelo sr. Miró d'um genero que fingem desprezar os nossos improvisados Donizettis.

A raposa da fabula diz que são verdes... quando lhe não pode chegar!

## Nota V.

Recordações da Peninsula.. pag. 234.

Estes cantos, que teem por base uma epoca historica, e um certo colorido local, foram, quando o autor os co-

meçou a apresentar ao publico, perfeitamente recebidos. Recitados todos, umas vezes no theatro de D. Maria II, pelo sr. Rosa; outras no Gymnasio, pelo sr. Braz Martins; eram entre-actos obrigados em todos os theatros particulares da capital e das provincias.

Imitações mais do que deslavadas mataram o genero, que tinha merecido as honras da parodia ao espirituoso e distincto critico o sr. Latino Coelho. Hoje, o autor suppõe uma grande difficuldade rehabilitar este genero, morto ás mãos de semsaborissimos imitadores.

A historia da Guerra da Peninsula pelo general Foy foi o auxiliar mais poderoso consultado n'um paiz, aonde não ha um unico livro portuguez que trate do assumpto!

## Nota X.

Gomes Freire.......... pag. 234.

O general Gomes Freire, fuzilado em 1817, não serviu em Portugal durante o periodo que decorre de 1808 a 1814. Contemporaneo porém d'estes acontecimentos, illustrou pelos seus largos conhecimentos e provado valor a terra em que nascera. Rivalidades com o general Beresford, ou antes as suas reconhecidas tendencias liberaes, motivaram o desgraçadissimo fim que teve.

A biographia de Gomes Freire no Panorama pelo sr. Rodrigo Felner, é um poderoso auxiliar historico, que deve ser consultado por quem desejar saber os precipitados lances d'aquelle drama de sangue, começado e findo na Torre de S. Julião da Barra. O general Gomes Freire quiz antecipar o progresso das idéas liberaes em Portugal, e morreu victima das suas patrioticas tentativas.

## Nota Z.



O assumpto d'este conto tem um quer que seja de verdade. Estes amores, se bem que romanescos, foram assim contados ao autor, mas mettidos a bulha pelo velho chronista que os narrava.

A sextina:

Nos pontos mais avançados
A foram por fim topar!
Recostada sobre a relva
Sem bulir, nem respirar!
Morrera tambem a triste,
Morrera sem se casar!

era pelo chronista contada em rasa e prosaica linguagem de tarimba, com um tom e sal comico admiraveis. Bem averiguada a razão, o bom do soldado fóra casado tres vezes, e fóra tambem victima, no terceiro enlace matrimonial, de todos os contratempos descriptos por Béranger na sua canção Les Trois Maris. Por isso o narrador foi dado por suspeito, e restabelecida a verdadeira poesia d'este conto.

FIM.

# INDICE

## LIVRO I.

### POESIAS LYRICAS.

## LIVRO II

### POESIAS POPULARES



## LIVRO III.

### RECORDAÇÕES DA PENINSULA